

CARLOS ALEXANDRE MOLINA NOCCIOLI

**ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS NA
DIVULGAÇÃO DE TEMAS TABU NA REVISTA
*SUPERINTERESSANTE***

**Dissertação apresentada à Universidade
Federal de Viçosa, como parte das exigências
do Programa de Pós-Graduação em Letras,
para obtenção do título de *Magister Scientiae*.**

**VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2010**

CARLOS ALEXANDRE MOLINA NOCCIOLI

**ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS NA
DIVULGAÇÃO DE TEMAS TABU NA REVISTA
*SUPERINTERESSANTE***

**Dissertação apresentada à Universidade
Federal de Viçosa, como parte das exigências
do Programa de Pós-Graduação em Letras,
para obtenção do título de *Magister Scientiae*.**

APROVADA: 20 de dezembro de 2010.

Prof.^a: Maria Carmen Aires Gomes
(Co-orientadora)

Prof.^a: Mônica Santos de Souza Melo
(Co-orientadora)

Prof.: William Augusto Menezes

Prof.: Ernane Correa Rabelo

Prof.^a: Cristiane Cataldi dos Santos Paes
(Orientadora)

Dedico esse trabalho aos bons professores,
os verdadeiros mestres da arte de divulgar ciência.

Se o tabu mexe conosco, não é por despertar em nós ecos longínquos de dramas primitivos. É porque lembra, hoje, que o homem é para sempre um enigma, e que a vida nos devora à medida que a tentamos decifrar. Para nos orientar neste mundo sem sentido, precisamos ordená-lo, organizá-lo, atribuir-lhe limites precisos. Mas o tabu está aí para sinalizar que todo limite pede para ser ultrapassado, e que a estranheza é a nossa substância. O fascínio do tabu é o fascínio do espelho.

(Monique Augras)

AGRADECIMENTOS

Minha mãe sempre quis que eu estudasse. Só não sei se ela imaginava que iria ser tanto. E meu pai, quando da realização do meu mestrado, disse: “Isso dá um trabalho, né?”. E ele estava certo, mais uma vez. O meu agradecimento, pois, em especial e, sobretudo, a essas duas figuras tão essenciais. Maria Silvia Molina Noccioli e Otávio Noccioli, minha eterna gratidão pelo brilhante apoio, ao me mostrarem que a educação é o melhor caminho para se formar verdadeiramente um indivíduo apto a tornar possíveis realizações, as quais, sem instrução, poderiam ficar apenas no plano da “boa vontade”; para isso, dispuseram-se, até a abrir mão da nossa convivência material – mas nunca a espiritual. Considero-me sempre grato pelas grandes asas que puderam me proporcionar, constituem-se eternos responsáveis por todas minhas realizações (grifo meu). Mesmo sem dominar a ciência idiossincrática da academia, souberam divulgar a mim, com sábia destreza, a ciência da vida. Foram os primeiros a não negarem respostas aos meus tantos “por quês?”.

Aos meus irmãos, Vivian e Helder, por tudo que me ensinaram por antecedência, enriquecendo-me de um mundo a ser descoberto, previamente destrinchado na teoria.

À minha amada parceira Giovanna, que sempre deu amplo entusiasmo para me tornar uma pessoa melhor, enxergando qualidades em mim que, tenho certeza, só poderiam ser coisa dos olhos dela. Olhos esses capazes de idealizar, junto com os meus, um futuro nobre. Enfrentamos, assim, juntos, todos os percalços da frenética vida de quem se dedica ao estudo e à educação. Do lado de um grande homem, sempre existe uma grande mulher.

À minha orientadora, professora, amiga e mãe acadêmica Cristiane, que me mostrou como nossa sorte, muitas vezes, pode estar acima do que acreditamos ser o melhor caminho. Sou muito grato por todos os conselhos profissionais e pessoais, os quais me orientaram na profissão e na vida.

Aos meus amigos e companheiros de DLA, Adriana, Carla, Eliana, Leandro, Nazaré, Nilson, Rose, Zé Maria e aos professores, dos quais fui aluno e tive, posteriormente, a honra de ser colega.

Aos veteranos Dudu Luiz, Marcos Eduardo, Xanda e Enzo. Pessoas inteligentemente amigas que serviram de exemplo no curso de Letras.

À Maria Carmen e à Mônica, pela atenção, pelo zelo e pelo préstimo a meu percurso acadêmico. Devo grande fatia do que aprendi a essas professoras.

À UFV e a Viçosa como um todo. Instituição e cidade acolhedoras, são prova de que um bom filho sempre a casa torna.

Aos professores Ernane e William, pela gentileza no que se refere à disponibilidade para avaliação do trabalho.

À divertida e amiga “República dos Leitão”, reduto de risadas e academia de chistes de duplo sentido.

E a Deus, que tanta luz me proporciona para constantemente enveredar pelo bom caminho da retidão. Obrigado pelo brilho que sei que vem de Ti.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	viii
LISTA DE QUADROS.....	ix
RESUMO.....	x
ABSTRACT.....	xi
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. OBJETIVOS.....	4
2.1. Objetivo geral.....	4
2.2. Objetivos específicos	4
3. JUSTIFICATIVA	5
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	8
4.1. Análise do Discurso da Divulgação Científica.....	8
4.1.1. Divulgação da ciência e popularização do saber.....	11
4.1.2. O processo de recontextualização da informação sobre ciência.....	14
4.1.2.1. Expansão.....	15
4.1.2.2. Redução.....	16
4.1.2.3. Variação.....	16
4.1.2.4. Estratégias divulgativas.....	17
4.2. Teoria das Representações Sociais.....	21
4.2.1. Um panorama da teoria.....	21
4.2.2. Uma particular representação social: o tabu	24
4.3. Mulher, corpo, sexo e outras coisas perigosas.....	26
5. METODOLOGIA.....	33
5.1. Da caracterização da revista.....	33
5.2. Da coleta de dados.....	37
5.3. Da análise.....	39
6. A <i>SUPERINTERESSANTE</i> COMO OBJETO DE ANÁLISE.....	41
6.1. A recontextualização do discurso sobre ciência na <i>Superinteressante</i>	41
6.1.1. SUPER 252-02: <i>Quando a máquina dá pau</i>	42
6.1.1.1. Procedimentos linguístico-discursivos de <i>expansão, variação e redução</i>	46
6.1.2. SUPER 253-03: <i>O ponto G existe?</i>	57

6.1.2.1. Procedimentos linguístico-discursivos de <i>expansão, variação e redução</i>	61
6.1.3. SUPER 253a-04: <i>Por que os homens têm peitos?</i>	65
6.1.3.1. Procedimentos linguístico-discursivos de <i>expansão, variação e redução</i>	68
6.1.4. SUPER 255-05: <i>Sexo no laboratório</i>	73
6.1.4.1. Procedimentos linguístico-discursivos de <i>expansão, variação e redução</i>	77
6.1.5. SUPER 249-01: <i>A ciência do palavrão</i>	97
6.1.5.1. Procedimentos linguístico-discursivos de <i>expansão, variação e redução</i>	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	123
ANEXOS.....	127
Anexo 1: SUPER 249-01.....	127
Anexo 2: SUPER 252-02.....	132
Anexo 3: SUPER 253-03.....	137
Anexo 4: SUPER 253a-04.....	139
Anexo 5: SUPER 255-05.....	141

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: esquema no texto SUPER 255-05 da divulgação de <i>descoberta científica</i>, antecedida pelo <i>procedimento metodológico</i>.....	80
Figura 2: esquema no texto SUPER 255-05 da divulgação de <i>descoberta científica</i>, seguida do <i>procedimento metodológico</i>.....	84
Figura 3: esquema no texto SUPER 255-05 da divulgação de <i>descoberta científica</i>, antecedida pela <i>motivação</i> e pelo <i>procedimento metodológico</i>.....	84

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: descrição do <i>corpus</i> de análise.....	39
Quadro 2: <i>variações</i> encontradas no texto SUPER 252-02 para “genitália masculina”	52
Quadro 3: <i>variações</i> encontradas no texto SUPER 252-02 para “desejo sexual, potência e ereção”.....	53
Quadro 4: <i>variações</i> encontradas no texto SUPER 252-02 para “impotência sexual masculina”	53
Quadro 5: <i>variações</i> encontradas no texto SUPER 252-02 para “ato sexual”.....	54
Quadro 6: <i>variações</i> encontradas no texto SUPER 255-05 para “pênis-câmera”...94	
Quadro 7: <i>variações</i> encontradas no texto SUPER 249-01 para “palavrões”.....	115

RESUMO

NOCCIOLI, Carlos Alexandre Molina, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, dezembro de 2010. **Análise das estratégias linguístico-discursivas na divulgação de temas tabu na revista *Superinteressante***. Orientadora: Cristiane Cataldi dos Santos Paes. Co-Orientadoras: Maria Carmen Aires Gomes e Mônica Santos de Souza Melo.

Este trabalho, inserido no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso da Divulgação Científica, associado à Teoria das Representações Sociais, busca analisar o tratamento linguístico-discursivo das informações acerca de tópicos temáticos tradicionalmente vistos como tabu relacionados a questões sexuais que representam o homem e a mulher, publicados durante o ano de 2008, na revista brasileira de divulgação científica, a *Superinteressante*, destacando-se como o conhecimento em questão é representado socialmente ao se considerar a linha editorial da revista. Os resultados de nossa análise comprovam que a *Superinteressante* promove a aproximação entre a informação técnica-científica e as concepções típicas das relações sociais habituais, divulgando e, ao mesmo tempo, fomentando a curiosidade em relação ao conhecimento que envolve os aspectos sexuais humanos. Entretanto, a revista em análise não parece ser apenas um veículo de difusão de conhecimento cujo único escopo seja tornar a informação mais acessível; ao contrário, demonstra ter como propósito comunicativo ironizar temas de caráter científico considerados tabu, em vista de uma maior identificação com seu público leitor. Assim, a linguagem da *Superinteressante* não é simplesmente constituída de um registro divulgativo destinado ao público geral, mas de uma linguagem chistosa que (in)forma o leitor sobre certos conhecimentos de caráter científico, por meio de anedotas e jogos de linguagem jocosos.

ABSTRACT

NOCCIOLI, Carlos Alexandre Molina, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, December, 2010. **Analysis of linguistic and discursive strategies in the dissemination of taboo subjects in the *Superinteressante* magazine.** Advisor: Cristiane Cataldi dos Santos Paes. Co-Advisors: Maria Carmen Aires Gomes and Mônica Santos de Souza Melo.

This work, which is inserted in the theoretical and methodological framework of Discourse Analysis of science communication and associated with the Theory of Representations, aims to analyze the linguistic and discursive processing of information on thematic topics traditionally seen as taboo, those ones related to sexual issues that represent man and woman, and published during the year 2008 in *Superinteressante*, a Brazilian magazine of scientific dissemination; highlighting how knowledge is socially represented when considering the editorial line of the magazine. The results of our analysis show that the *Superinteressante* promotes a closer relation between the scientific-technical information and the typical concepts of the usual social relationships, advertising and, at the same time, fostering the curiosity about the knowledge that involves human sexual aspects. However, the magazine in question does not seem to be just a vehicle for dissemination of knowledge whose only scope is to make information more accessible, but rather, it demonstrates its communicative purpose is to be ironic about topics considered taboo, longing for a greater identification with their readership. Thus, the language of *Superinteressante* is not simply constituted of a divulgation record to the general public, but of a facetious language that informs and educates the reader on some knowledge of scientific feature, through anecdotes and humorous language games.

1. INTRODUÇÃO

Buscando-se uma análise em torno do tratamento linguístico-discursivo de informações sobre temas considerados tabu, referentes a questões sexuais que representam o homem e a mulher, em nossa sociedade contemporânea ocidental, elegemos a revista *Superinteressante* para verificar como o processo de recontextualização do discurso sobre ciência ocorre na mídia impressa brasileira.

Quando nos referimos à reformulação do discurso científico em discurso geral, ou seja, a transposição do discurso da esfera técnica para a esfera do público leigo, emerge uma questão central da nossa discussão: como o discurso sobre ciência é apropriado pela revista em questão no espaço concreto e ideológico destinado ao público-leitor?

O tópico de trabalho desta pesquisa compreende o arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso da Divulgação Científica, associado à Teoria das Representações Sociais como forma de estudo das representações sobre temas considerados tabu na mídia impressa brasileira. A intenção seria oferecer uma contribuição à Linguística, especificamente à Análise do Discurso, no tocante ao processo da divulgação científica¹, realizado muitas vezes por mídias cuja missão é o recrutamento de certas estratégias para que as informações específicas do campo científico atinjam um interlocutor inscrito no quadro do “público geral”².

Por essa razão, faz-se interessante analisar o tratamento linguístico-discursivo das informações de caráter científico na mídia impressa acerca de tópicos temáticos referentes a aspectos sexuais humanos, tradicionalmente vistos como tabu, uma vez que suscitam discussões polêmicas e, conseqüentemente, estratégias de reelaboração, em termos, não só de intercâmbio de registro, mas também de modalização e adaptação do discurso, a fim de que se pondere acerca dos impactos que poderiam causar uma informação de caráter interdito em determinadas convenções sociais.

¹ Segundo o Portal do Jornalismo Científico, “o Jornalismo Científico diz respeito à divulgação da ciência e tecnologia pelos meios de comunicação de massa, segundo os critérios e o sistema de produção jornalísticos”. Na esteira da conceituação desse termo, destacamos, segundo Bueno (1985), outras terminologias que merecem ser mencionadas: “Divulgação Científica”; “Difusão Científica”; “Disseminação Científica”. Divulgação Científica “compreende a utilização de recursos, técnicas e processos para a veiculação de informação científica e tecnológicas ao público geral” (p. 1421); Difusão Científica é “todo e qualquer processo ou recurso utilizado para a veiculação de informações científicas e tecnológicas” (1420); e Disseminação Científica “diz respeito à circulação de informações científicas e tecnológicas entre especialistas de uma área ou de áreas conexas”, além da “circulação de informações científicas e tecnológicas entre especialistas que se situam fora da área-objeto da disseminação” (p. 1421).

² Usando a terminologia “geral” em oposição à concepção de “técnico”, “especialista”.

O encontro do âmbito científico com a experiência social cotidiana obriga uma troca de registros. O processo de divulgação de informação, abrangendo desde a coleta de informações selecionadas para serem organizadas até a reformulação do discurso, presta-se a um grande número de estratégias comunicativas. Cataldi (2007a) aponta algumas delas, na esteira de um trabalho desenvolvido por Calsamiglia (1997): o léxico passa a ser composto por vocabulário comum; a sintaxe deixa de estar sujeita à ordem canônica; o texto transforma-se em uma entidade aberta e heterogênea, com possibilidades de associar seu conteúdo a temas da vida cotidiana, bem como recorrer a imagens, fotografias, infográficos³, ilustrações, quadros etc.

Partindo da ideia de que, para efeitos de estudos discursivos, não se podem desconsiderar as circunstâncias de produção, uma vez que “existe uma profunda relação entre a linguagem e o contexto sócio-histórico em que ela se insere” (MELO, 2007, p. 105), uma proposta para a configuração do *corpus* de análise seria o estabelecimento deste, levando-se em conta as publicações acerca de tópicos temáticos referentes a tabu, observados no decorrer do ano de 2008. A questão temática central que se pretende desenvolver nessa pesquisa refere-se ao processo que caracteriza a divulgação científica em termos das estratégias linguístico-discursivas utilizadas na difusão de temas relacionados ao tabu na mídia impressa brasileira.

Partindo-se da concepção de que para que uma informação específica do campo científico possa ser compreendida por um alocutário leigo seja necessário um tratamento linguístico-discursivo das informações, trabalhamos com a hipótese de que a revista *Superinteressante* se configura como campo fértil para o estudo do processo de recontextualização, já que o texto de divulgação científica caracteriza-se a partir da construção de um novo discurso em consonância com o contexto sócio-comunicativo em que a informação reformulada se apresenta.

Uma vez que a *Superinteressante* funciona como veículo mediador para a aproximação entre a informação técnica-científica e as concepções típicas das relações sociais habituais, supomos alguns propósitos comunicativos inerentes à revista, tais como divulgar, debater e/ou fomentar a curiosidade em relação ao conhecimento que

³ Representações visuais de informação, através das quais gráficos são usados para explicar informações com mais dinamicidade. Essa ferramenta, muito útil para a comunicação visual científica, serve de subsídio ao jornalismo para descrever como acontece dado processo, que o próprio texto ou uma simples foto não dão conta de explicar. Vale a pena ressaltar que algumas dessas estratégias que compõem o *design* da revista, em particular os infográficos, combinações de fotografia e desenhos, típicos de manuais técnicos, educativos e científicos, renderam à *Superinteressante* condecorações em eventos internacionais como, por exemplo, a *Malofiej*, maior premiação do gênero no mundo, cujo prêmio é dado anualmente pela *Society of Newspaper Design* em parceria com a Faculdade de Comunicação da Universidade de Navarra, na Espanha.

envolva algum tipo de tabu: em nosso caso particular, o que tange a aspectos sexuais humanos.

Apesar das estratégias divulgativas utilizadas, a própria revista em questão não deixaria de ser uma revista de divulgação científica. Graças a essa moldura, mesmo tencionando divulgar informação – a partir de reformulações discursivas –, a suposição seria a de que a revista não deixará de lado os jargões científicos. De acordo com Isaltina Gomes (2007, p. 168), embora a utilização de termos técnicos possa não gerar problemas de compreensão para o público leigo, “é grande a possibilidade de o texto ou parte dele se tornar incompreensivo se esses termos forem usados sem qualquer tipo de procedimento explicativo”.

Portanto, faz-se importante um trabalho que promova uma investigação acerca dos processos divulgativos, em termos de reformulação e recontextualização da terminologia técnica, referentes a temáticas polêmicas, como é o caso dos tabus, em uma revista de divulgação científica destinada ao público geral⁴. Desse quadro do leitor geral, destaca-se em relação à *Superinteressante* que seu público é designado pela própria revista como formado por “leitores jovens (29 anos em média) que realmente se interessam pelo que está dentro” dela (DORIA, 2007).

⁴ Embora a própria revista não designe explicitamente seu público, até mesmo por uma questão de conveniência de mercado, expondo-se livremente ao consumo de qualquer pessoa que se interesse pela mesma, no entendimento de Lima (2009), desde o início a *Superinteressante* desbravava “o seu nicho no público jovem” e, mais especificamente, o público adolescente, oscilando entre o inusitado e o cientificismo, à luz de um paradidatismo que poderia ser visto como complementação do conteúdo escolar. Em sua segunda gestão (1994-1998), a revista ganha a forma atual, reformulando sua linguagem e sua diagramação, incluindo-se a infografia que contribuiu para consolidá-la junto ao público jovem. A partir de 2000, observa-se na *Superinteressante* um predomínio de informações sobre religião, pseudociências e cultura pop, momento de eficácia mercadológica e extensão de seu nicho a vários públicos. Isso favoreceu a criação de suplementos que seguiram rumos independentes com títulos de outras revistas.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo geral

Como objetivo geral, este trabalho busca:

- analisar o tratamento linguístico-discursivo das informações acerca de tópicos temáticos tradicionalmente vistos como tabu relacionados a questões sexuais que representem homem/mulher, publicados na revista brasileira de divulgação científica, a *Superinteressante*, destacando-se como o conhecimento em questão é representado socialmente considerando a linha editorial da revista.

2.2. Objetivos específicos

Designa-se de modo específico os seguintes objetivos:

- identificar os textos, publicados no decorrer do ano de 2008 pela revista *Superinteressante*, que abordem uma temática considerada tabu acerca de aspectos relacionados à sexualidade, considerando-se os gêneros textuais da esfera jornalística;
- identificar em cada texto selecionado da revista *Superinteressante*: o autor, o gênero textual, a temática e o propósito comunicativo, verificando se os textos publicados na revista em questão têm a finalidade de divulgar, debater e/ou fomentar a curiosidade em relação ao conhecimento referente a aspectos sexuais humanos caracterizados como tabu;
- identificar e analisar as estratégias linguístico-discursivas que caracterizam o processo de recontextualização dos temas tabu relacionados a aspectos sexuais na revista *Superinteressante*;
- identificar na *Superinteressante* a (re)produção de representações sociais que se referem a temas associados a questões sexuais constantes dos textos selecionados para o *corpus*, considerando a complexidade do discurso e evidenciando aspectos sociais, culturais e institucionais que caracterizam a (in)formação sobre tabu na revista.

3. JUSTIFICATIVA

A *Superinteressante* mantém, no cenário nacional, publicações do tipo mensal. Nesse contexto, através de um levantamento geral, pode-se observar registros de que a revista vem abordando informações relativas a tabus, interessantes ao trabalho aqui proposto.

Embora não haja registros de pesquisas acerca de temas considerados tabu presentes na *Superinteressante*, não são novidades trabalhos científicos sobre a revista, não obstante, são mais conhecidas pesquisas no campo da comunicação social do que efetivamente no âmbito da Linguística. A revista vem sendo objeto de estudo em termos jornalísticos (NOVAES, 2006; MORAES, 2009) e, inclusive, em termos de popularização da ciência (LIMA, 2009)⁵, mas nenhuma dessas pesquisas abrange questões linguísticas, tampouco, sob o aporte da Análise do Discurso da Divulgação Científica.

Justamente pelo seu perfil de revista de “curiosidades”, evidenciando uma característica inerente aos veículos utilizados para divulgar novidades do âmbito científico, a *Superinteressante* tem como foco a própria informação técnico-científica que se possa fazer conveniente a um público leitor amplo, leigo e heterogêneo, nomeadamente um público jovem interessado em informações de cunho científico não técnico.

A ocorrência de informações de caráter divulgativo em torno de temas que de alguma forma remetem a um universo considerado tabu caracteriza-se como um significativo exemplo de desafio enfrentado pela divulgação científica, já que, além da dificuldade encontrada pelo profissional divulgador no momento do intercâmbio de registros, há também a barreira do “embargo” social inerente ao tabu. Ainda nessa expectativa, poderia ser observada uma possível referência ao que se considera comumente como inconveniente⁶, tanto da perspectiva temática, quanto da própria recepção desse tipo de texto. Fato que pode acarretar na recorrência a termos menos científicos e mais próximos do senso comum. No anverso da moeda, o conjunto de informação científica em relação a esse tipo de assunto, justamente por seu caráter

⁵ Essas referências foram, inclusive, utilizadas em nosso trabalho. Entretanto, há outras pesquisas envolvendo a *Superinteressante*, mas que não estão sob o mesmo foco de nossa discussão, tais como *Uma breve história das grandes revistas* (CORRÊA, 2007) e *A linguagem visual nos artigos da revista Superinteressante: o que mudou e como os leitores reagem a essas mudanças* (RIGOLIN, 2002).

⁶ Temas encarados como chulos, tachados negativa e pejorativamente, considerados “censuráveis” por determinadas convenções sociais ou religiosas.

“interdito”, acaba por provocar ainda mais a curiosidade do público ao qual se destina: leitores jovens e interessados em informações sobre aspectos da sexualidade humana.

O chamado “leitor curioso” pode abarcar um grupo de interlocutores dispostos a absorver informações sobre as quais tenham condições de discorrer em seu dia-a-dia em interações sociais, a fim de ostentarem um *status* de pessoa informada. Isso, entretanto, não implica o fato de esses serem efetivamente leitores aptos ao entendimento do texto-fonte científico, o que criaria a necessidade de um veículo mediador para a aproximação de pelo menos duas esferas: (i) a técnica-científica, dotada de vocabulário técnico específico do âmbito científico e (ii) as concepções sociais, políticas e econômicas típicas do cotidiano. Segundo Calsamiglia (1997, p. 16), “a nova relação interpessoal e o encontro de universos de referência distintos justificam as possibilidades abertas do registro divulgativo”⁷. Dessa forma, é perfeitamente aceitável que a informação de caráter científico passe por um tratamento linguístico-discursivo, objetivando a construção de um texto acessível voltado para a comunicação com o público leitor, ávido por novos conhecimentos.

Jornalistas responsáveis por esse tipo de mídia têm como missão gerir certas estratégias linguístico-discursivas para que as informações específicas do campo científico atinjam um alocutário que, mesmo interessado nesse tipo de informação, inscreve-se no quadro do “público geral” e jovem, nomeadamente aquele que abrange inclusive os leitores leigos.

Um saber que é recontextualizado inevitavelmente envolve uma gama de processos, quer sejam cognitivos, quer sejam linguísticos. Assim sendo, todo o arcabouço teórico para discussão do trabalho aqui proposto deve ser entremeado de estudos que envolvam a prática da reformulação discursiva. Essa constituição e a aplicação teórica tornam-se instigantes à medida que a descrição e a análise das estratégias divulgativas podem servir como fonte de estudo para a área da Linguística, da Comunicação Social bem como para outras disciplinas textuais correlatas.

Além do mais, antevemos que as muitas vozes apreendidas expressam tendências e visões de mundo sujeitas à reformulação de um novo locutor. A pluralidade de opiniões e pontos de vistas que interferem na percepção do público em relação ao tema é diversificada e polifônica no que se refere, inclusive, a como os temas considerados tabu poderiam ser tratados. Essa realidade comunicativa só se torna possível graças à presença de diferentes atores sociais ao longo do processo de

⁷ Tradução minha de “la nueva relación interpersonal y el encuentro de los universos de referencia distintos justifican las posibilidades abiertas del registro divulgativo”.

divulgação do conhecimento científico em questão. Seguindo esse raciocínio, realizaremos uma análise que considera a explicitude de procedimentos linguístico-discursivos responsáveis pela articulação de ideologias institucionais. O que torna a pesquisa ainda mais interessante em termos de relações entre linguagem e sociedade.

Nesse sentido, o estudo das informações acerca de tópicos temáticos considerados tabu, relacionados a questões sexuais, como é o caso dessa pesquisa, permite que se analise a produção de representações sociais a partir da linha editorial da revista *Superinteressante*, não se limitando a uma unilateralidade de tal enfoque, mas considerando o discurso como algo complexo e dinâmico, cuja composição está atrelada a questões sociais, culturais, econômicas e institucionais, (in)formando opiniões e (re)produzindo o senso comum.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

“‘A verdade está no fundo de um poço’, li certa vez, não me lembro mais se num livro ou num artigo de jornal. Em todo caso, em letra de fôrma, e como duvidar de afirmação impressa? Eu, pelo menos, não costumo discutir, muito menos negar, a literatura e o jornalismo. E, como se isso não bastasse, várias pessoas gradadas repetiram-me a frase, não deixando sequer margem para um erro de revisão a retirar a verdade do poço, a situá-la em melhor abrigo: paço (‘a verdade está no paço real’) ou colo (‘a verdade se esconde no colo das mulheres belas’), pólo (‘a verdade fugiu para o pólo norte’) ou povo (‘a verdade está com o povo’). Frases, todas elas, parecem-me, menos grosseiras, mais elegantes, sem deixar essa obscura sensação de abandono e frio inerente à palavra poço.

O meritíssimo Dr. Siqueira, juiz aposentado, respeitável e probo cidadão, de lustrosa e erudita careca, explicou-me tratar-se de um lugar-comum, ou seja, coisa tão clara e sabida a ponto de transformar-se num provérbio, num dito de todo mundo. Com sua voz grave, de inapelável sentença, acrescentou curioso detalhe: não só a verdade está no fundo de um poço, mas lá se encontra inteiramente nua, sem nenhum véu a cobrir-lhe o corpo, sequer as partes vergonhosas. No fundo do poço e nua.”

Primeiro episódio de “Os velhos marinheiros” de Jorge Amado

4.1. Análise do Discurso da Divulgação Científica

Ao considerar que a (inter)ação humana ocorre por meio da “palavra em movimento”, a Análise do Discurso oferece subsídios teóricos para o estudo de textos, quer sejam orais, quer sejam escritos, “como produto do uso linguístico em situações concretas, nas quais se objetiva uma interação entre os interlocutores a partir de uma intencionalidade” (CATALDI, 2009, p. 48).

Segundo Calsamiglia e Cassany (1999), a Análise do Discurso é um campo de estudo interdisciplinar, que tem sua base sustentada por outras teorias linguísticas calcadas na linguagem em uso. Dessa forma, é pertinente e relevante o uso de seu aporte teórico-metodológico para o estudo do discurso divulgativo. De acordo com Cataldi (2007a):

Ainda que o discurso divulgativo utilize informações procedentes do discurso científico, o modo de elaboração deste novo discurso é específico, pois está determinado por concepções próprias de produção e de difusão (CATALDI, 2007a, p. 158).

Tornar acessíveis ao público leigo conhecimentos de caráter técnico e científico é uma tarefa árdua em uma sociedade contemporânea cada vez mais bombardeada por informações. Desde a década de 1980, observa-se um maior interesse pela divulgação científica, tanto no cenário nacional, quanto internacional (CATALDI, 2009). Esse contexto acarreta, segundo Cataldi (2007a, p. 155), “a consideração da ciência como notícia”, ou seja, justamente por haver demanda pela (in)formação, a ciência passa a compor a pauta jornalística da mídia. Sendo os jornais e as revistas canais para o público em geral ter acesso às novidades do campo científico, Cataldi (2009, p. 44) considera esses veículos importantes fontes “de (in)formação sobre as implicações científicas e sociais do desenvolvimento tecnológico”.

A notícia⁸ de divulgação científica compartilha algumas características gerais com as notícias de outros âmbitos; entretanto, sua peculiaridade está atrelada justamente à temática científica que esses textos noticiosos específicos abordam. O propósito de um texto de divulgação é, portanto, duplo: ao mesmo tempo em que há a necessidade de oferecer dada informação de caráter científico ao público leitor, o texto também deve persuadir a propósito da importância e da utilidade desse conhecimento (CIAPUSCIO, 1997).

O profissional da área de divulgação científica comumente não presencia diretamente os fatos ou recebe informações em linguagem acessível a qualquer leitor. Ao contrário, uma vez que é o cientista a fonte do saber científico, o jornalista terá acesso a dados e conceitos, os quais não serão, em grande parte, repassados ao público leigo de uma revista popular.

À luz dessa transposição do discurso científico para o discurso midiático, construído a partir de restrições ideológicas e socioeconômicas do universo editorial, “os jornalistas científicos tomam conhecimento da realidade científica a partir de informações técnicas e especializadas que não podem ser reproduzidas livremente para se comunicar com o público” (CATALDI, 2007a, p. 155).

Nesse sentido, há de se considerar o processo de divulgação científica como um processo de “reformulação de conhecimento científico a partir das diversas variáveis (sociais, culturais, ideológicas, políticas, econômicas, espaço-temporais, entre outras)” (CATALDI, 2007a).

⁸ Marques de Melo (1992) define o gênero jornalístico “notícia” como um “relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social”.

Não obstante, esse processo é complexo e tange a (re)elaboração de discursos. Cataldi (Ibidem, p. 156) afirma que a conciliação entre dois âmbitos comunicativos, nomeadamente o discurso científico – elaborado a partir de conceitos, termos e formulações verbais e não-verbais – e o discurso midiático – heterogêneo, não especializado, mas interessado em conhecimentos de caráter científico – representa uma tarefa árdua e complexa, mas de vital importância para as sociedades modernas colocarem em prática o processo de aproximação entre essas duas realidades discursivas, objetivando a efetiva democratização do conhecimento científico.

Admitindo, consoante Maria Carmen Gomes (2007, p. 17), “que os textos são produzidos e interpretados de acordo com as relações de poder entre sujeito e as posições que ocupam nos momentos discursivos”, o leitor interessado em conhecimentos de caráter científico, possível interlocutor da revista *Superinteressante*, pode abarcar um grupo de leitores dispostos a assimilar informações de caráter científico sobre as quais tenham condições de discorrer em seu dia-a-dia em interações sociais. É a partir dessa realidade, que os meios de comunicação atuam como mediadores entre o domínio do científico e o do senso comum.

A multiplicidade de pontos de vista que intervêm na construção de sentido por parte do público-alvo será, outrossim, múltipla e polifônica no entendimento, até mesmo, de questões sexuais relativas aos gêneros masculino e feminino, podendo, inclusive, receber tratamentos linguístico-discursivos distintos em relação ao gênero abordado. Os agentes do processo de divulgação do conhecimento científico, ao intervirem, através do processo de reformulação, na formação de opinião do leitor de mídias designadas para satisfazer a curiosidade do leitor, como é o caso da *Superinteressante*, tornam possível uma situação comunicativa, muitas vezes, tendenciosa e fortemente marcada pelo posicionamento editorial da revista.

Munidos do conceito de polifonia fornecido por Bakhtin (1998), identificamos uma multiplicidade de vozes presentes, *exempli gratia*, no discurso midiático. Esse autor discorre sobre o conflito existente entre as próprias palavras de quem enuncia e as palavras de outrem: "diversas vozes alheias lutam pela sua influência sobre a consciência do indivíduo (da mesma maneira que lutam na realidade social ambiente)" (BAKHTIN, 1998, p. 148). Dessa forma, assinalando o discurso polifônico como dialógico, antevemos que as várias vozes identificadas expressam tendências e visões de mundo sujeitas à reformulação de um novo locutor.

Observar o processo de reformulação da informação sobre ciência é necessário para se promover um trabalho analítico baseado em reflexões linguísticas nos textos do

corpus de análise – especificamente aspectos referentes a tabus sexuais, publicados na revista *Superinteressante* – através do qual possam se identificar as principais estratégias divulgativas utilizadas pela revista em questão. Busca-se, com isso, conhecer os procedimentos de transformação do texto (re)produzido em forma de notícia para o “grande público”.

4.1.1. Divulgação da ciência e popularização do saber

Início da década de 90, programa infantil no ar pela TV Manchete, meu irmão e eu tínhamos nossa programação interrompida por um anunciante divulgado pela voz da apresentadora que valorizava um chocolate crocante. Perguntei a meu irmão o que era “crocante”. Com os pés sobre a estante da TV e rodopiando um chapéu de plástico nos dedos, respondeu-me que era aquilo que faz barulho quando a gente morde. Sem pensar duas vezes, cravou uma mordida no chapéu, exemplificando-me: “crocante”.

Calsamiglia (1997) define a “difusão dos saberes”, ou seja, a divulgação da ciência, como um processo historicamente constituído, tal qual se configura a própria cultura de um povo. Cada cultura terá seus próprios meios, canais e protagonistas intrínsecos à transmissão do saber. Destarte, em dada cultura contemporânea ocidental, os conhecimentos se confundem com um mundo economicamente industrializado, cuja organização política deve se estruturar a partir de um funcionamento democrático.

A tarefa de popularização da ciência, entretanto, enfrenta uma série de percalços, dentre os quais, Cassany e Martí (1998) destacam a transferência do conhecimento especializado, técnico – cujo sistema conceitual apresenta um alto grau de abstração, refletindo-se, por exemplo, em uma sintaxe complexa – para um público abrangente e heterogêneo, que possivelmente não tem contato com esse tipo de registro e, conseqüentemente, não tem acesso aos dados científicos específicos desse âmbito.

Um dos pontos mais críticos refere-se à terminologia, uma vez que, para ciência, esse é o recurso linguístico usado para designar seus objetos de estudo de forma unívoca. Nesse sentido, um dos objetivos do texto de divulgação científica é justamente explicar ao público leigo os termos e conceitos que caracterizam determinado conhecimento científico a partir de distintas estratégias divulgativas.

De modo geral, a divulgação científica é enfocada como um processo através do qual se pode levar a um público não especializado e amplo um saber produzido por especialistas. Calsamiglia (1997) aponta dois canais fundamentais para isso: um *institucional* (estudos primários, técnicos, reservado às altas esferas educacionais), cujo acesso é restrito e outro *midiático* (imprensa, revistas, livros, televisão, rádio, internet), cujo acesso é livre. Assim, para o primeiro canal, só seria possível o acesso – além da necessidade de se transpor barreiras restritivas, institucionalmente impostas de forma sistemática e regulamentada – se houvesse um conhecimento técnico suficiente para beber de tal fonte, enquanto que, para o segundo canal, são essenciais o interesse e a curiosidade do público geral, a partir de questões relacionadas à experiência cotidiana.

Nessa esteira, destacamos da obra de Calsamiglia (1997) uma proposta de discussão sobre a divulgação científica que gira em torno de três questões essenciais: (i) uma necessidade, (ii) um problema e (iii) um fato.

A partir dessa tríade, a autora chama atenção para a necessidade de se “divulgar o saber”. Levando em conta nossa sociedade ocidental contemporânea, a vulgarização da ciência hoje surge como **uma necessidade** vinculada aos processos de democratização. “A ciência não tem sentido se não chega aos cidadãos”⁹ (CALSAMIGLIA, 1997, p. 10). Muitas áreas da ciência já despertam o interesse do público, cada vez mais heterogêneo e preocupado em “manter-se informado”. Da mesma forma que se destaca o anseio do público em geral pela (in)formação, deve-se ressaltar a importância da conscientização da comunidade científica em termos de produção de conhecimento relevante para o público, a fim de que o diálogo entre cientistas e cidadãos constitua-se em fronteiras cada vez mais tênues (CATALDI, 2009). Sobre essa “democratização do saber”, Cataldi (Ibidem, p. 44) entende a comunicação da ciência como “necessária para a formação social, cultural e cognitiva de todo cidadão”.

Não obstante essa nova tendência, Calsamiglia (1997) demonstra o anverso da moeda, uma visão tradicional do universo científico, em que o erudito se faz eunuco do conhecimento¹⁰, encastelando o desenvolvimento científico, quase sempre remoto à vida diária, ainda que o público perceba os efeitos ou usufrua (in)diretamente desse desenvolvimento científico/tecnológico. Dessa perspectiva, emerge uma questão, **um problema**: sendo o conhecimento científico produzido por uma comunidade restrita de especialistas, provavelmente ele não é capaz de atingir um público amplo e leigo.

⁹ Tradução minha de “La ciencia no tiene sentido si no llega a los ciudadanos”.

¹⁰ Referência à máxima de Nietzsche: “O erudito é o eunuco do saber”.

Assim sendo, temos um problema de ordem cognitiva: os padrões de interpretar a realidade não são os habituais, mas sim baseados em quadros e categorias específicos para cada disciplina, e em modelos abstratos e formais; os objetos são construções teóricas, distantes da realidade, indiferentes àqueles que partilham do mesmo conhecimento de mundo e de experiências comuns.

Entretanto, o que não se pode ignorar é que a divulgação seja **um fato**. Um fato heterogêneo, manifesto em meios variados. Mas o que mais se interessa ressaltar da visão desta autora é a natureza desse fato: uma natureza fundamentalmente discursiva. O conhecimento é representado em textos, e estes por sua vez são sucessivamente reformulados de acordo com os circuitos de difusão do conhecimento que tecem a complexa teia da intertextualidade. Questões tais como o objeto de estudo (textos orais e/ou escritos, produtos do uso linguístico em situações concretas); os produtores dos textos; as suas intenções (o que disse, o que não disse e o porquê de se dizer ou não dizer), caracterizam uma abordagem eminentemente discursiva.

Segundo Calsamiglia (1997), da interação entre interlocutores desencadeia-se um processo de adaptação de várias ordens: desde aspectos da língua como sistema (léxico e sintaxe, por exemplo) até aspectos linguístico-discursivos (relação entre interlocutores e configuração da macro-estrutura textual, por exemplo). Práticas de proximidade na relação entre o emissor e o receptor se estabelecem entre o especialista e o leigo, portanto, uma relação assimétrica com relação ao conhecimento. Entretanto, Calsamiglia adverte que essa relação não se dá simplesmente sob uma assimetria entre conhecimentos, ou seja, deparamo-nos também com mundos de referências distintos. A relação entre esses dois mundos pode ter um intermediário que relaciona o âmbito da ciência ao âmbito do não-especialista, o que criaria a necessidade de um veículo mediador para a aproximação de pelo menos duas esferas: (i) a técnica-científica, dotada de vocabulário técnico específico do âmbito científico e (ii) as concepções sociais, políticas, econômicas e culturais típicas do cotidiano. A nova relação interpessoal e o encontro de universos de referência distintos justificam as várias possibilidades do registro divulgativo. Dessa forma, é perfeitamente aceitável que esse tipo de informação passe por um processo de reformulação, objetivando um discurso acessível, voltado para a comunicação com o público em geral.

Para tanto, a utilização de marcas linguísticas concretas (estratégias, procedimentos discursivos, formas de construção textual) servem aos propósitos dos protagonistas inseridos na interação discursiva de transformação do texto. Segundo Cataldi (2007a), é possível encontrar uma diversidade muito grande de estratégias

discursivas utilizadas nesse processo comunicativo, tais como metáforas, explicações, paráfrases, denominações, exemplificações, comparações, analogias, dentre outras.

4.1.2. O processo de recontextualização da informação sobre ciência

A difusão da ciência, em suas diversas modalidades, sejam elas escritas ou orais, envolve procedimentos de transformação, ou ainda, de reformulação das informações previamente produzidas por cientistas. Assim, diz-se que a divulgação científica é uma prática reformulativa geral em relação a elementos puramente referenciais e informativos procedentes do texto fonte. Todavia, esse processo de reelaboração não se restringe a apenas esses aspectos, acionando ainda questões relativas à “emoção”.

Ciapuscio (1997) chama atenção para o fato de que algumas características retóricas e linguísticas são prototípicas do texto científico, tais como vocabulário unívoco¹¹ e preciso; referência escrita ao objeto e a tentativa de não utilização de marcas subjetivas; ausência de elementos emocionais; sintaxe simples; dentre outras.

Os textos jornalísticos de divulgação científica constituem, portanto, uma fonte de discurso público, constituídos por fatores contextuais atrelados a sua produção. Conforme Cataldi (2007a), mesmo que o discurso divulgativo tenha o discurso científico como fonte, o modo de elaboração desse novo discurso é específico, haja vista sua dependência às concepções próprias de sua produção e difusão.

Nessa linha de raciocínio, a autora ainda postula que o processo de recontextualização do conhecimento científico é caracterizado como uma “re-criação” desse tipo de conhecimento para cada público específico. Entretanto, Cataldi (op. cit.) chama atenção para o fato de essa prática discursiva não ser simplesmente um resumo ou redução aleatória de dados científicos, mas sim uma habilidade em selecionar, reorganizar e reformular as informações de caráter técnico para leitores com interesses e objetivos diversos, no processo de compreensão dos fatos científicos. É, portanto, o texto divulgativo um tipo de discurso primário, baseado em textos secundários¹² que vão se modificando dependendo da situação comunicativa. Isso gera a necessidade de

¹¹ Utilizamos, consoante Ciapuscio (1997), o termo “unívoco” no sentido de uma terminologia que não abarque mais de um significado e, conseqüentemente, não gere ambigüidades.

¹² Usamos as terminologias “discurso primário” e “texto secundário” conforme Ciapuscio (1997), para quem “texto secundário” representa o intertexto subjacente a um discurso ao qual temos acesso, ou seja, o “discurso primário”.

“procedimentos, utilizados na mídia impressa a partir de um uso linguístico escrito” variáveis “segundo certos parâmetros contextuais, como a situação comunicativa, os propósitos de quem a realiza e as características dos destinatários” (CATALDI, 2009, p. 49).

Em termos de estrutura cognitiva do discurso de caráter científico, fica a cargo do divulgador a decisão acerca de qual *estratégia divulgativa* utilizar, consoante o propósito comunicativo: “O produtor pode utilizar procedimentos *léxico-semânticos* (sinonímia, paráfrase, definição, descrição, denominação, generalização, etc.), *discursivos* (contextualização, modalização, etc.) e/ou *cognitivos* (analogias, metáforas, metonímias, etc.)” (Ibidem). No que tange a esse último procedimento, o mais comum é que se usem em discursos de divulgação científica representações conceituais calcadas em analogias com o cotidiano.

Para tanto, a recontextualização das informações sobre ciência está diretamente relacionada com os procedimentos concretizados pelo uso linguístico-discursivo específico de *expansão, redução e variação* (CATALDI, 2003, 2007a e b e 2009). Esses procedimentos discursivos, na observância do interesse e da necessidade de informar um público amplo, heterogêneo e leigo, são recorrentes na mídia impressa, por meio de seu uso linguístico escrito. São recursos que variam conforme os parâmetros contextuais, tais como a situação comunicativa, os propósitos de quem produz o texto e as características de seu interlocutor.

4.1.2.1. Expansão

Cataldi (2007a, p. 161) destaca que em discursos escritos as condições de interação recíprocas não são imediatas, “o comunicador utiliza o procedimento de *expansão*, ou inclusão, com o objetivo de proporcionar os significados conceituais necessários para lograr a efetiva participação cognitiva e comunicativa do leitor”. Nesse sentido, a *expansão* constitui-se por meio de determinadas estratégias discursivas como a substituição de um termo por outro, sem prejuízos semânticos; pela explicitação de algum conhecimento compartilhado pelos participantes; bem como pela apresentação de algum tipo de informação nova que contribui para que o leitor estabeleça relações de sua vida diária com o conhecimento científico. Ciapuscio (1997) afirma que as formas de *expansão* são diversas, dentre as quais se destaca a *definição*. Já a *metáfora* seria um

recurso do plano emotivo, contribuindo também para associações com objetos do mundo cotidiano.

4.1.2.2. Redução

Ciapuscio (1997) afirma que, das fontes científicas, somente mantêm-se a informação nuclear, ou seja, o descobrimento científico em si, ou o progresso realizado pelos cientistas; sendo o restante suprimido pelo divulgador – designadamente o referencial teórico, as descrições, os antecedentes e as discussões.

Destarte, segundo Cataldi (2003, 2007a), por falta de relevância, necessidade ou conveniência na versão divulgada, o jornalista pode, através de certas estratégias discursivas tais como a condensação ou mesmo a eliminação completa, suprimir dada informação científica. Entretanto, a autora chama atenção para o fato de que os conceitos de relevância cognitiva e comunicativa são mantidos por serem considerados imprescindíveis para a compreensão do leitor. Essas estratégias implicam decisões em relação ao que efetivamente informar ao leitor, configurando um procedimento de *redução*.

4.1.2.3. Variação

A *variação* é um procedimento caracterizado a partir de certas estratégias discursivas de ordem lexical, semântica, ou mesmo de registro – entre termos e conceitos especializados e vocabulário corrente – ocorridas durante o processo de reformulação do texto científico para o texto de divulgação. Dentre outros aspectos linguístico-discursivos, destacam-se a seleção lexical e a modalidade enunciativa.

Na esteira do procedimento de *variação*, Cataldi (2003, 2007a e b) chama atenção para a *variação denominativa*, utilizada como uma importante estratégia léxico-semântica. Essa estratégia está atrelada à utilização de um termo ou expressão alternativa para a informação técnica no momento de sua transposição para o texto divulgativo.

Esses três procedimentos contribuem de forma imbricada em “diversas situações comunicativas referentes à divulgação da ciência ao grande público”, refletindo processos comunicativos que vão desde a seleção até a divulgação, caracterizada a partir

do processo de recontextualização, procedimentos estes inerentes aos textos de divulgação científica (CATALDI, 2007a, p. 162-163).

Esses recursos linguísticos-discursivos configuram-se como importante ferramenta no processo de recontextualização no que tange à divulgação da ciência. Nesse sentido, *expansão*, *redução* e *variação* são pilares importantes a serem esmiuçados em nossa análise, de modo a identificarmos sintomaticamente as estratégias que compõem o discurso divulgativo da revista *Superinteressante*.

Para tanto, com vistas à Análise do Discurso da Divulgação Científica, faz-se mister considerar o processo de reformulação como um *continuum*, onde não há fronteiras estanques entre esses três procedimentos linguístico-discursivos gerais, configurando a produção jornalística científica, a partir de estratégias comunicativas como a seleção, a organização e a recontextualização da informação sobre ciência.

4.1.2.4. Estratégias divulgativas

Cassany e Martí (1998) utilizam-se do termo *estratégias divulgativas* para referirem-se a diferentes tipos de recursos ou procedimentos verbais que são usados nos textos para tornar acessíveis ao público leigo os diferentes conceitos técnicos: “Trata-se de um conjunto variado de fenômenos linguísticos que engloba seleção da informação, organização da mesma, formulação discursiva, seleção léxica, tratamento tipográfico, etc.”¹³ (CASSANY e MARTÍ, 1998, p. 60).

Para efeito de sistematização esquemática no que se refere à relação entre estratégias linguístico-discursivas e texto de divulgação científica, Cassany e Martí (1998) apresentam uma proposta de organização das estratégias divulgativas em uma ordem teórica de aplicação. Não que este seja um esquema a ser adotado rigidamente na prática pelo divulgador na composição do texto, mas uma recomendação que poderia elucidar uma sequência do processo de forma mais lógica.

Nessa proposta, o primeiro ponto, para o qual os autores chamam atenção, é a decisão de se utilizar ou não no discurso divulgativo o conceito técnico propriamente dito. Em caso afirmativo, Cassany e Martí (1998) destacam a dificuldade de se ‘explicar’ o conceito ao público leigo, sendo que, para tanto, o emissor poderia lançar

¹³ Tradução minha de “Se trata de un conjunto variado de fenómenos lingüísticos que abarca cuestiones de selección de la información, organización de la misma, formulación discursiva, selección léxica, tratamiento tipográfico, etc”.

mão desde recursos lexicais, como sinônimos, paráfrases e definições, por exemplo, até recursos discursivos, como contextualização e modalização.

É importante destacar que essas estratégias ocorrem a partir de diferentes combinações para resolver problemas locais que possam surgir ao longo de todo texto:

É importante que se leve em conta que é provável que em um mesmo texto devam ser tomadas várias vezes e em momentos distintos decisões diferentes sobre se usar ou não um conceito e com que recursos expressivos¹⁴ (CASSANY e MARTÍ, 1998, p. 60).

Sendo assim, a primeira estratégia a ser utilizada pelo divulgador seria evitar o conceito técnico, abstando-se de uma terminologia especializada, trazendo-a para um nível geral, através de léxico comum e compreensível para o público leigo. Essa estratégia serviria para manter um baixo grau de especificidade e privilegiar a formalidade do discurso divulgativo.

As estratégias lexicais remetem às escolhas de termos gerais, bem como outros recursos denominativos que são usados para designar conceitos. A utilização desses recursos permite-nos observar até que ponto os textos divulgativos elegem a terminologia técnico-científica ou dão preferência para outras denominações mais comuns, como sinônimos genéricos ou paráfrases.

Cassany e Martí (1998) incluem também nessa descrição os diferentes recursos verbais de nível supra-oracional, que não estão diretamente ligados à terminologia. Esses recursos afetam a seleção da informação, bem como a sua estruturação em sequências discursivas e a modalização do discurso.

Assim, segundo os autores, quando o divulgador opta pela utilização do conceito científico em seu texto divulgativo, com efeito, será necessário um alto grau de contextualização, ou seja, contextualiza-se cognitivamente dado conceito a fim de que este sirva de base para o desenvolvimento do texto. O procedimento consiste em se promover uma construção prévia do conhecimento para que o leitor possa situar esse conceito quando este (re)aparecer no texto. Conforme Cassany e Martí (1998), do ponto de vista textual, esse recurso consiste na utilização de micro-estruturas camufladas em definições de conceitos novos. De forma geral, essas estruturas poderiam ser concebidas em três fases progressivas: a exposição de dados que o autor pressupõe que o leitor

¹⁴ Tradução minha de “Cabe tener en cuenta que es muy probable que en un mismo documento deban tomarse varias veces, en momentos distintos, decisiones diferentes sobre si usar o no un concepto y con qué recursos expresivos”.

conheça; a apresentação do conceito através de paráfrases ou de denominações que pertençam a um registro comum; e a apresentação do termo técnico específico.

Ainda na proposta de Cassany e Martí (1998, p. 64), uma outra “estratégia discursiva consistiria em ‘narrativizar’ a ‘explicação’ do conceito de natureza técnica ou inseri-lo em inúmeras características linguísticas típicas de gêneros narrativos”¹⁵. Através dessa perspectiva, o leitor é capaz, mesmo em construções tidas como sintaticamente impessoais, perceber certo caráter de agentividade nos fatos “narrados”, cujas sequências informacionais apresentam protagonistas que encabeçam ações, desenvolvidas em um tempo e espaço definidos. Esses elementos são típicos de sequências narrativas, inscrevendo o leitor em um universo que pode, inclusive, remetê-lo ao fantástico, ao popular.

A terceira estratégia discutida pelos autores, na esteira do nível supra-oracional, é a modalização do discurso. Esse procedimento se concretiza a partir da exposição de marcas subjetivas emitidas através de juízos de valor, opiniões, apreciações, que acabam por evidenciar o ponto de vista do autor. Cassany e Martí (op. cit.) destacam como marcas da modalização discursiva a seleção lexical, a seleção sintática, o uso de advérbios enfáticos, bem como modalizadores gerais do discurso.

Os autores acrescentam, a esses procedimentos, as perguntas retóricas, as quais foram observadas por eles com notória relevância em textos científicos que compunham o *corpus* de análise da pesquisa (1998).¹⁶

Considerando-se que algumas estratégias (como a narrativização, a contextualização dos conceitos técnicos e a modalização) são típicas do âmbito mais geral e que o texto de divulgação científica é formado por variados discursos, podemos dizer que essas estratégias seriam características do texto divulgativo propriamente dito, já que não seriam exclusivas de nenhum dos discursos que o compõem. Normalmente em textos de registro técnico-científico ou mesmo em certos gêneros textuais (como artigos científicos) em que se formulam conhecimentos, podem ser encontrados:

¹⁵ Tradução minha de “estrategia discursiva consiste en ‘narrativizar’ la ‘explicación’ del concepto técnico o en introducir en ella numerosos rasgos lingüísticos típicos de los géneros narrativos”.

¹⁶ A bibliografia a que me refiro é acerca do artigo publicado na revista espanhola *Quark*, em que os autores em questão resumem um trabalho sobre publicações da imprensa espanhola no período de março a abril de 1996. Os autores se propuseram a descrever os diferentes recursos verbais utilizados por profissionais da divulgação científica na difusão de temas relacionados ao conceito “prion”. Foram analisados por eles 94 textos em castelhano e catalão, publicados nos jornais *La Vanguardia*, *El País*, *ABC*, *Avui*, *El Mundo* e *El Periódico de Catalunya*, entre outros que compreendiam uma gama de gêneros periodísticos, além de trabalhos científicos semiespecializados, tais como *Salud y Medicina* do *El Mundo*, (de 28 de março de 1998) e *Salud y Ciencia* do *La Vanguardia* (de 30 de março de 1998).

discursos objetivos, neutros e carentes de expressões subjetivas, buscando uma estruturação mais lógica, não narrativa, enquanto que na divulgação, aparecem elementos modalizadores, construções narrativas e perguntas retóricas¹⁷(CASSANY e MARTÍ, 1998, p. 66).

Portanto, o texto, cujo caráter é divulgativo, tende ao emprego de recursos expressivos próximos do senso comum: evitando-se termos técnicos, valendo-se de tipos narrativos, modalizando-se o discurso, utilizando-se de variadas expressões e de paráfrases de textos complexos. Dessa forma, consegue-se discorrer sobre dados teóricos, altamente abstratos e técnicos de forma que esses possam ser compreendidos por leigos.

Assim, o processo de divulgação da informação, abrangendo desde a coleta de informações selecionadas para serem organizadas até a reformulação do discurso, presta-se a um grande número de estratégias comunicativas. Nesse sentido, a divulgação não seria uma “tradução”, mas a produção de um novo discurso, construído a partir de outro ponto de vista.

Uma vez que deve-se ter claro para qual público determinado saber se destina, a título de exemplificação, Calsamiglia (1997) desenha o perfil do protagonista da divulgação. Faz-se necessário, primeiramente, imaginar o nível de conhecimento sobre o assunto, para que o divulgador possa decidir sobre o que deve ser dito e o que não deve ser.

No texto de divulgação, o conhecimento já pré-existente do interlocutor e os novos conhecimentos trazidos pelo divulgador devem ser dosados em um equilíbrio constante. Esta é uma questão crucial que se refere à dimensão cognitiva intrínseca à compreensão e à inteligibilidade do texto de divulgação. Recursos linguísticos e discursivos para assegurar esse processo são muitos e variados.

Nessa perspectiva, o divulgador não é um conduto¹⁸ de transmissão neutro, mas um criador de novos significados que pode articular de forma contextualizada o conhecimento científico ao grande público. Cabe ao divulgador integrar novos conhecimentos ao processo de construção cultural que ocorre no contexto da vida cotidiana.

Vale ressaltar que, segundo Ciapuscio (1997), a produção do texto científico implica uma reelaboração de conteúdo científico, com fidelidade conceitual e modal,

¹⁷ Tradução minha de “discursos objetivos, neutros y carentes de expresiones subjetivas, que buscan una estructuración lógica no narrativa, mientras que en la divulgación aparecen elementos modalizadores, construcciones narrativas y preguntas retóricas”.

¹⁸ Referência ao texto *A metáfora do Conduto*, de Michael Reddy (2000).

para o leitor leigo não só se informar, mas se interessar pelos temas científicos. Daí se considerar a divulgação científica como uma tarefa de grande desafio intelectual.

A autora ainda destaca que para que o objetivo informativo do texto fonte seja transformado em objetivo (in)formativo e persuasivo – sobre a relevância ou interesse de dada descoberta ou desenvolvimento científico –, é necessário acuidade com relação à composição e à estruturação do texto de divulgação. Essa observação refere-se inclusive à composição de títulos que, muitas vezes, remetem a interpretações distintas do verdadeiro fato em questão, simplesmente objetivando despertar o interesse do público.

Nesse sentido, para despertar o interesse do leitor, existem distintos recursos típicos dos textos de divulgação, tais como humor, jogos de palavras, alusões a elementos do mundo cotidiano, possivelmente observáveis na Revista *Superinteressante*.

É preciso lembrar que diante desse enfoque linguístico-discursivo, o processo de recontextualização – composto de um rico arsenal de artifícios linguísticos e cognitivos intrínsecos ao próprio processo – demonstra a pluralidade de pontos de vistas capaz inclusive de formar a opinião do público em relação a, por exemplo, como abordar temas sobre a sexualidade, considerando-se a diversidade de vozes que expressam visões de mundo submetidas à reformulação de um novo locutor. Dessa forma, torna-se possível a identificação de representações sociais que expressam a visão de mundo não apenas da linha editorial da *Superinteressante*, mas da sociedade de nosso tempo, já que a revista pode além de formar opiniões, reproduzir discursos do senso comum.

4.2. Teoria das Representações Sociais

4.2.1. Um panorama da teoria

Embora seu germe tenha sido na Sociologia, com significativa presença na Antropologia e na história das mentalidades, o conceito de representação social tem uma dimensão interdisciplinar que ganha *status* de teoria na Psicologia Social, superando um ou outro domínio das áreas de humanas, servindo de proficiente ferramenta para campos diversos, inclusive, no âmbito da linguagem.

Arruda (2003) apresenta um panorama da Teoria das Representações Sociais sob a perspectiva psicossocial, promovendo um elo entre essa abordagem e as teorias

feministas de gênero. Sendo a psicologia social responsável pelo estudo acerca da relação entre indivíduo e sociedade, ao associar-se a isso uma preocupação cognitiva, poder-se-iam, com efeito, obter reflexões em torno (i) da construção do conhecimento pelo indivíduo, pelo grupo, ou pelo ser social, a partir de aspectos, sobretudo, sociais e culturais, e em torno (ii) da maneira através da qual a sociedade conhece e constrói esse conhecimento com os indivíduos. Assim, a Teoria das Representações Sociais apresenta-se como eficiente aporte teórico no que diz respeito à análise de tabus, sobretudo os que se referem a universos sexuais masculino e feminino.

Dessa abordagem teórica, depreendemos de Arruda (2003, p. 128) uma preocupação em relação a “como interagem sujeitos e sociedade para construir a realidade, como terminam por construí-la numa estreita parceria – que, sem dúvida, passa pela comunicação”?

Quando se fala em “Representações Sociais”, faz-se obrigatória a referência à obra de Moscovici (1961), em que se inauguram discussões relativas a essa teoria, à luz dos preceitos científicos – embora seu impacto não tenha sido de grande relevância à época. Segundo Arruda (2003), um desenvolvimento considerável seria observado somente na década de 80 do século XX. Uma possível explicação para tamanha inatividade de quase duas décadas, seria o fato de as metodologias utilizadas por Moscovici – tal como os fenômenos estarem sujeitos à interpretação do pesquisador – não terem exercido considerável interesse à psicologia da época, pautada em moldes científicos canônicos (ARRUDA, 2003).

A essa altura da constituição da teoria, Arruda (2003, p. 129) afirma que “a Teoria das Representações Sociais [...] operacionalizava um conceito para trabalhar como pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade”, respeitando, assim, o fato de diferentes formas de conhecimento e de comunicação contribuírem para gerar universos de concepções, na mesma proporção, diversificados. Isso traz à tona dois âmbitos (consensual e científico), que, quando encarados de forma antagônica, fazem com que se reproduzam discursos que reforçam a desautorização do pensamento “leigo”. Entretanto, a Teoria das Representações Sociais demonstra a eficácia de ambas as esferas para a vida humana. Definem-se essas duas esferas como, de um lado, o *universo reificado* e, de outro, o *universo consensual*¹⁹. Nesse sentido, o *universo reificado*, ancorado na ciência, retrata a realidade como independente de nossa

¹⁹ Tomamos emprestados os termos *universo consensual* e *universo reificado* que foram usados na interpretação de Arruda (2003) para esquematizar a sistematização proposta por Moscovici (1973) de ruptura da fronteira entre os dois âmbitos a fim de que se reabilitem as reflexões do senso comum como forma de conhecimento.

consciência, através de estilo e estrutura frios e abstratos. Já o *universo consensual* busca explicações para a “realidade” por meio das representações sociais, constituídas através do senso comum e da consciência coletiva. Logo, essas representações são variáveis e acessíveis às pessoas da esfera comum, da esfera não técnica.

Sendo assim, Moscovici (1973) chamou atenção para a importância do saber popular e cotidiano. Dessa forma, em uma revista de cunho divulgativo, tal qual a *Superinteressante*, é comum o tratamento de temas científicos, à luz de concepções mais próximas do senso comum, tanto no que tange às estratégias de reelaboração do discurso, quanto à perspectiva temática, como, por exemplo, os temas considerados tabu.

A propósito da separação entre razão e emoção, comumente conhecida pela ciência psicológica, Arruda (2003, p. 131) afirma que foi justamente o questionamento da importância do senso comum na edificação teórica das representações sociais que acenderiam “um desmonte entre razão e senso comum, razão e emoção, sujeito e objeto”, entendendo-se a realidade como socialmente constituída e o próprio saber como uma construção subjetiva.

Esse tipo de mudança de paradigma promoveu a ascensão de outras teorias até então desprivilegiadas no campo científico – como, por exemplo, as teorias “feministas”. Com tal alteração do quadro teórico, houve a necessidade de se reformularem dimensões que vão desde a ordem conceitual-metodológica até a epistemológica (SANTOS, 1989). Conforme Arruda (2003, p. 132-133), uma das consequências das reformulações conceituais, metodológicas e epistemológicas seria a alteração do método de análise em função justamente “das características do objeto e da teoria adotada”, buscando-se a união das esferas – científica e consensual – a fim de que se trabalhasse “com tais objetos/temas de forma não obrigatoriamente canônica, ousando metodologias criativas, nem sempre específicas daquela área disciplinar, e nem sempre consideradas legitimamente científicas na área”.

Para que efetivamente se “operacionalizasse” a proposta da Teoria das Representações Sociais²⁰, foi necessário que Moscovici recorresse a outros teóricos como Piaget, Lévy-Bruhl e Freud. Entretanto, o autor não concentrou a teoria em uma faixa etária infantil ou em povos distantes – como fizeram os autores citados –, mas trouxe a teoria para nossa sociedade e a aplicou à faixa adulta dela. Para tanto, Moscovici apresentou dois processos para tal sistematização: a objetivação –

²⁰ Arruda (2003) identifica um estágio incipiente da teoria como portadora de um “conceito pouco operacional”.

estruturação do conhecimento do objeto – e a ancoragem – sustentação do novo ao já dado, já conhecido, como forma de (re)conhecimento facilitado.

Nessa esteira, pode-se entender as representações sociais como um tipo de conhecimento que ao mesmo tempo em que é elaborado, é também compartilhado por determinado grupo social. Essa elaboração e esse compartilhamento objetivam um conhecimento menos abstrato e mais prático, edificando a realidade desse mesmo grupo social (JODELET, 2002).

Toda representação social tem como referente um objeto e um conteúdo, formulado por um sujeito social inserido em determinado espaço e tempo dotados de condições específicas. Jodelet (2002) identifica as condições de produção das representações como sendo a cultura; a comunicação; e a inscrição social, econômica, institucional, educacional e ideológica.

Destarte, dada sociedade, imbuída de preceitos culturais típicos de seu povo, reflete comportamentos em função de interpretações da realidade sobre o que convém e o que não convém ser feito, dito ou tocado, configurando, assim, representações sociais que emergem na comunicação e na inscrição social e institucional do grupo, acerca do tabu.

4.2.2. Uma particular representação social: o tabu

“Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha.”

Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil

Os primeiros registros sobre a noção de tabu foram feitos por um navegante inglês chamado James Cook, em viagem à Oceania. Denominado pelos nativos das Ilhas Tonga por *Tapu* – anglicizado pelo capitão por *taboo*, permitindo a forma em português *tabu* –, a expressão designava tudo aquilo que era sagrado e ao mesmo tempo

proibido. Portanto, o “‘tabu’ traz em si um sentido de algo inabordável, sendo principalmente expresso em proibições e restrições” (FREUD, 1975, p. 32)²¹.

Como um tabu é designado a partir de uma temática – incluindo-se desde um determinado assunto até determinada conduta ou comportamento – interdita em certa sociedade, observa-se a relevância de aspectos sociais e culturais para sua interdição. Se essa ordem do “evitado” remete a razões que interferem, de algum modo, na sensibilidade das pessoas, ou atentam contra a moral de dada sociedade, os temas considerados tabu estão atrelados a questões variáveis entre grupos sociais, inevitavelmente sujeitos a representações sociais de um determinado povo.

A partir disso, podemos compreender as representações sociais de um povo como um conjunto de “regras” que regem o comportamento de dada sociedade, inerente ao processo de sociabilidade de cada indivíduo.

Augras (1989, p. 33) explica a contribuição de Lévi-Strauss no que se refere à constituição dessas “regras sociais”. Segundo a autora “em cada sociedade, as crianças aprendem, desde o nascimento, como sua cultura representa o mundo, e quais são as regras de comportamento dentro dele”, configurando-se o sentido do termo “socialização”. A socialização é, no âmbito das representações e valores, capaz de transformar “regras de conduta e representações do mundo em vivências individuais”.

Nesses termos, a realidade que o ser humano constrói dá-se em conjugação com a sociedade e “é no significado que cada grupo atribui aos elementos que compõem seu mundo que devemos buscar a compreensão” do tabu (AUGRAS, 1989, p. 34).

Compreender o tabu de cada cultura implica, portanto, a observância dos comportamentos ideológicos geridos por cada sociedade. Vilaça (2009, p. 53) exemplifica essa observância através dos conceitos de “decente” e “indecente”, os quais “são socialmente aprendidos”. Além disso, segundo a autora, “não há cultura que não tenha seu conceito de decência”, já que os comportamentos são atributos do campo ideológico.

Nessa esteira, o corpo humano, ou mesmo o sistema biológico humano como um todo, está sujeito à representação da própria espécie, à luz de fatores sociais e culturais (RODRIGUES, 1983). Portanto, é importante observar essas representações no campo da linguagem, dado que as “formas linguísticas estigmatizadas e de ‘baixo prestígio’, condenadas pelos padrões culturais” (PRETI, 1984, p.3) tendem a sofrer algum tipo de

²¹ Na obra intitulada *Totem e tabu*, cuja primeira edição data de 1913, Freud faz uma contribuição à antropologia social, através de reflexões que o levam a hipóteses acerca da origem das instituições sociais e culturais, bem como da religião e da moralidade.

variação, associada ao contexto de produção a que estão veiculadas – em nosso foco de análise particular, a divulgação científica de temas considerados tabu atrelados às genitálias humanas.

Poderíamos, a partir disso, conceber que a representação social é uma ação simbólica que, além de nortear o mundo, facilita sua compreensão; já que “tem um caráter cognitivo e autônomo e configura a construção social da realidade” em via de mão-dupla entre ação e comunicação (ARRUDA, 2003, p. 142). Em nosso trabalho, cujo interesse remete a uma análise de textos de divulgação científica, destaca-se a necessidade de um complemento teórico que possa subsidiar questões referentes a representações no plano da sexualidade masculina e feminina, entendidas como tabu.

Considerando o aporte teórico da Teoria das Representações Sociais, pode-se dizer que esse construto teórico é um valioso instrumento de conhecimento acerca de dada sociedade, não copiando, ou refletindo fielmente a realidade, mas interpretando-a a partir do olhar do observador. Sob esse viés, é natural que se identifiquem, nos discursos considerados tabu de uma revista, como a *Superinteressante*, não só as ideologias que partem da linha editorial da revista, como também a reprodução de discursos do senso comum.

4.3. Mulher, corpo, sexo e outras coisas perigosas²²

Intentando uma breve pontuação histórica acerca das concepções sobre tabu, partimos de um primeiro momento, designadamente dos estudos antropológicos do século XIX, marcados por uma visão iluminista, demasiadamente eurocêntrica, em que a cultura de povos tidos como exóticos (estranha à cultura ocidental) foi encarada pelos estudiosos como primitiva, numa expectativa de cultura linear em que o ocidente ocuparia o estágio mais avançado do desenvolvimento. “Nessa perspectiva, costumes ocidentais que encontram explicação racional, como as superstições, por exemplo, são também interpretados como sobrevivência desse passado distante” (AUGRAS, 1989, p. 16), ou seja, resquícios desse estágio “primitivo”, o qual a cultura europeia já havia superado.

Entretanto, a antropologia moderna nega a história sob uma perspectiva linear, mesmo que se reconheça a importância de autores precursores em relação ao interesse

²² Paródia minha sobre o título da obra *Women, Fire, and Dangerous Things* (1987) de George Lakoff sobre categorização. Há no livro a análise de um caso emblemático sobre o dialeto aborígine australiano Dyribal em que se enquadram na mesma categoria mulheres, fogo e coisas perigosas.

sobre tabu, como, por exemplo, James Frazer²³, que resgatou o conceito imprimindo-lhe destaque na antropologia vitoriana. Frazer é responsável pela observação da presença do tabu, como objeto de temor e proibição em diversas culturas, à luz de preceitos que comumente são associados à ideia de sujeira, poluição e mácula.

Sob essa perspectiva, o autor destaca um tabu recorrente em relação às mulheres, no que diz respeito à menstruação. Augras (1989) chama atenção para esse tipo de tabu, presente inclusive na sociedade contemporânea brasileira, embutido no conceito de “resguardo”, em diversas regiões de nosso país, como Rio de Janeiro, Espírito Santo e Pernambuco. Nessas regiões, a autora relata que as mulheres costumam ter sua dieta restrita a alguns alimentos durante o período menstrual.

Para Freud (1975, p. 35), “por trás de todas essas proibições parece haver algo como uma teoria de que elas são necessárias porque certas pessoas e coisas estão carregadas de um poder perigoso que pode ser transferido através do contato com elas”. Em grande parte das tradições brasileiras, a mulher aparece como alvo de tabu, por exemplo na abordagem da sexualidade feminina, sem ela necessariamente estar menstruada ou de resguardo.

Para Frazer, o conjunto de recomendações cautelosas que envolvem a figura feminina parece revelar um medo da mulher, típico das sociedades patriarcais. Por isso, assuntos associados à sexualidade feminina tornam-se temas perigosos.

Já à luz da antropologia moderna, Augras (1989) chama atenção para o fato de a grande parte dos tabus terem justamente a função de evitar perigos, sendo as proibições e interdições concernentes a coisas sagradas ou poluentes. Em latim, a palavra *sacer* designava o que era sagrado e o que era maldito, impuro. Em nossa cultura moderna ocidental, a raiz da palavra designa apenas o sentido “positivo”²⁴, fato que não abstém a instituição do tabu como originalmente ambivalente. Essa etimologia remonta ao berço da cultura ocidental e serve como argumento para Augras questionar a hipótese de Frazer de que as sociedades primitivas não teriam capacidade intelectual para distinguir o que é positivo do que é negativo:

²³ As publicações originais de Frazer são datadas do final do século XIX e início do XX, tais como *The Golden Bough; a Study in Magic and Religion* (1890); *Folk-Lore in the Old Testament* (“O folclore no Antigo Testamento”, 1918); e *The Golden Bough* (edição resumida, 1922). A única tradução em português é *O Ramo de Ouro*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

²⁴ Chamadas aqui as palavras de “positivas”, por expressarem apenas o caráter sacro das designações, mas não o maldito ou o impuro. Definições de Houaiss (2004, p. 658) sobre algumas das derivações da raiz da palavra latina *sacer* podem ilustrar essa “positividade”: “sacerdócio *s.m.* 1 o ofício do sacerdote 2 a carreira eclesiástica 3 poder espiritual dos sacerdotes 4 *fig.* Missão honrosa, nobre ou sacrificada”; “sacerdote [*fem.*: sacerdotisa; freira] *s.m.* indivíduo responsável pela celebração de rituais sagrados de uma religião”.

Não será o tabu algo tão universal, tão antigo, tão arraigado em nossos valores e costumes que tanto faz ser polinésio ou europeu, todos se sentem ao mesmo tempo atraídos e amedrontados frente a ele? (AUGRAS, 1989, p. 12-13)

A confusão entre sagrado e maldito, entre atraente e contagioso dos povos tidos como exóticos também chama a atenção de Freud. O autor não atribui tal ambivalência a uma incapacidade de raciocinar do selvagem, mas, ao contrário, compara o conflito com a sociedade de seu tempo, levantando a hipótese de que a ambivalência poderia ser inerente ao que mais prezamos.

Freud ainda aponta a visão de Wundt, para quem o tabu é o código de leis não escrito mais antigo do homem, supondo sua existência como anterior a qualquer religião. Nessa perspectiva, Freud levanta a hipótese de a gênese dos sistemas penais estar atrelada a punições aplicadas aos transgressores de tabu, uma vez que numa abordagem de “evolução” da sociedade e, por conseguinte, de evolução do conceito de tabu, a violação de um tabu por um infrator que ora era punido por forças divinas, passaria a receber a punição da própria sociedade. Proibições essas que “dirigem-se principalmente contra a liberdade de prazer e contra a liberdade de movimento e comunicação” (FREUD, 1975, p. 35).

Freud (1913 apud AUGRAS, 1989), deixando transparecer o caráter machista de sua teoria, cuja abordagem atribui à mulher estatuto de objeto, não de sujeito, dá explicações para a origem do tabu, através da instituição do totem²⁵, recorrentes em sociedades patriarcais. A título de ilustração, Augras (1989) relata um ritual, descrito por Charles Darwin sobre os homens pré-históricos e a posse sexual sobre a fêmea, em que a mulher é propriedade exclusiva do pai: nessa relação, os mais jovens imbuídos do sentimento de ciúme reúnem-se para assassinar o pai; a fim de absorver sua força, eles o devoram; para se eximir do sentimento de culpa, há o deslocamento da figura de pai para a figura de um animal, reificando o ser humano e, conseqüentemente, abstendo os jovens filhos da culpa provocada pelo parricídio. Aliado a esse sentimento expiatório, a instituição do totem e a proibição do casamento com mulheres de mesmo totem remontam, segundo Freud, a origem das religiões.

Destaca-se do relato de Augras a ambivalência entre o que é temido e o que é desejado: “a impureza do crime consagra o poder paterno, do mesmo modo que a

²⁵ Didaticamente, podemos entender “totem” como “animal, planta ou objeto sagrado, tido como ancestral protetor de tribo ou clã” e, por extensão, a “representação desse animal, planta ou objeto” Houaiss (2004, 725). Encarando a teoria de Freud de forma simplista, creditam-se ao totemismo duas leis básicas: “não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com membros do clã totêmico do sexo oposto” (FREUD, 1975).

mulher, objeto de desejo, é impura por natureza. O tabu do incesto não expressa apenas a força da lei, mas, sobretudo, o império do desejo. Por que proibir o que não se quer?” (AUGRAS, 1989, p. 28). O que se pode concluir é que o tabu é algo ambivalente e, por isso mesmo, exerce grande fascínio.

Nesse sentido, há de se compreender, de forma menos obscura, o porquê de a mulher ser vetada de participação em atividades de caça em tradições primitivas, ou mesmo de “passar por cima de uma espingarda” na tradição nordestina brasileira (AUGRAS, 1989, p. 31): a mulher estaria muito mais próxima da esfera animal – pelo fato de parir filhotes e amamentá-los – do que o homem. Não obstante, quando a mulher se une através da instituição do matrimônio, passaria ela a pertencer também à esfera social, ao reino da cultura.

A relação da mulher com a caça acarretaria consequências nefastas ao caçador, por isso a necessidade do estabelecimento do tabu: “arrancá-la de vez ao domínio da natureza, senão ela se poderia tornar inimiga do caçador em sua própria casa” (AUGRAS, 1989, p. 32).

Não obstante, Augras (op. cit.) destaca que as observações feitas pelos autores do século XIX, quer sejam no nível da incapacidade intelectual do primitivo (Frazer), quer sejam no nível da ambivalência afetiva (Freud), não dão conta de resolver a questão da duplicidade da instituição do tabu:

[...] a razão pela qual a mulher costuma ser alvo de inúmeros tabus, em praticamente todos os grupos culturais [não reside no fato de ela ser] particularmente “suja” ou impura nem que ela encarne a projeção dos desejos incestuosos dirigidos à mãe, como julgava Freud. É que a mulher, por ser elemento de ligação entre dois grupos, pertence a ambos e, por conseguinte, situa-se na articulação de dois sistemas mutuamente excludentes (AUGRAS, 1989, p. 39).

A compreensão da duplicidade situa-se numa observância mais complexa do que as propostas de Frazer ou Freud. Para tanto, é necessário que se considerem características intrínsecas à espécie humana, tais como a capacidade de interpretar o mundo que a rodeia, através da criação de símbolos, categorias e conjuntos identitários. E, sob esse prisma, a mulher pode ser encarada como ser poderoso capaz de transitar entre diversas categorias que, inclusive, simbolizam conjuntos representados socialmente como incompatíveis.

Com efeito, quando há a referência à figura feminina, referencia-se o tabu, estreitamente associado à ambiguidade, contra cujo poder intrínseco há a necessidade de se proteger. Assim, destaca-se a posição marginal que a mulher ocupa em tantas

culturas, dada ao fato de apresentar melhor que o homem a condição animal do ser humano.

Entretanto, quer sejam homens, quer sejam mulheres, o corpo humano expressa marcas associadas à natureza mais instintiva. Consoante Augras (1989, p. 41) “pelas técnicas corporais, pelas tatuagens, marcas tribais, enfeites, roupas, a cultura transforma esse corpo, dá-lhe significações próprias, valoriza certas partes, desdenha outras, impõe tabus de comportamento e de linguagem”.

Portanto, o próprio corpo humano é ambíguo e, por conseguinte, poderoso, pertencente a duas ordens: animal e humana. Em qualquer cultura, existem partes do corpo vistas como tabu, as quais devem ser escondidas e até evitadas de serem pronunciadas ou nomeadas. Neste último caso, estamos diante de tabus linguísticos, visto que se algo é interditado, o nome, a palavra, ou a designação que lhe refere sofre as mesmas consequências (GUÉRIOS, 1979).

Em nossa cultura, destacamos as genitálias que são tratadas ou por meio de termos técnicos, numa nomenclatura médica, ou por meio de termos que expressam representações simbólicas, como os eufemismos que buscam atenuar a carga do tabu, passando por termos jocosos em relação à sexualidade, indo até as palavras consideradas chulas pela intenção pejorativa do enunciador. Para esse tipo de tabu, uma classificação proposta por Ullmann (1964) poderia identificá-lo como “tabu de decência ou decoro”. Segundo Vilaça (2009, p. 55), este é o tabu cuja identificação é fácil, uma vez que ele toca em aspectos relativos aos “padrões de comportamentos ditados pela sociedade”. Ainda segundo a autora, apesar de fazer parte da existência humana, o sexo é a mais polêmica das proibições incluídas nessa categoria, pois há uma gama de exemplos que identificam a relação entre sexo e tabu; inclusive, em termos linguísticos, as extensões metafóricas para palavras que, em seu sentido básico, não designariam vulgaridades “como trepar (em árvore/ ato sexual), dar (algo a alguém/ a mulher sexualmente para o homem), penetrar (colocar em/ ato sexual), comer (alimentar-se de/ possuir sexualmente)”.

A visão de Augras (1989) sobre a forte associação do tabu às genitálias deve-se por conta de serem os órgãos sexuais responsáveis pela ligação entre os opostos, estabelecendo elos diretos entre indivíduos. Então, por corroborarem a ideia de “duplo domínio”, são objetos de tabu.

Por apresentarem traços próprios da sua fisiologia, a mulher tem seu corpo representado social e culturalmente:

Mulher é bicho porque sangra²⁶, seu corpo é seu brasão, não deixa ninguém esquecer que somos todos animais, mas ela é bicho estranho, por ter seu corpo reinterpretado pela cultura. A menstruação, com todos os rituais que a acompanham, torna manifesta a dupla natureza da mulher, como ser cultural e animal ao mesmo tempo. É nessa duplicidade que reside a sua força, pois todos os seres situados na interseção de ordens opostas gozam dos poderes da ambiguidade (AUGRAS, 1989, p. 41).

Conforme a autora, o sangue menstrual é a marca do domínio feminino: ser estranha e poderosa. Por isso mesmo não deve ser tocada, por ser ambígua, poderosa, e não por ser “suja” como postulavam os autores do século XIX. Desse modo, de acordo com cada cultura, a mulher oscilava entre a profilaxia – no sentido de proteger-se do seu poder, marginalizando-a, segregando-a – e a reverência. No primeiro caso, remontava-se a confusão entre o tratamento dado ao sagrado e ao imundo.

Nesse sentido, não é apenas o corpo da mulher ou aspectos sexuais que geram tabu, mas tudo aquilo que pela ambiguidade representa o poder.

Segundo Freud (1975), a faculdade de excitar a ambivalência dos homens, levando-os a transgredir proibições, é um atributo perigoso que parece persistir em condições muito distintas, inclusive, e sobretudo, nas situações as quais encararíamos como tabu. Uma passagem bíblica, tradicional à cultura do ocidente, registra de forma metafórica as relações entre poder, corpo e sexo:

A serpente era o mais esperto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus tinha feito. Ela disse à mulher: “É verdade que Deus vos disse” ‘não comais de nenhuma árvore do jardim?’” E a mulher respondeu à serpente: “Nós podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore, que está no meio do jardim, Deus nos disse ‘não comais dela nem sequer o toqueis, do contrário morrereis’”. A serpente respondeu à mulher: “De modo algum morrereis. Pelo contrário, Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal”. A mulher notou que era tentador comer da árvore, pois era atraente aos olhos e desejável para se alcançar inteligência. Colheu o fruto, comeu e deu também ao marido, que estava junto, e ele comeu. Então os olhos dos dois se abriram; e, vendo que estavam nus, teceram para si tangas com folhas de figueira. [...] Deus perguntou: “E quem te disse que estavas nu? Então comeste da árvore, de cujo fruto te proibi comer? O homem respondeu: “A mulher que me deste por companheira, foi ela que me fez provar do fruto da árvore, e eu comi”. Então o Senhor Deus perguntou à mulher: “Por que fizeste isso?” E a mulher respondeu: “A serpente me enganou e eu comi” (GÊNESIS, 2005, p. 26).

O que sobressai em relação à transgressão na qual incorreram Adão e Eva é justamente a excitação da ambivalência nos homens e a tentação em infringir o proibido. Sob o ponto de vista de Augras (1989, p. 44), o tabu pode ser considerado um

²⁶ Referência de Augras à música de Rita Lee *Cor de rosa choque*.

“dispositivo que permite lidar com o poder sem correr o risco da destruição” e não somente um “elenco de proibições”.

5. METODOLOGIA

Para que se cumpram, de modo satisfatório, os objetivos a que nos propusemos, faz-se necessária, em primeiro momento, a caracterização da revista. A partir disso, podemos seguir com a coleta de dados, para que, enfim, sejam analisados os procedimentos linguístico-discursivos e as estratégias divulgativas utilizadas na divulgação do conhecimento sobre temas considerados tabu, referentes a questões sexuais que representam o homem e a mulher na revista *Superinteressante*, bem como as representações sociais inerentes a esse processo.

5.1. Da caracterização da revista

No que se refere à mídia impressa, vale dizer que o jornalismo considerado como prática social não se restringe apenas ao jornal. Ao contrário, estende-se a outros meios de comunicação impressa, como as revistas, de tão longa data quanto os jornais. Moraes (s/d) enfatiza a credibilidade atribuída ao material impresso, por este prestar-se a uma documentação histórica.

No que tange especificamente às revistas, pode-se dizer que são publicações periódicas cuja classificação é tão diversificada quanto o público-alvo. Com efeito, as revistas buscam uma aproximação popular através de uma espécie de identificação entre os assuntos abordados por elas e seu público leitor. Sendo assim, torna-se possível unir “um certo grupo de pessoas que têm interesses em comum por lerem a mesma revista” (ibidem, p. 1). No que se refere à infografia, comumente, as revistas apresentam-se sob um forte apelo visual. As informações são colocadas estrategicamente de modo que os elementos mais importantes chamem a atenção do leitor.

A revista *Superinteressante* é conhecida pelo seu público – formado em sua maioria por jovens e adolescentes²⁷ – como um veículo de informação que objetiva a exposição de curiosidades tanto sociais quanto científicas. A *Superinteressante* apresenta uma linha editorial voltada para responder a curiosidades, explicar o mundo, tentando “provar que o conhecimento é interessante e está diretamente relacionado ao cotidiano das pessoas, e que não pode ficar restrito aos acadêmicos” (LIMA, s/d).

²⁷ Segundo editorial da própria revista em 2007, o texto “A SUPER faz 20 anos. Vai fazer 30?” de Pedro Doria identificava os leitores da *Superinteressante* como formado por jovens.

Iniciando seus primeiros números no Brasil em setembro de 1981, a Editora Abril, por meio da compra dos direitos da revista espanhola *Muy Interesante*, oferecia traduções da matriz estrangeira aos leitores da revista brasileira. A *Muy Interesante* tinha como objetivo discutir assuntos que abarcassem desde ciências Físicas e Biológicas, até Geografia, Psicologia, Zoologia, Astronomia, Sociologia e temas atuais. Seu início estava atrelado ao grupo Gruner + Jar (G+J). Por problemas com fotolitos dessa revista, já que estes eram maiores que os fotolitos da revista brasileira, a editora Abril começou a elaborar suas próprias notícias.

Em 1987, a primeira edição da *Superinteressante* propriamente dita atingiu uma tiragem de 150 mil exemplares, com direito a reimpressão de mais 65 mil exemplares. Era considerada à época uma revista respeitada, ganhando vários prêmios e quebrando recordes de vendagem (MORAES, et al., s/d). Já nessa época, o intuito era abordar curiosidades e acontecimentos fantásticos, independentemente da área de conhecimento. Entretanto, segundo Moraes et. al. (op. cit., p. 7), era inegável “a intenção de ganhar o reconhecimento da sociedade científica, por isso dava mais ênfase a temas que envolviam as ciências naturais”.

A *Superinteressante* passou por várias mudanças editoriais, fato esse que nunca foi negado pela revista. Na verdade, isso seria uma tentativa de satisfazer o leitor pós-moderno. Segundo Moraes et. al. (op. cit., p. 11), “o leitor pós-moderno [...] acha que a ciência deve estar conectada com o social e o humano, e também ao leitor que conserva os princípios positivistas da ciência”. Prova disso seriam edições especiais²⁸ da revista em selos à parte como, por exemplo, *Revista das Religiões e Mundo Estranho* – que enveredavam para questões mais voltadas a curiosidades e esoterismo – e *Mundo Animal e Sapiens* – os quais demonstram resgatar²⁹ as ciências naturais.

Deparamo-nos, pois, com notáveis processos de transformação da revista. Na década de 90, a *Superinteressante* restabeleceu sua pauta de reportagens³⁰, incorporando discussões concernentes não só às ciências positivistas, como também a outras áreas do conhecimento: como religião, filosofia e paranormalidade. Nessa década, a revista já conquistava grande popularização e simpatia da comunidade científica, alcançando vultosos índices de vendagem. Não obstante essa efervescência editorial, seu caráter efetivamente científico sofreu consideráveis questionamentos de pesquisadores e do próprio público geral.

²⁸ Muitas dessas edições tornaram-se posteriormente revistas independentes da *Superinteressante*.

²⁹ Nos primórdios da revista *Superinteressante*, as temáticas eram mais ligadas às ciências naturais.

³⁰ Marques de Melo (1992) define o gênero jornalístico “reportagem” como um “relato ampliado de um fato que já repercutiu na sociedade e produziu alterações que são percebidas pela empresa jornalística”.

Em função das várias transformações, comportando desde matérias aprofundadas (com dados precisos) até abordagens mais simplificadas (destinadas aos jovens, de forma quase que didática e, em boa parte, mística), a *Superinteressante* é uma revista que suscita discussões polêmicas a seu respeito. Mas, segundo Moraes et. al. (s/d, p. 2), a revista “ainda pode garantir sucesso em uma sociedade pós-moderna em que o misticismo parece estar superando a tecnologia” – como exemplo, para corroborar essa ideia, basta verificarmos a sua última publicação de 2009 (edição 272 – dezembro) cuja capa expõe a reportagem de destaque a ser divulgada: “A verdade sobre a força da maçonaria”. Em reportagens como essa, observa-se a divulgação de conhecimentos sobre assuntos que não se registrem ao que o senso comum entende sobre ciência, ou seja, o conhecimento científico como exclusividade da tecnologia e exposto sob o rótulo do verdadeiro e do absoluto. Ao contrário, o intuito da publicação sobre a maçonaria é abranger discussões sobre as ciências humanas e sociais, divulgando informações sobre não só o desconhecido³¹, mas o místico e misterioso.

As mudanças realizadas pela *Superinteressante* atendem a um enfraquecimento das ciências positivistas e à ascensão da temática religiosa e mística nas capas. Essas mudanças estão intrinsecamente ligadas a um objetivo central da revista: aumentar sua vendagem, tentando satisfazer expectativas e interesses de leitores pós-modernos. Na perspectiva de Novaes (2006, p. 12), “à medida que a linha editorial da *Superinteressante* flerta com a noção de ciência na pós-modernidade e as expectativas do leitor pós-moderno, a postura editorial da revista diante da ciência se altera”.

Após meados de 2000, sob a perspectiva do almanaquismo³² e da espetacularização do conhecimento, a *Superinteressante* vem obtendo relativo êxito, uma vez que é considerada a quarta revista de maior tiragem do país, além de ganhar, frequentemente, diversos prêmios internacionais de infografia.

A *Superinteressante* flexibiliza sua abrangência, visando a outros grupos mais específicos³³. Com efeito, alguns periódicos³⁴ foram criados em forma de suplemento da

³¹ Pressupõe-se que o “desconhecido” seja a base de qualquer novidade a ser divulgada numa revista de curiosidades. No entanto, esse “desconhecido” não denota aquilo que “não se conhece” por ser uma novidade, mas por ser algo rodeado de uma aura de misticismo embargado a parte considerável da população comum que não pertença a essa sociedade discreta.

³² Em uma tendência que contempla o sentido mais moderno do termo almanaque: publicação cuja finalidade é reunir informações com atualizações periódicas específicas a vários campos do conhecimento.

³³ Grupos que abarcam desde os leitores interessados em conhecimento social e humano, até os leitores mais conservadores em termos de concepção sobre ciência, que buscam conhecimentos calcados em princípios positivistas.

³⁴ Alguns exemplos desses selos são: *Aventuras na História*, *Flashback*, *Mundo Animal*, *Mundo Estranho*, *Revista das Religiões*, *Sapiens* e *Vida Simples*.

revista, atingindo maior independência em relação à linha editorial, associados a temas que versam sobre religião, misticismo e pseudociências, além de história, saúde e cultura pop.

A partir do fato de Adriano Silva ter assumido a coordenação do Núcleo Jovem da Editora Abril, a responsabilidade gráfica e editorial da revista passou a ser de Denis Russo Burgierman. Segundo Lima (s/d), Burgierman previa mudanças, que tendiam a levar a revista para uma perspectiva surpreendedora e vanguardista, não se restringindo a tratar de ciência como único mecanismo de explicação para o mundo.

Para Lima (ibidem), a importância da *Superinteressante* não se limita ao sucesso editorial – já bastante expressivo –, mas a um empreendimento inovador no Brasil, designadamente “apostar que o brasileiro se interessaria por ciência”. Nessa perspectiva, não obstante as críticas que recebe, a *Superinteressante* exerce um papel de popularização da ciência.

Em vista das mudanças editoriais apresentadas, a revista *Superinteressante* poderia ser um exemplo de uma “nova espécie de divulgação científica”, reflexo de uma nova concepção de revista que atende a demanda de um novo tipo de público. Em uma analogia de Novaes (2006, p. 12), seria “como se a discussão sobre a epistemologia da ciência convencional, a relativização do método científico e ‘misticização’ da ciência, antes limitada à academia, tivesse alcançado a mentalidade editorial da revista”.

Em seu estágio atual, a revista, de publicação mensal, apresenta informações científicas de caráter divulgativo das diversas áreas do conhecimento, sob um enfoque almanaquista, apresentando uma estrutura temática em torno de núcleos representados a partir das seguintes seções: curiosidades; história; saúde; cultura; atualidades; tecnologia; ciência (sobretudo as ciências naturais); e comportamento. Esses núcleos temáticos centrais subdividem-se por assunto em: “supernovas”; “reportagens” e “superradar”, sendo que a cada uma dessas subdivisões atribui-se uma cor específica, para marcar sua identificação.

A caracterização da revista, em termos de composição e estrutura temática, torna-se valiosa no sentido de podermos, de forma mais segura, partir para a análise do *corpus* do trabalho.

5.2. Da coleta de dados

A metodologia de análise proposta nessa pesquisa constitui-se em torno das especificidades de um conjunto temático de textos de caráter científico publicados na revista *Superinteressante*. Dessa forma, o primeiro passo foi definir a amostra de textos que se referem a questões consideradas tabu³⁵. Coletamos textos que, de alguma forma, tocavam em aspectos referentes a tabus sexuais, publicados na revista *Superinteressante* no decorrer do ano de 2008³⁶.

A fim de que se realizasse a busca das ocorrências para a configuração do *corpus* de análise, definimos palavras-chave para a consulta no acervo *online* disponibilizado pela Editora Abril. Consultamos os textos a partir das palavras *pênis* e *vagina*, as quais foram escolhidas por representarem o centro cognitivo no que se refere à Teoria dos Protótipos (TAYLOR, 1989; LAKOFF, 1990), ou seja, o membro mais prototípico da categoria³⁷. Entretanto, na esteira dessa teoria³⁸, não desconsideramos os membros marginais que constam do mesmo *frame*, tais como *seios*, *nádegas* etc³⁹. Essa teoria demonstra-se uma eficiente alternativa metodológica para nosso trabalho, já que esses nomes têm como germe analítico o arranjo estrutural do significado, o que se prestaria ao caso específico: uma análise sobre questões sexuais consideradas tabus, elegendo-se membros prototípicos das categorias homem/mulher. Conforme indica Duque (2000, p. 12), “uma descrição categorial deve considerar, como fonte dos atributos a incluir, tanto os bons e os maus exemplos, quanto os membros marginais (de pertinência duvidosa)”. Em nosso caso particular, poderíamos mapear a categoria de

³⁵ Outros tabus como “morte”, “doença”, etc., embora também recorrentes na revista, não foram coletados por nós, já que nosso objetivo é a análise de tabus relacionados a questões sexuais que representem tanto o universo masculino quanto o feminino.

³⁶ No sentido de se promover uma pesquisa na revista *Superinteressante*, objetivou-se a busca de publicações mais recentes. A eleição do ano de 2008 faz-se patente por uma questão operacional, uma vez que o ano de 2009, no momento da configuração do *corpus* – segundo semestre de 2009 –, ainda não se encontrava disponível no acervo *on-line* da Editora Abril.

³⁷ É necessário que se esclareça que essas palavras são consideradas membros prototípicos em determinado contexto: mídia impressa. Se a busca fosse feita em outros contextos, por exemplo, em discursos orais, provavelmente deveríamos partir de outras palavras e/ou expressões.

³⁸ Na Teoria Radial “uma categoria pode ter membros de vários graus de representatividade: seus melhores exemplares apresentariam a maioria das propriedades que a caracterizam, mas outros membros não precisariam ter todas essas propriedades, e alguns deles poderiam até não possuir nenhuma delas. O que faz com que esses membros ‘não conformes’ também pertençam à categoria são os elos que os ligam, direta ou indiretamente, aos membros prototípicos, ou seja, a existência de encadeamento na categoria: dos prototípicos se derivam alguns outros, desses se originam outros ainda, e assim por diante, o todo da categoria formando uma ‘rede de nós’ que ocupam diversos lugares na estrutura, a diferentes distâncias uns dos outros, mas todos direta ou indiretamente ligados entre si” (VASCONCELLOS, 2005).

³⁹ Incluem-se nesse caso outras possibilidades de registro, respeitando o veículo eleito para a configuração do *corpus*, ou seja, uma revista de caráter de divulgação científica para um público em geral jovem: por exemplo, *peitos* para *seios*; *bunda* e *bumbum* para *nádega* etc.

tabu relativa às partes íntimas de homem/mulher, reconhecendo os atributos em hierarquia de representatividade, “um mapa categorial acompanha e representa a descrição prototípica de uma categoria”, bem como seus membros marginais (DUQUE, 2000, p. 12). Os dados necessários para a construção de nosso mapa de categoria “partes íntimas de homem/mulher” devem respeitar o veículo eleito para a configuração do *corpus* do trabalho: uma revista impressa de caráter de divulgação científica para um público em geral jovem.

A partir disso, fizemos uma seleção dos textos em que a ocorrência das palavras *pênis* e *vagina* – e seus correlatos de mesmo campo semântico – estavam diretamente atreladas a temáticas sexuais. Nessa fase, então, uma nova seleção foi realizada a partir da efetiva leitura dos textos, constituindo-se o *corpus* de análise deste trabalho.

Na primeira seleção de textos, reunimos todos os documentos que tangiam a temática relativa a questões sexuais ligadas ao universo masculino e feminino. Dos sete textos iniciais encontrados no ano de 2008, quatro eram do mês de junho. Levantamos uma suposição de essas publicações estarem atreladas ao mês dos namorados, entretanto, não conseguimos identificar comprovações concretas sobre essa relação.

O texto SUPER 253-03, *O ponto G existe?*, é o único do mês de junho que pertence à edição mensal regular. Os outros quatro constam da edição especial intitulada *29 coisas que não fazem sentido*, cuja maioria das reportagens tem como título perguntas retóricas. Nessa edição, SUPER 253a, todos os textos que serviam a nossa proposta de análise são de uma mesma autora, Marília Juste. Para operacionalizarmos nossa análise qualitativa, em vista de um *corpus* representativo acerca das publicações da *Superinteressante* durante o ano de 2008, optamos por analisar apenas um dos textos dessa edição e dessa autora, excluindo-se, portanto, as seguintes reportagens: *Por que o homem é o primata com o maior pênis* e *Para que serve o sexo?*

Dessa forma, a seleção de documentos totaliza um montante de cinco textos, disponíveis no acervo *on-line* da Editora Abril e arquivados por nós, através da digitalização das publicações em programa específico de textos, *Microsoft Word*.

O *corpus* do trabalho foi organizado seguindo a especificação representada no quadro seguinte:

Identificação ⁴⁰	Seção	Título	Autoria	Mês
SUPER 249-01	Ciência	<i>A ciência do palavrão</i>	Alexandre Versignassi e Pedro Burgos	Fevereiro
SUPER 252-02	Saúde	<i>Quando a máquina dá pau</i>	Martha San Juan França	Maior
SUPER 253-03	Saúde	<i>O ponto G existe?</i>	Juan Torres	Junho
SUPER 253a-04	Ciência	<i>Por que os homens têm peitos?</i>	Marília Juste	Junho
SUPER 255-05	Ciência	<i>Sexo no laboratório</i>	Camilla Costa	Agosto

Quadro 1: descrição do *corpus* de análise.

A partir da seleção e organização dos textos, publicados na revista *Superinteressante* durante o ano de 2008 acerca da temática referente a questões sexuais que representam o homem e a mulher consideradas tabu, poderemos trabalhar de forma efetiva as perspectivas quantitativa e qualitativa de nosso trabalho.

5.3. Da análise

Ao considerar que os textos publicados na revista *Superinteressante* constituem uma forma de discurso público, inevitavelmente as informações agregam fatores relacionados ao contexto de produção. Nesse sentido, faz-se necessário um embasamento teórico acerca da Teoria das Representações Sociais, para que se analisem temas considerados tabu, uma vez que estes estão diretamente associados a preceitos culturais típicos de um povo, refletindo suas interpretações acerca da realidade. Buscando-se as referências necessárias, fez-se fundamental a obra clássica de Moscovici (1973), e as publicações sùmulas sobre a teoria de Jodelet (2002) e Arruda (2003).

Dado o interesse desta pesquisa acerca de aspectos sociais e culturais, busca-se um levantamento acerca da noção de tabu. Para tanto, foi de grande importância para a constituição de um percurso histórico sobre o assunto a obra de Freud (1975), que

⁴⁰ O número de três dígitos representa a posição cronológica mensal em que ocupa dada publicação em toda a existência da revista *Superinteressante*, a cuja primeira publicação fora atribuído o número 000 pela própria Editora Abril em seu arquivo *on-line*. Havendo mais de uma publicação por mês, em caso de edição especial, atribui-se a mesma identificação de três dígitos, diferenciando-as apenas com letras em ordem alfabética, conforme a sequência cronológica de publicações, seguindo o método do próprio acervo *on-line* da Editora Abril. O número de dois dígitos fora atribuído por nós como forma de elencar cronologicamente os textos a serem analisados.

entende a construção da sociedade pelo homem e do próprio curso da história, relevando aspectos psicológicos e caracterizando as ações da humanidade através do inconsciente. Para um contato com concepções antropológicas mais modernas sobre o tabu, utilizamos a obra de Augras (1989), em que se define a noção de tabu de forma didática, explicitando-se alguns equívocos de autores dos séculos XIX e XX.

No que se refere à divulgação científica sobre questões referentes a tabus relacionados a aspectos sexuais humanos, a Análise do Discurso da Divulgação Científica fornece subsídios importantes para sua descrição e análise, uma vez que esse tipo de aporte teórico-metodológico comporta satisfatórias categorias de análise linguístico-discursivas, considerando estratégias que vão desde o tratamento do léxico até a sintaxe. Como autores de fundamental importância, destacamos Ciapuscio (1997), pela apresentação de aspectos gerais sobre a reformulação de textos de divulgação científica; Calsamiglia (1997, 2001, 2003), pelas discussões acerca do processo linguístico-discursivo que caracteriza a popularização do conhecimento científico; Cassany e Martí (1998), pela abordagem em relação às estratégias divulgativas; Cataldi (2003, 2007a e b, 2008 e 2009), pelo detalhamento no que se refere à divulgação científica na mídia impressa. Munido dessa base teórica acerca da Análise do Discurso da Divulgação Científica, torna-se válido um exame sobre os procedimentos linguístico-discursivos, patentes na popularização do conhecimento científico. Com isso, podemos efetuar um estudo do processo de recontextualização do discurso sobre ciência na mídia impressa brasileira, especificamente na revista *Superinteressante*, identificando as estratégias divulgativas que caracterizam essa temática na revista em questão.

6. A SUPERINTERESSANTE COMO OBJETO DE ANÁLISE

Identificaremos e analisaremos as estratégias linguístico-discursivas que caracterizam o processo de recontextualização do conhecimento sobre temas considerados tabu que tangem aos aspectos sexuais humanos e suas respectivas representações sociais atreladas à linha editorial da revista.

6.1. A recontextualização do discurso sobre ciência na *Superinteressante*

À essa fase da dissertação, objetivamos analisar separadamente todos os textos que compõem o *corpus* desta pesquisa.

Avaliaremos, em um primeiro momento, a caracterização geral do texto, identificando seu autor, sua temática e seu propósito comunicativo. Será realizada ainda uma análise linguística-discursiva geral, ressaltando a estruturação global do texto, considerando sua composição, através do título, subtítulo, *lead*⁴¹, bem como o registro de linguagem utilizado, identificando os jogos de linguagem, as ambiguidades e as estratégias divulgativas mais amplas envolvidas na recontextualização, sem nos atermos a categorias específicas.

Em um segundo momento da análise, amparados pelos trabalhos de Ciapuscio (1997), Cassany e Martí (1998), Calsamiglia (1997, 2001, 2003) e Cataldi (2003, 2007a e b, 2008 e 2009), identificaremos os procedimentos discursivos – *expansão*, *variação* e *redução* – presentes no processo de divulgação do conhecimento científico na revista *Superinteressante*. Destacaremos, ainda, as estratégias divulgativas que compõem os procedimentos discursivos, tais como narrativização, descrição, argumentos de autoridade, explicações, analogias, exemplificações, definições e denominações. À esteira desse destaque, consideraremos a relação estabelecida pelas estratégias divulgativas entre público leitor e o tema tabu divulgado.

Relacionando a essas estruturas e estratégias, destacaremos, com base nas obras de Moscovici (1973), Jodelet (2002) e Arruda (2003), as representações sociais acerca dos temas considerados tabu refletidas na revista *Superinteressante*.

⁴¹ Segundo Ribeiro (1994, p. 12), “o lead consiste na apresentação, no primeiro parágrafo da matéria, de uma síntese dos fatos”.

6.1.1. SUPER 252-02: *Quando a máquina dá pau*⁴²

No texto SUPER 252-02 do *corpus*, cuja reportagem intitula-se “Quando a máquina dá pau”, constante da seção *Saúde*, a jornalista Martha San Juan França discorre, a partir de explicações técnicas, sobre a impotência sexual masculina ao longo da história da humanidade.

O título propriamente dito faz menção à expressão coloquial *dar pau*, cujo sentido está relacionado a enguiçar, funcionar mal, parar de funcionar, ou quebrar, usada mais especificamente para referir-se a máquinas. A escolha dessa expressão está associada à dupla interpretação gerada pela palavra “pau”, que em nossa cultura é comumente usada para representar a genitália masculina e, quando atrelada à temática do texto – impotência sexual – permite a dupla interpretação. Daí a palavra “máquina” em a “máquina dá pau” representar metaforicamente o órgão genital masculino em sua conotação mais viril. Afinal, a máquina tem um funcionamento, a princípio, sobre-humano e, por isso mesmo, a representação de pessoas como máquinas, para o campo semântico sexual, ser muito recorrente em uma cultura da virilidade. Assim, a impotência sexual é representada no texto como algo inerente às máquinas: “Coisa de máquina – e como todo maquinário, sujeito a falhas”.

Coerente com a proposta do texto, no subtítulo “a história da impotência desde que o homem é homem”, o fragmento “desde que o homem é homem” remete a duas interpretações possíveis: (i) remonta a história da humanidade, já que a expressão é corriqueiramente usada para esse sentido, equivalendo a desde que o homem existe; ou ainda (ii) desde que o homem teve de afirmar sua condição enquanto ser viril – equivalendo a desde que o homem representou o símbolo da força, da potência. E, conseqüentemente, o contrário foi representado como “impotência”.

Em relação ao enfoque histórico da problemática referente à disfunção sexual e suas representações sociais, ao longo da história, o *lead* da notícia revela a configuração estrutural do texto: “Era para ser apenas um problema no mecanismo de acúmulo e retenção de sangue no pênis. Mas a história da humanidade transformou a impotência em um enorme problema social”. Nesse sentido, a jornalista indica que partirá de explicações fisiológicas e, no decorrer do texto, discorrerá sobre os contextos e as respectivas representações sociais ao longo da história sobre a ereção. Alguns períodos

⁴² Dada a natureza do texto SUPER 249-01 do *corpus*, *A ciência do palavrão*, nomeadamente uma temática metalinguística que em muito se aproxima às discussões propostas nesta dissertação, optamos por analisá-lo em última instância.

de função temporal marcam os referidos contextos de representação social da impotência de cada época:

- (1) Se pudéssemos voltar aos primórdios da civilização [...].
- (2) Um pulo à Antiguidade Clássica [...].
- (3) Novo salto no tempo [...]. No medievalismo cristão [...].
- (4) [...] concepções artísticas e filosóficas do romantismo [...] na Europa do século 19 [...].
- (5) Veio o século 20 [...].

E para o século XXI, destaca-se no texto uma informação relativa ao período de vigência exclusiva do *Viagra* e não exclusiva do pós-*Viagra*:

- (6) Ele reinou sozinho até 2001, quando foi lançado o Uprima, seguido pelo Cialis e pelo Levitra.

Ainda na sequência proposta no *lead* “Viaje pelo lado mais mole da natureza masculina e confira por que o futuro promete ser bem menos broxante”, ao final do texto e do resumo histórico, algumas soluções são apontadas, graças ao avanço da medicina nos séculos XX e XXI, e em linguagem coloquial e ambígua⁴³, é possível um “futuro [...] bem menos broxante” para o problema.

Destaca-se que inerente ao discurso da jornalista está a representação social atual da impotência: “lado mais mole da natureza masculina”, que relaciona o “lado mais mole” com a impotência masculina, evidenciando a fraqueza de um ser (o homem) do qual se espera a devida virilidade. A ambiguidade gerada pela metáfora “mole” é patente, haja vista a temática acerca da rigidez peniana. “Mole” passaria a designar não somente a falta de rigidez, como também a falta de virilidade. Essa postura frente à questão da representação social da impotência é ratificada por mais vezes no texto como em: “episódios de disfunção erétil costumam ser associados a noções culturais. Impotência. Fracasso. Falta de masculinidade”.

A linguagem do texto é revestida do registro informal, cuja função é aproximar o conhecimento técnico ao público geral. Observa-se isso em construções tais como: “Um

⁴³Ambígua, já que a expressão “broxante” pode tanto referir-se metaforicamente a um problema desagradável em geral, quanto literalmente à disfunção erétil. Embora o próprio verbo “broxar” não seja tão literal assim, já que, na verdade, é uma extensão metafórica do substantivo “broxa”. Conforme Marcio Bueno (2003, p. 51), “como os pelos deste tipo de pincel são moles, pendendo pra baixo especialmente quando já estão impregnados de tinta, o termo ‘broxa’ passou a significar popularmente, e por associação, indivíduo sem potência sexual”.

pulo à Antiguidade Clássica”, “Novo salto no tempo” e “Freud excita”. Essa última faz referência, a partir de um trocadilho, à expressão do senso comum “Freud explica”. Buscando-se uma maior aproximação com o público alvo da revista e leitores leigos, o texto traz informações a partir de expressões que remetem ao campo semântico da temática em questão: sexo, de forma mais geral, e (im)potência sexual. Nesse sentido, podemos observar conhecimentos técnicos reformulados em construções do tipo: “Neurotransmissores pulam de sinapse em sinapse com a missão de contar ao pênis a boa-nova, às vezes nem tão boa, às vezes nem tão nova”, em que “boa-nova”, de forma coloquial, pode significar a relação sexual iminente. Entretanto, em vista do contexto, pelo que seria necessário constar da relação, designadamente uma parceira sexual, decomposta a palavra, “boa-nova” poderia referir-se a uma mulher boa e nova. Isso se faz patente ao que se apresenta “às vezes nem tão boa, às vezes nem tão nova”. Outra interpretação na esteira do significado primário, em que “boa-nova” representasse a urgência da relação sexual, “nem tão boa” poderia estar associado à impotência sexual. Note-se que o segmento entre vírgulas “às vezes nem tão boa, às vezes nem tão nova” é um jogo de palavras cuja finalidade é a criação de um chiste, para que o texto se torne cômico.

Nessa linha da informalidade, uma série de registros da linguagem oral aparece no texto, inseridos ora em comentários entre parênteses (7) e (8), ora através do diálogo com o leitor (9) e (10):

(7) Outra possibilidade de cura era a aplicação de eletricidade (ai!) no órgão combalido.

(8) A coisa ficou mais dura (ok, mais mole) quando as concepções artísticas e filosóficas do romantismo ganharam espaço na Europa do século 19 [...].

(9) [...] Ruskin teria se escandalizado com o fato de a mulher real ter pêlos púbicos e aí... isso mesmo⁴⁴, broxava.

(10) Mas, se não fosse assim, provavelmente a vida seria, digamos, meio broxante.

Observa-se a busca pela cumplicidade com o leitor, a partir de uma interatividade marcada ou pelas reticências em (9), como se a expressão “isso mesmo” confirmasse o que leitor estivesse pensando, ou pelo verbo na primeira pessoa do plural como em (10). Vale a pena ressaltar um traço curioso do texto ao fazer referências ao campo semântico do tema em questão, como em (8) e (10), já que “A coisa ficou mais

⁴⁴Aplicável a todos os textos analisados nessa seção (6.2.), as informações que estão sublinhadas nos fragmentos foram destacadas por mim.

dura”, esclarecida em seguida pelos parênteses e “a vida seria [...] meio broxante”. Esses fragmentos apresentam expressões ambíguas em função do contexto, designadamente atrelado a questões sexuais e, mais especificamente, à impotência sexual masculina.

O mesmo processo de utilização de expressões que remetem a um mesmo campo semântico ocorre em: “O subtítulo da obra é tão avantajado quanto esclarecedor”; “A bola da vez passava a ser a masturbação”; “E pau na máquina”; referindo-se ao ato sexual e promovendo alusão ao título da reportagem e “Agora que estamos nos finalmente”, como operador discursivo no início do parágrafo conclusivo do texto e fazendo alusão à etapa posterior das chamadas preliminares sexuais.

Trocadilhos através de aliterações como em “O falo fala” e construções coloquiais através de expressões informais como em “no dia em que a ansiedade bateu de frente e abreviou a festinha” e “o monstro mudou de cara” corroboram a hipótese da acessibilidade que a revista pretende assumir. Destacam-se ainda outras expressões coloquiais e/ou relativas à interação face-a-face tais como:

(11) Pronto: a falha fisiológica virou um problema social [...].

(12) Se pudéssemos voltar aos primórdios da civilização, desembarcaríamos em uma época em que a mortalidade infantil era alta e a expectativa de vida trombava nos 20 anos, quando muito. Ter uma penca de filhos era uma estratégia de sobrevivência familiar [...].

(13) Se um “velhinho” de 30 anos fosse incapaz de ter ereção depois de ter vários filhos, beleza, não tinha importância.

Em relação à abordagem científica na qual a divulgação se ancora, podemos perceber uma oscilação entre as ciências biológicas e as ciências humanas. Partindo de informações mais técnicas, comportando uma série de estratégias divulgativas, do âmbito das ciências naturais, como a valorização das ciências biológicas, como em “Princípios de hidráulica e bioquímica explicam”, o texto é direcionado a explicações do âmbito científico da área de ciências humanas:

(14) Algumas [falhas] físicas (endurecimento das artérias, problemas cardíacos ou colesterol elevado), outras psicológicas (como no dia em que a ansiedade bateu de frente e abreviou a festinha). Com uma big diferença: nenhum homem reage a uma broxada como se fosse uma falha mecânica. Bem longe disso: episódios de disfunção erétil costumam ser associados a noções culturais. Impotência. Fracasso. Falta de masculinidade. Pronto: a falha fisiológica virou um problema social.

Assim, destaca-se da estrutura geral do texto uma tentativa de exposição histórica acerca das pesquisas relacionadas à impotência sexual. A divulgação sobre o

tema oscila entre os âmbitos das ciências naturais e das ciências humanas, recrutando para tanto uma simulação interativa entre a revista e os leitores, mediada pelo registro informal, permeado de expressões típicas de interações face a face.

6.1.1.1. Procedimentos linguístico-discursivos de *expansão*, *variação* e *redução*

a) Procedimento de *expansão*

O procedimento linguístico-discursivo de *expansão*, utilizado para a ampliação do conhecimento, próprio do discurso divulgativo, ocorre no texto SUPER 252-02 por meio de cinco estratégias divulgativas específicas: narrativização, argumento de autoridade, explicação, exemplificação e definição.

a1) Narrativização

A abordagem sobre o tema, designadamente o ponto de partida pela explicação biológica até que se atinja a problemática social, vem especificada já no *lead*: “Era para ser apenas um problema no mecanismo de acúmulo e retenção de sangue no pênis. Mas a história da humanidade transformou a impotência em um enorme problema social”. Desde uma perspectiva voltada para a caracterização da ereção, uma das principais estratégias do texto é divulgar esse conhecimento através do processo de narrativização, que consiste na apresentação de protagonistas responsáveis por algum tipo de ação, através do tempo, de acordo com diversos marcadores temporais, bem como de tempos verbais, típicos de textos narrativos:

(15) Tudo nasce com um estímulo – visual, tátil, olfativo, escolha o seu. Os neurônios do cérebro interpretam a mensagem e disparam uma resposta. Neurotransmissores pulam de sinapse em sinapse com a missão de contar ao pênis a boa-nova, às vezes nem tão boa, às vezes nem tão nova. Os cilindros esponjosos responsáveis pelo espetáculo do crescimento entendem o recado. Relaxam a musculatura e dilatam suas artérias. O sangue inunda as estruturas porosas, as veias ao redor são pressionadas, o líquido é retido no local. É a ereção.

Ao descrever o que seria a “ereção”, a jornalista vale-se da estratégia linguístico-discursiva de *expansão*. Através desse recurso, “neurônios”, “neurotransmissores”, “pênis”, “cilindros esponjosos”, “artérias”, “sangue” e “veias” são apontados como *personagens* do processo de ereção. Com o objetivo de mostrar fisiologicamente esse

processo, os componentes orgânicos da fisiologia humana são personificados, assim, atributos humanos são designados para cada um dos componentes. Nesse sentido, obtemos construções tais como: “Os neurônios [...] interpretam [...] e disparam uma resposta”; “neurotransmissores pulam” e têm a “missão de contar ao pênis”; “os cilindros esponjosos” são “responsáveis pelo espetáculo do crescimento” e “entendem o recado”.

Dessa forma, é possível perceber um texto do tipo narrativo-descritivo que aborda a ereção a partir de metáforas que tornam mais acessíveis o conhecimento divulgado. Se a descrição do processo fosse feita a partir de somente dados técnicos e léxico especializado, a informação tornar-se-ia abstrata para o público geral. Ao narrativizar-se a descrição, por meio de metáforas, o conhecimento pode ser associado a fatos cotidianos dos leitores, como por exemplos “disparar”, “contar [...] a boa nova”, etc.

A partir dessas informações, observa-se que esse recurso foi utilizado no texto com o objetivo de contribuir cognitivamente em relação às caracterizações necessárias acerca do funcionamento fisiológico do processo da ereção peniana, como em: “um problema no mecanismo de acúmulo e retenção de sangue no pênis” para referir-se à impotência sexual.

a2) Argumento de autoridade

Ao longo do texto, uma série de argumentos de autoridade são utilizados ou para definir o processo de ereção ou para expor opiniões que ilustrassem concepções da época das quais fazem parte: em (16) para definir impotência sexual entre os séculos XX-XI; em (17), para apresentar possíveis causas da impotência e em (18) para apresentar “solução” inusitada proposta por um cientista, entre os séculos XIX-XX; e em (19) para parafrasear os argumentos obtidos no livro “Impotência: Uma História Cultural”, do professor de história Angus McLaren no século XX que demonstra a complexidade do problema:

(16) [...] como diz o Aurélio, “levantamento do pênis em conseqüência de acúmulo de sangue em seu tecido erétil”.

(17) Sigmund Freud (1856-1939), defendendo que a impotência resultava da inabilidade individual de conciliar os ímpetus primitivos (os desejos sexuais) com as convenções sociais e a realidade.

(18) Como solução, Serge propunha inserir uma fatia do testículo de um “doador” (um prisioneiro ou até mesmo um macaco) no escroto do receptor, com a esperança de que ocorreria uma fusão com o tecido preexistente.

(19) Trata-se de um conceito histórico – depende das circunstâncias, da cultura da época e dos padrões de desempenho masculino.

a3) Explicação

Explicações de várias informações são feitas a partir da utilização de travessões (20), dois pontos (21), ou vírgulas explicativas (22), preenchendo lacunas de conhecimento e tornando a exposição mais completa:

(20) Ter uma penca de filhos era uma estratégia de sobrevivência familiar – representava uma chance maior de algum descendente alcançar a vida adulta e dar continuidade à família.

(21) Sobre o tal estímulo não há remédio que atue: ele vem da nossa relação com as pessoas que vivem no mundo. Isso quer dizer que a ereção pode até ser uma máquina – mas nós não somos.

(22) [...] afrodisíacos, palavra que remete à deusa grega do amor, Afrodite.

Observa-se em (22) que a explicação refere-se à etimologia do termo e não à definição de seu significado. Possivelmente a jornalista pressupõe o conhecimento prévio dos leitores acerca do sentido da palavra, remetendo a uma explicação sob a nuance da curiosidade: embora o conhecimento do senso comum infira a relação entre o afrodisíaco e a temática do texto, a origem da palavra remonta ao amor e não ao sexo.

A explicação, no texto, aparece ainda em frases distintas com relação aos termos explicados e a *explicação* propriamente dita, expondo detalhamento de funcionamento, cujos núcleos dos referentes se encontram em períodos anteriores, retomados, no período posterior, por meio de uma palavra resumidora (23):

(23) Ele [o Viagra] reinou sozinho até 2001, quando foi lançado o Uprima, seguido pelo Cialis e pelo Levitra. Todos [Viagra, Uprima, Cialis e Levitra] atuam potencializando o mecanismo que provoca o relaxamento da musculatura dos corpos cavernosos do pênis, aumentando o influxo de sangue e mantendo a ereção firme e prolongada.

a4) Definição

Como estratégia de representação maquinal da sexualidade masculina, o texto é permeado de referências a esse universo:

(24) O mecanismo é simples. A lógica é linear.

Não obstante, vale a pena ressaltar as definições, que, inclusive através de argumentos de autoridade validados em dicionário, remetem ao universo objetivo das máquinas:

(25) [...] como diz o Aurélio, “levantamento do pênis em consequência de acúmulo de sangue em seu tecido erétil”.

Entretanto, a jornalista ressalva que “nenhum homem reage a uma broxada como se fosse uma falha mecânica”. Nesse sentido, a definição do dicionário passa a representar uma definição aquém de um problema mais complexo do ser humano, deixando de ser um argumento de autoridade e passando a um exemplo de explicação simplista da condição do homem. Essa estratégia abre o precedente para a construção do texto como uma reconstituição histórica das representações sociais sobre impotência ao longo da história da humanidade:

(26) [...] o canadense Angus McLaren, professor de história e especialista em sexualidade e medicina da Universidade de Victoria, afirma que a definição de impotência é mais complexa do que se pensa. Trata-se de um conceito histórico – depende das circunstâncias, da cultura da época e dos padrões de desempenho masculino. Falar de broxada, portanto, é caminhar pela história humana.

Definições gerais para alguns termos que pudessem gerar dúvida quanto ao seu significado são inseridas no texto por meio dos parênteses (27) ou por meio de vírgulas (28):

(27) [...] testosterona (o principal hormônio sexual masculino, produzido pelos testículos) [...].

(28) [...] Viagra, a primeira pílula contra a impotência masculina.

A definição, no texto, aparece ainda em frases distintas com relação ao termo definido e à definição propriamente dita, expondo detalhamento de processos, cujo núcleo do referente se encontra em um período anterior retomado por meio de elipse (29):

(29) Os modelos [Ø = de próteses] mais usados nada mais são do que hastes infláveis de silicone implantadas nos corpos cavernosos do pênis.

a5) Exemplificação

Na intenção de contribuir cognitivamente em relação às caracterizações necessárias acerca do funcionamento fisiológico do processo da ereção peniana, exemplos de como o problema é representado em nossa cultura são apresentados conforme (30):

(30) Impotência. Fracasso. Falta de masculinidade.

Em (30), é, portanto, através dos exemplos expostos pela jornalista, acerca de como o problema da impotência sexual masculina é tratada, que se compreendem as concepções de nossa sociedade acerca da representação sobre o homem.

Com relação à complementaridade de informação, observa-se que em (31) essa expansão aparece em forma de exemplos, inseridos entre parênteses:

(31) Algumas [falhas] físicas (endurecimento das artérias, problemas cardíacos ou colesterol elevado), outras [falhas] psicológicas (como no dia em que a ansiedade bateu de frente e abreviou a festinha).

b) Procedimento de *variação*

Considerando a necessidade de adequação da linguagem da revista de divulgação de curiosidades ao seu público geral e jovem, observa-se na *Superinteressante* a utilização de diversos exemplos de *variação* a fim de que se promova uma maior aproximação com o leitor. Embora a temática enfocada seja relativa ao tabu, a maior parte das *variações* não se dá em vista da modalização eufêmica da linguagem. Ao contrário, ocorrem mais provocações de disfemismos para gerar humor, através de trocadilhos, ambiguidades e paródias.

Em (32), a informação sublinhada, que caracteriza uma estratégia de *expansão* em forma de pergunta retórica, contém *variações* para as expressões “disfunção erétil” e “pênis”, representadas respectivamente em “sono em berço esplêndido” e “impávido colosso”:

(32) Pronto: a falha fisiológica virou um problema social, devastador não apenas para o gênero masculino – quantas vezes não são as mulheres que se culpam pelo sono em berço esplêndido do impávido colosso?

Evidencia-se em (32) uma paródia ao hino nacional. Há que se destacar que é típica da faixa etária pueril a brincadeira, através de recursos sonoros (como rimas e trocadilhos) e metáforas, a partir de textos consagrados. Sobretudo, essas paródias comumente estão calcadas em jogos sonoros que induzem, pela ambiguidade, a interpretações maliciosas.

No texto original do hino, a ideia que gira em torno das condições naturais e geográficas privilegiadas para o desenvolvimento do Brasil passa a representar, em forma de piada, outras questões. A representação gerada por “colosso”⁴⁵, que remete a uma estátua de proporções grandes e, por extensão metafórica, a qualquer pessoa ou objeto grande, quando do texto original “deitado”, estilizado na paródia em “sono”, mesmo que “impávido”, demonstra fraqueza, frouxidão, remetendo a um pênis não ereto pelo contexto que se encontra inserido. Dessa forma, o texto divulgado torna-se cômico, facilitando a compreensão do público jovem, pois, mesmo que essa faixa etária desconheça completamente os significados das palavras que compõem o hino nacional, esse público é capaz de reconhecer pela sonoridade o jogo de significados maliciosos associados à canção.

Ainda nessa linha, a jornalista faz referência ao poeta romano Catulo, que definia seu pênis como “pardal morto”. Para gerar humor, a jornalista acrescenta mais duas *variações* sob o mesmo campo semântico (“pinto” e “peru”), justificando as denominações, por ambos também pertencerem ao reino animal. Fica patente o chiste relacionado aos nomes dados, em nossa cultura, à genitália masculina. Nesse sentido, o berço da cultura ocidental, a Antiguidade Clássica, serve de fonte para que se demonstre a representação social que já existia em torno da genitália masculina, representada por um animal, reforçando-se essas representações.

Entretanto, essas não foram as únicas variações encontradas no texto para a genitália masculina. Podemos, de maneira geral, organizar as *variações* encontradas no texto, tanto para a genitália masculina, quanto para as questões relativas ao tabu sexual de forma mais ampla, do seguinte modo:

⁴⁵Quando cito “trocadilhos”, abarco ainda expressões relativas a “jogos sonoros”. Quando se desconhece o significado de uma palavra, uma das primeiras estratégias do leitor é associá-la sonoramente a uma que lhe pareça familiar. A título de exemplificação, “colosso” torna-se ainda mais cômico na paródia, à medida que a palavra tem semelhança sonora com “grosso”, “caroço” etc.

Genitália masculina
<i>órgão</i>
<i>viga de sustentação</i>
<i>espada</i>
<i>falo</i>
<i>bichão</i>

Quadro 2: *variações* encontradas no texto SUPER 252-02 para “genitália masculina”

Observa-se, então, que outras *variações* que ocorrem no texto para designarem a genitália masculina são: “órgão” em “o órgão hoje apelidado de pinto ou peru” e “O antídoto era mandar diretamente para a fogueira a feiticeira que havia amaldiçoado o órgão”; “viga de sustentação” em “o pênis era a viga de sustentação da transa”; “espada” em “só importava que ele fosse ativo, com a espada pronta para lutar o bom combate”; “falo” em “E assim, se na cultura antiga o falo ereto era um sinal de poder”; e “bichão” em “Quando o bichão se recusava a dar sinal de vida”.

É importante ressaltar que, conforme o contexto discursivo, a representação feita pela jornalista acerca do pênis ganha conformações diversas. Um exemplo é a relação entre a arquitetura clássica e a representação social da genitália masculina. As colunas de sustentação – que seguem critérios harmoniosos de modo a valorizar a proporcionalidade – são típicas da arquitetura clássica. A estrutura arquitetônica do templo dórico, por exemplo, chama atenção pelo contraste entre as formas verticais das colunas e os planos horizontais da base. Nesse sentido, a expressão “viga” aparece no texto como uma referência contextual ao universo da Antiguidade Clássica. Já que as colunas fazem parte da representação que fazemos da cultura clássica. A jornalista lança mão dessa simbologia para eleger o pênis como “a viga de sustentação” de uma cultura que, além de ser lembrada pela famosa arquitetura, poderia ser rotulada como uma sociedade em que “o pênis estava associado ao poder”.

Além dessas referências intertextuais para a elaboração do texto, a jornalista ainda recruta estratégias que geram humor, por meio de chistes jocosos que fazem alusão ao campo semântico sobre o qual se discorre no texto. É o caso de “espada pronta para lutar o bom combate”, associado aos “guerreiros da Antiguidade”. Em “o bichão [que] se recusava a dar sinal de vida”, fica notório o caráter satirizado com que a impotência é representada em nossa cultura, ao denominar “pênis” de “bichão”. Nesse caso, o termo “bichão” foi utilizado como um hiperônimo de outras denominações

associadas ao reino animal, tais como “pinto”, “peru” etc. Vale a pena ressaltar que o aumentativo na palavra evoca aspectos ligados à representação de virilidade do homem.

Desejo sexual, potência e ereção
<i>espada pronta</i>
<i>bom combate</i>
<i>apetite sexual</i>
<i>falo ereto</i>
<i>desejo sexual</i>
<i>erguer o pênis na faca</i>

Quadro 3: *variações* encontradas no texto SUPER 252-02 para “desejo sexual, potência e ereção”.

Para desejo, potência e a ereção propriamente dita foram identificadas as denominações: “espada pronta” e “bom combate”, contextualizados na condição guerreira da sociedade romana, conforme explícito no próprio texto: “As metáforas da época deixam claro que o pênis estava associado ao poder”. Ainda para a representação de desejo sexual, registramos as expressões “apetite sexual”; “falo ereto”; e a própria expressão “desejo sexual”. A construção “erguer o pênis na faca” remete às cirurgias que objetivassem a cura da disfunção, conforme a linguagem coloquial do texto.

Impotência sexual masculina
<i>sono em berço esplêndido do impávido colosso</i>
<i>flacidez do pênis</i>
<i>o monstro</i>
<i>disfunção erétil</i>
<i>o problema</i>
<i>o inimigo</i>
<i>navegar sem remo</i>
<i>pardal morto</i>
<i>problema na cama</i>
<i>fraquezas</i>

<i>Quando o bichão se recusava a dar sinal de vida</i>
<i>esfriar o desejo sexual</i>
<i>impotência</i>
<i>órgão combalido</i>
<i>pênis eternamente flácido</i>
<i>falha masculina</i>

Quadro 4: *variações* encontradas no texto SUPER 252-02 para “impotência sexual masculina”

Para impotência, portanto, registram-se as seguintes *variações*: “flacidez do pênis”; “o monstro”; “disfunção erétil”, marcada por uma *variação denominativa* em “disfunção erétil, como os médicos chamam o problema”; “o problema”; “o inimigo”; “navegasse sem remo”, em “Os gregos, liberais quando o assunto era sexo [...], costumavam rir de quem “navegasse sem remo”; “pardal morto”; “problema na cama”; “fraquezas”; “Quando o bichão se recusava a dar sinal de vida”; “esfriar o desejo sexual”; “impotência”; “órgão combalido”; “pênis eternamente flácido”; “falha masculina”.

Ao visualizarmos os exemplos de *variação* para “impotência sexual masculina”, fica patente a representação de nossa cultura sobre o homem: símbolo de força e potência. Portanto, a “impotência” não caberia a um homem de nossa sociedade e, caso assim o seja, é com nuança jocosa que sua representação é marcada. Nesse sentido, ao se referir à “impotência sexual masculina” a jornalista recruta substantivos qualificadores tais como “fraquezas” e “falhas”. E, para lidar com a questão, a “impotência” é representada, na maior parte das vezes, como algo nefasto: “o monstro”, “o problema”, “o inimigo”. Tais qualificações maniqueístas ratificam a disfunção erétil como um tabu em nossa sociedade. Ou seja, algo que devemos evitar ou, até mesmo, temer, por ser um problema pelo qual as pessoas não desejam passar.

Ato sexual
<i>transa</i>
<i>hora H</i>
<i>lutar</i>
<i>combate</i>

Quadro 5: *variações* encontradas no texto SUPER 252-02 para “ato sexual”

O ato sexual em si aparece como “transa”. E, em duas ocorrências, como “hora H”. Ambas as expressões são muito corriqueiras, corroborando a hipótese da tentativa de aproximação com o público geral. Referências como “lutar” e “combate” aparecem no contexto das sociedades grega e romana, denominadas no texto como uma sociedade formada de “povos guerreiros” – o que chama a atenção dessas construções é a jornalista ter se utilizado de termos bélicos para satirizar o ato sexual da Antiguidade Clássica, ratificando, assim, um caráter tabu acerca do sexo: nem sempre ser algo bom para ambos os lados. Com relação à masturbação, destaca-se a expressão “sexo solitário”, carregada de ironia, representando a visão que se tem de tal ato sob o viés do burlesco. Quase sempre, associado à adolescência e como alvo de escárnio em nossa sociedade.

Vale a pena ressaltar que, no que tange à figura feminina, a referência mais próxima à genitália da mulher é com relação aos “pelos púbicos”, ao invés de qualquer substantivação que se referisse diretamente ao órgão. Isso corrobora a abordagem selecionada pela jornalista já no subtítulo “desde que o homem é homem”, evidenciando que a discussão envolve questões que, para a concepção da revista, não são do universo feminino⁴⁶.

c) Procedimento de *redução*

Na abordagem sobre o tema em questão, a jornalista utiliza-se do argumento do professor Angus McLaren para elucidar a complexidade e seriedade do assunto:

(33) Trata-se de um conceito histórico – depende das circunstâncias, da cultura da época e dos padrões de desempenho masculino.

Nesse sentido, a jornalista reduz a informação a um nível cognitivo mais acessível, descartando dados de caráter científico que não contribuiriam para a fluência do texto, resultando na construção posterior e conclusiva: “Falar de broxada, portanto, é caminhar pela história humana”. Procedimento parecido ocorre em “A broxada é pop”, para a afirmação de que o assunto sempre fora amplamente debatido, conforme a

⁴⁶Destacamos o equívoco dessa reprodução do senso comum, já que, evidentemente, a questão não se restringe a uma problemática biológica, tampouco, unilateralmente masculina. Esse tipo de comportamento da revista ratifica o caráter tabu do tema discutido. Evitam-se maiores confrontações de caráter esclarecedor em prol do enfoque em torno da rigidez peniana como símbolo da virilidade. A problemática afeta ambos os gêneros e pode ser causada por diversos motivos.

explicação subsequente: “A indesejada flacidez do pênis na hora H foi debatida por todos os povos em todas as épocas”.

Outro exemplo latente dessa estratégia segue em um período desprovido de maiores informações técnicas ou definições sobre a fisiologia humana, ou mesmo em relação aos artifícios empregados na utilização de próteses penianas:

(34) Na hora H, elas [as próteses] são preenchidas ou por um líquido, que vem de um reservatório no interior do abdome, ou pelo ar, por meio de uma bomba dentro do saco escrotal, que permite ao proprietário controlar a ereção.

Observa-se nessa construção o emprego de artigos indefinidos que generalizam as explicações associando os conceitos a termos de conhecimento mais amplo: “um líquido”; “um reservatório”; “uma bomba”.

Exemplo semelhante de simplificação dos dados técnicos é marcado através da expressão “mensagens químicas” em (35):

(35) Só depois do incentivo erótico é que o cérebro envia para o pênis, por meio dos nervos da espinha dorsal, as mensagens químicas que possibilitam a ereção.

O texto de divulgação científica já pressupõe a *redução* do processo científico. Portanto, a *redução* se aplica ao processo científico e não ao resultado da pesquisa, já que o público leitor está interessado na finalidade de toda descoberta científica.

Síntese da análise

Podemos destacar do texto o caráter explicativo e, principalmente, impregnado de recursos divulgativos que remetem a um universo jovem, tematizando questões curiosas que, ao mesmo tempo, suscitam uma série de chistes contextualizados.

O número abundante de *variações* faz com que o texto esteja permeado de estratégias de acessibilidade, superando os inevitáveis termos técnicos através de correlatos mais familiares ao público não especialista. Entretanto, o que se observa não é somente a utilização da *variação* como uma estratégia de inteligibilidade, mas a sua inserção ocorre a partir de termos jocosos, paródias, trocadilhos e metáforas, que aumentam o interesse de um leitor leigo e, mais especificamente, jovem. Para tanto, vale a pena destacar o tipo de registro utilizado, dotado de uma linguagem peculiar aos jovens. A representação social dessas *variações* está atrelada à visão de mundo do

público leitor em relação ao tema: os jovens e a abordagem sobre questões sexuais. Nesse sentido, o que se observa é a utilização de uma linguagem além daquela tipicamente empregada em textos de divulgação científica, dotada de termos usuais e voltada para um público geral. A linguagem da *Superinteressante* vale-se de um léxico atrelado a jocosidades, sarcasmos e ironias.

Em linhas gerais, pode-se dizer que o texto escrito por Martha San Juan França atinge relativa adequação à situação comunicativa a que se propõe a revista *Superinteressante*: divulgar o conhecimento através da aproximação entre a revista e o leitor, despertando a curiosidade deste, por meio de chistes e construções engraçadas.

6.1.2. SUPER 253-03: O ponto G existe?

No texto SUPER 253-06 de nosso *corpus*, cuja notícia é intitulada “O ponto G existe?”, constante da seção *Saúde*, o jornalista Juan Torres discorre, através da exposição de resultados de pesquisas, sobre a existência do “ponto G”. Ao final da notícia, o jornalista apresenta, de forma sintética, algumas questões objetivas sobre a região, (in)formando sobre como, de fato, encontrá-la.

A informação a ser divulgada pode ser considerada um tabu, já que envolve questões atreladas a uma região pouco discutida sob o ponto de vista científico, tornando-se, muitas vezes, uma discussão relegada a especulações do senso comum, o que contribui para a concepção do “ponto G” sob o viés mítico. Não obstante, não se evidenciam na notícia tentativas eufêmicas em relação ao tema, ao contrário, jogos de palavras e o caráter jocoso atribuído à informação pelo jornalista são utilizados com vistas a despertar o interesse do leitor. Essa constituição do caricato é muito frequente na revista e, nesse texto em questão, é explicitado, logo de início, em uma espécie de título prévio muito comum às reportagens da *Superinteressante*. Através desse recurso, o jornalista traz a seguinte colocação antecessora do título: “Acerte o alvo”. No emprego dessa construção, fica patente o sarcasmo assinalado pela vulgarização do ato sexual, no momento em que se relaciona “a busca pelo ponto G” a um “jogo” para o qual é necessário contar com a “boa pontaria” do parceiro. Na constituição desse “jogo” de sentidos, o leitor é levado a construir uma representação acerca do “mítico” ponto G. Afinal, “Acerte o alvo” está relacionado à ideia de atingir determinado resultado, ou

cumprir determinado objetivo de forma satisfatória⁴⁷. Nesse sentido, o “conselho” de “acertar o alvo” implica a construção de uma imagem por parte do homem que conseguir atingir seu objetivo de forma eficiente com a parceira, satisfazendo, assim, a mulher.

Levando em consideração o tipo de informação veiculado nessa notícia, embora seja abordada uma questão que, a princípio, esteja diretamente ligada ao universo feminino, o texto parece ser dirigido principalmente ao público masculino. Nas expressões fáticas como “acerte o alvo” e vá “direto ao ponto”, aparentemente a intenção é a de oferecer ditames acerca de como levar a parceira ao prazer, representando, inclusive, uma cultura da objetividade, em que ir “direto ao ponto” torna-se um objetivo perseguido: nomeadamente o da busca do prazer sem dificuldades.

O texto injuntivo, complementar à notícia, corrobora essa hipótese acerca dos meios facilitadores para se conseguir o prazer e, conseqüentemente, a construção de imagem enquanto homem.

Com relação ao título da notícia, sua estruturação se dá em forma de pergunta retórica: “O ponto G existe?”, cuja resposta encontra-se como primeira palavra do *lead*: “Sim”. Eximindo-se da responsabilidade da resposta categórica, o jornalista sinaliza que esta é a conclusão à qual um estudo feito por pesquisadores chegou. Modalizado por meio da expressão “pelo menos”, o jornalista expõe a fonte do estudo da seguinte forma:

(1) Sim. Pelo menos foi o que concluiu um estudo realizado por uma equipe da Universidade de L’Aquila, na Itália, e publicado em fevereiro no *Journal of Sexual Medicine*.

Observam-se em (1) dados relevantes em termos de credibilidade científica, atribuída à evocação do nome da instituição e a publicação do estudo em periódico especializado. Informações sobre o contexto das pesquisas científicas, como “quem publicou?”, “de qual instituição?” e “em qual periódico?” conferem à divulgação na mídia impressa um caráter verossímil – os detalhes, bem como a constituição de um texto com informações sobre a pesquisa, conferem credibilidade ao discurso. Em relação a “quem publicou a pesquisa” sobre o ponto G, o jornalista mencionou o nome do principal pesquisador do grupo, no primeiro parágrafo do texto:

⁴⁷ Vale destacar uma outra expressão do senso comum com significado equivalente à “acertar o alvo”, designadamente “dar uma dentro”. Essa expressão também é conformada através de um caráter tabu, haja vista o fato de o duplo sentido da expressão também estar relacionado a uma questão sexual.

(2) Os pesquisadores, liderados pelo ginecologista Emmanuele Jannini, estudaram um grupo de 20 mulheres – 9 delas diziam já ter tido orgasmos vaginais, as outras 11 não.

Em (2), parte dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa foi apresentada – como o número de mulheres que participaram da pesquisa e o resultado geral e quantitativo da análise –, para, no parágrafo seguinte, serem divulgados os resultados qualitativos:

(3) Nas 9 primeiras, uma ultra-sonografia detectou um espessamento no tecido uretrovaginal (ver infográfico)⁴⁸, imediatamente associado ao ponto G. Essa região, descrita na década de 1950, nunca havia sido visualizada com clareza. “É o fim das opiniões e o começo da ciência. Agora é possível estudar o assunto com um método muito simples”, disse Jannini, por e-mail, à SUPER. Para ele, o ponto G é uma estrutura congênita que determina a capacidade da mulher de ter orgasmos sem a estimulação do clitóris.

Ao apresentar os resultados do estudo feito pelo grupo de pesquisadores, o jornalista garante a progressão textual de informação, subsidiada pela apresentação de outra pesquisa, conforme em (4):

(4) Mas a comunidade científica é um pouco mais cautelosa. Beverly Whipple, neurofisiologista da Universidade de Rutgers, em Nova Jersey, e uma das responsáveis pelo estudo que deu o apelido à região, concorda que o ponto G existe, mas não acha que ele seja condição para o orgasmo vaginal. E mais: acredita que todas as mulheres tenham ponto G, mas que o espessamento do tecido possa ser consequência de estímulos sexuais mais frequentes ou eficientes. Para tirar a dúvida, seria preciso fazer o exame antes e depois de provocar esse estímulo. “Hoje, o que podemos afirmar com certeza é que há uma área sensível na parede frontal interna da vagina que incha e produz uma sensação analgésica quando estimulada”, diz Whipple.

Portanto, a partir da apresentação dos resultados da primeira pesquisa, o jornalista já destaca divergências acadêmicas entre especialistas, fazendo uso dessas informações para introduzir o ponto de vista de outra pesquisadora. Vale ressaltar que o *status* atribuído à pesquisadora refere-se ao fato de ela também pertencer a uma universidade (Universidade de Rutgers, em Nova Jersey) e ser uma das responsáveis por ter intitulado a região com o “apelido” de “ponto G” – fato que a coloca como uma autoridade no assunto, mesmo que a partir do relato de uma atitude que remete ao corriqueiro, como “apelidar” algo.

Vale ressaltar que as opiniões de cientistas diferentes, expostas pelo jornalista, são divergentes. Na construção de um texto de divulgação científica, a contraposição de fontes demonstra o caráter flexível da informação. Sobretudo em uma notícia cuja temática não parece ser discussão pacífica, as análises em certos pontos discordantes

⁴⁸ Não foram anexadas no trabalho informações iconográficas, já que a análise icônica não se configura como objetivo de nossa dissertação.

ratificam o caráter mítico sobre a concepção do ponto G. Podemos observar que o título prévio (“Acerte o Alvo”) e o título propriamente dito (“O ponto G existe?”) não são direcionados a uma mesma linha argumentativa. O título prévio prevê a existência do ponto G, enquanto o título dá início à notícia, em forma de pergunta, de suposição.

Por fim, a segunda, e última, parte do texto, intitulada “Direto ao ponto”, com o subtítulo “Encontrar a região não garante prazer, mas não custa tentar”, aparece como indício de que a próxima discussão a ser apresentada estará configurada como um texto do tipo injuntivo.

Vale observar que “ir direto ao ponto” possivelmente remete a reflexões que serão expostas de forma objetiva, já que a expressão é corriqueiramente utilizada como esse sentido: discutir determinado assunto sem devaneios ou digressões. Não obstante, podemos, ainda, destacar que essa construção comporta a ideia de fugir a concepções sociais atreladas ao princípio de delicadeza. Assim, sem eufemismos ou discursos modalizados, a informação será exposta de forma direta, mesmo que o tema em questão seja considerado tabu, haja vista seu caráter pouco discutido, ou pouco consensual na comunidade científica.

Entretanto, qualquer que seja a intenção do jornalista na escolha dessa expressão, o que fica claro é que a construção é ambígua. As leituras possíveis vão desde a tentativa de exposição de um texto objetivo, “direto ao ponto”, até a referência explícita ao tema, habilitada pela elipse de “G”, em “ir direto ao ponto”. Nas duas leituras, porém, a expectativa é de um didatismo na (in)formação oferecida ao leitor para descobrir a localização da região, conforme (5):

(5) Encontrar a região não garante prazer, mas não custa tentar

Mesmo que nada tenha sido garantido, em termos da relação entre prazer e a localização do ponto G, pelos dois pesquisadores mencionados no texto, pela conduta editorial da revista de fomentar a curiosidade dos leitores, a notícia não deixou de trazer algumas informações sobre o procedimento para encontrar o ponto G. Esse procedimento constitui o texto complementar à notícia, em um texto instrutivo à parte intitulado “Direto ao ponto”.

Como se espera de um texto injuntivo, realizado em gêneros como receituários, os passos aparecem numerados para melhor organizar as informações.

Entretanto, apenas as duas primeiras informações são, de fato, instrucionais. Ou seja, indicam ao leitor como este deve proceder para obter determinado resultado, através de dados precisos:

- (6) 1. O ponto G fica a cerca de 5 cm da entrada da vagina, mais exatamente entre a vagina e a uretra.
2. Você pode sentir com o dedo: é uma protuberância meio rugosa na parte superior da vagina (como se você estivesse indo ao encontro do abdômen).

Já os outros itens apresentam características técnicas que pouco, ou nada, auxiliariam a encontrar a região, descrevendo, simplesmente, o local:

- (7) 3. O tecido se assemelha ao da vulva e do pênis e é cheio de glândulas e terminações nervosas. Segundo algumas teorias, se a mulher tivesse nascido homem, essa região evoluiria para a próstata.
4. O local libera a PDES, uma enzima que, nos homens, processa o óxido nítrico e estimula a ereção.

6.1.2.1. Procedimentos linguístico-discursivos de *expansão*, *variação* e *redução*

a) Procedimento de *expansão*

a1) Definição

O procedimento linguístico-discursivo de *expansão* realiza-se em alguns momentos através de *definições*, como se observa em (8):

- (8) Para ele [o ginecologista Emmanuele Jannini], o ponto G é uma estrutura congênita que determina a capacidade da mulher de ter orgasmos sem a estimulação do clitóris.

Podemos observar que, em (8), a *definição* está atrelada ao discurso de uma autoridade na área, por meio de uma conformação prototípica da definição: a utilização do verbo “ser” em “o ponto G é” e de termos específicos como “estrutura congênita”.

Através do confronto entre dois especialistas, o jornalista traz, por meio de discurso direto, uma outra definição para o ponto G que pode ser considerada confiável no atual estágio das pesquisas:

- (9) “Hoje, o que podemos afirmar com certeza é que há uma área sensível na parede frontal interna da vagina que incha e produz uma sensação analgésica quando estimulada”, diz Whipple.

Dessa forma, expressões como “podemos afirmar” e “com certeza” representam um conhecimento irrefragável com relação à existência de uma região “na parede frontal interna da vagina que incha e produz uma sensação analgésica quando estimulada”, quer isso seja ou não o mítico ponto G.

Outra definição, que registramos na notícia, refere-se ao texto complementar dedicado à suposta instrução para encontrá-lo:

(10) [O ponto G] é uma protuberância meio rugosa na parte superior da vagina (como se você estivesse indo ao encontro do abdômen).

Observa-se, em (10), a tentativa de se expor de forma didática a localização tátil do ponto G. Para tanto, o jornalista utiliza-se de informações que caracterizam a região, bem como uma descrição das coordenadas espaciais em forma de *analogia* – explicitada pela construção “como se” –, situada entre os parênteses, que contribui para a constituição da *definição*.

O último caso de definição pode ser visualizado em (10), em que se explica uma sigla técnica, com a qual, provavelmente, o leitor leigo não estaria familiarizado:

(11) O local libera a PDES, uma enzima que, nos homens, processa o óxido nítrico e estimula a ereção.

Pode-se perceber que a definição “enzima que [...] processa o óxido nítrico” pouco contribui para o esclarecimento de “PDES”. Entretanto, “estimulação de ereção” é um conhecimento tácito entre os leitores, facilitando a compreensão acerca da enzima.

Assim, pudemos observar a presença de alguns casos de *definição* na notícia, ora descrevendo verbalmente o conteúdo de um conceito, ora fornecendo instruções de como encontrar o que estava sendo definido.

Na esteira desses termos técnicos, vale a pena ressaltar um outro caso de expansão visualizado no texto: a *analogia*.

a2) Analogia

A analogia é uma importante estratégia divulgativa, já que facilita a compreensão dos leitores, uma vez que os conceitos abstratos são comparados a aspectos mais próximos da realidade do público leigo. Observemos, a seguir, dois casos de analogias encontradas no texto:

(12) O tecido se assemelha ao da vulva e do pênis e é cheio de glândulas e terminações nervosas.

(13) Segundo algumas teorias, se a mulher tivesse nascido homem, essa região evoluiria para a próstata.

Vale lembrar que esses trechos foram extraídos do item 3. do texto complementar sobre a instrução de como encontrar a região do ponto G. Evidencia-se que as informações como seu “tecido [...] é cheio de terminações nervosas” ou “se a mulher tivesse nascido homem, essa região evoluiria para a próstata” em nada contribuem para, de veras, encontrar o ponto G. Ao contrário, além de auxiliarem o leitor para a compreensão acerca da região, demonstram uma questão arraigada em nossa cultura: o homem é tomado como ponto de partida para, inclusive, promover-se o entendimento sobre a mulher – isso fica patente na evocação de expressões como “pênis” em (12) e “próstata” em (13).

b) Procedimento de *variação*

Uma série de *variações* são registradas no texto para o termo em discussão: o ponto G. O próprio termo “ponto G” ocorre cinco vezes no texto. Sua *variação* mais recorrente, “região”, quatro vezes. No entanto, é necessário que se destaque que essa recorrência está relacionada à estratégia de coesão lexical. Uma vez que a expressão é o tema da notícia, naturalmente haveria uma recorrência do termo.

No que se refere efetivamente às estratégias divulgativas, destaca-se a expressão “o ponto” em “Direto ao ponto” que, assim como tivemos oportunidade de analisar anteriormente, pela estruturação a partir da elipse, possibilita outras leituras que não são relacionadas apenas ao ponto G.

Ainda conforme mencionamos, vale destacar a informação que antecede o título. No título prévio “Acerte o alvo”, a palavra “alvo” refere-se jocosamente ao “ponto G”. É importante que se ressalte a locação dessas expressões, tanto em “Direto ao ponto” quanto em “Acerte o alvo”, as quais se encontram em posição de destaque em relação ao restante do texto. Essas construções cômicas e de duplo sentido auxiliam a alcançar o público pelo viés da curiosidade.

De forma metalinguística, o jornalista, ao identificar a pesquisadora Beverly Whipple, atribui à expressão “ponto G” o estatuto de “apelido”.

No que se refere à divulgação dos estudos científicos, “ponto G” aparece sob diversas *variações* de caráter técnico, tais como: “espessamento no tecido uretrovaginal”; “Estrutura congênita”; e “área sensível na parede frontal interna da vagina que incha e produz uma sensação analgésica quando estimulada”.

Assim, podemos observar que em relação ao procedimento de *variação*, o jornalista apresenta as informações divulgativas a partir da seleção lexical, levando em conta não só a transformação do vocabulário científico em vocabulário corrente, mas um léxico de duplo sentido atrelado ao tom chistoso inerente à *Superinteressante*.

c) Procedimento de *redução*

Em termos de *redução* do conhecimento de caráter científico, destacamos a afirmação do ginecologista Jannini que remete a discussões mais amplas sobre o tema, embora tenha sido expressa de forma sintética:

(14) “É o fim das opiniões e o começo da ciência. Agora é possível estudar o assunto com um método muito simples”.

Para tal afirmação, fora necessário que o jornalista esclarecesse previamente sobre a carência de descrições científicas acerca do ponto G. Assim, podemos destacar da afirmação do pesquisador que os fatos agora indicados acerca do tema não são mais apenas suposições relegadas ao senso comum, mas sim discussões que ganharam o status de estudo científico.

Outro ponto relevante, no que tange às informações reduzidas para finalidade divulgativa, está relacionado à expressão “orgasmo vaginal”, a qual ocorre por duas vezes no texto, sem esclarecimentos acerca do que isso pudesse significar. A suposição seria de que a extensão “vaginal”, associada ao termo “orgasmo”, pode estar sendo empregada em oposição a “orgasmo masculino”, embora um texto, cuja temática gira em torno de questões relativas ao “ponto G”, não parece gerar dúvidas em relação a qual tipo de orgasmo está em pauta. Assim sendo, não há como extrair conclusões absolutas acerca do significado da expressão.

Síntese da análise

De forma geral, podemos dizer que a notícia busca atrair a curiosidade do leitor sobre a localização do ponto G.

Em termos de estratégias linguístico-discursivas, observamos que o procedimento de *expansão* foi empregado no sentido de responder a questões associadas à existência do ponto G, bem como suas relações com o orgasmo. Para tanto, o jornalista explicita resultados de pesquisas desenvolvidas por especialistas no assunto. No que tange ao procedimento de *variação*, as expressões que mais chamam atenção são aquelas que geram propositalmente mais de uma interpretação como “Acerte o alvo” e “Direto ao ponto”. Essas ambiguidades provocam humor no texto, facilitando a adesão do público jovem. O procedimento de *redução*, nos casos que foram registrados no texto, ora sintetizam informações complexas, ora abstém o jornalista de fornecer esclarecimentos amplos sobre determinada questão.

Portanto, essas estratégias são importantes recursos para a compreensão do tema tratado por parte do público leitor.

6.1.3. SUPER 253a-04: *Por que os homens têm peitos?*

No texto SUPER 253a-04 de nosso *corpus*, cuja reportagem é intitulada “Por que os homens têm peitos?”, constante da seção *Ciência*, a jornalista Marília Juste oferece explicações científicas para o fato de os homens possuírem peitos. Para tanto, ela estrutura seu texto a partir de uma exposição didática sobre questões biológicas e até sociais sobre a espécie humana.

O título da reportagem aparece em forma de pergunta retórica, remontando o caráter almanaquista da revista de satisfazer curiosidades a partir de perguntas e respostas.

Essa pergunta é constituída através da expressão “peitos” que causa estranhamento quando associada aos “homens”. As representações geradas pelo termo “peitos” suscitaria mais comumente discussões ligadas ao universo feminino e não ao masculino.

O subtítulo da reportagem, em (1), reforça o caráter curioso da informação ressaltando que, nos homens, os mamilos não são funcionais, mesmo assim, não deixaram de existir no macho da espécie:

(1) Ninguém nunca viu macho dando de mamar, mas os mamilos continuam misteriosamente por lá. E a culpa pode ser do⁴⁹

A expressão “dando de mamar” assinala a funcionalidade do mamilo, função essa não atribuída aos homens. Não obstante, o subtítulo não responde à pergunta retórica: a informação que parecia revelar a causa não é completada, deixando-se em aberto pela construção inconclusa no artigo definido masculino “o”, da fusão de sentido causal “do”. Isso funciona como um direcionamento dado ao leitor referente à questão: embora seja um questionamento inusitado, ele tem resposta, mesmo que essa não seja descoberta no subtítulo. Somente pela leitura do texto, fica patente que o referente do artigo definido é o “desenvolvimento”.

O *lead* da reportagem, que apresenta a síntese do texto, antes de responder à pergunta do título, destaca a importância dos peitos para as mulheres: são essenciais à alimentação de bebês e têm uma função sexual. Em relação a essa última informação, a jornalista expõe essa finalidade através de expressões modalizadoras, tais como “para lá de relevante”, “seios fartos” e “poderoso”, conforme visualizamos em (2):

(2) Além disso, os peitos também têm uma função sexual para lá de relevante. Seios fartos são um poderoso fator de atração da atenção masculina [...].

Podemos destacar dessa recorrência de adjetivos valorativos a representação da mulher como ser poderoso, atraente e, ao mesmo tempo, que garante a vitalidade da espécie, a partir do fato de alimentarem os bebês.

Subsequente à exposição da importância dos seios nas mulheres, o texto indica a sua insignificância nos homens, reforçada por uma nota entre parênteses que mais remete a um chiste do que propriamente a uma ressalva:

(3) Nos homens, no entanto, os peitos não servem para rigorosamente nada (talvez apenas para colocar um piercing ou dois naqueles mais rebeldes).

Somente ao final do *lead* é que se ratifica a pergunta proposta inicialmente no título (4), para, de forma sintética, responder a essa questão (5):

(4) Então, se não têm função, por que eles existem no corpo masculino?

(5) Somente porque são uma sobra do desenvolvimento.

⁴⁹ Assinalamos que o subtítulo foi estruturado exatamente da maneira como reproduzimos: de forma incompleta, suprimindo a resposta à pergunta retórica feita no título.

A resposta dada em (5) é simples, porém pode ser insuficiente para um público geral, desprovido de conhecimento prévio acerca do desenvolvimento biológico humano.

Para subsidiar o conhecimento do leitor acerca do assunto, o texto girará, essencialmente, em torno de explicações sobre o desenvolvimento humano e de comparações entre homens e mulheres que possibilitam a conclusão de que ambos pertencem a mesma espécie, apesar das diferenças.

Logo no início da reportagem observa-se um argumento de autoridade. O único utilizado em todo o texto, validado pelo nome do professor (Carlos C. Alberts) e de sua instituição (Universidade Estadual Paulista), bem como as disciplinas que leciona (zoologia e comportamento). A afirmação do professor resume os argumentos e exemplos arrolados no texto:

(6) “Homens e mulheres fazem parte da mesma espécie. [...]”

A partir dessa afirmativa, serão demonstradas as semelhanças entre as estruturas do homem e da mulher e as diferenças entre ambos atreladas ao desenvolvimento biológico cromossômico de cada um:

(7) A formação dos órgãos sexuais só começa no final do 2º mês de gestação. Logo, todos nós temos as mesmas estruturas, independentemente do sexo – elas só se desenvolvem de maneira diferente de acordo com o conjunto de cromossomos do futuro bebê.

Observa-se em (7) o operador discursivo “logo”, o qual não introduz meramente uma conclusão, mas uma informação de lógica cartesiana: como se a primeira informação dada tivesse como conclusão tácita que homens e mulheres inicialmente têm a mesma estrutura biológica.

A partir da constatação de que “os peitos masculinos não passam de resquícios ‘desativados’ das mamas femininas”, a jornalista abre precedente para uma discussão de equivalência entre os gêneros – se os homens apresentam “resquícios” de mulher em seu corpo, a recíproca também é verdadeira:

(8) A mulher também possui órgãos sem função, que se originam das mesmas fontes [...] que vão formar partes importantes do organismo masculino.

A partir dessa dicotomia, apresenta-se, no meio da reportagem, um sub-tópico intitulado “A próstata delas?”, que se pode inferir pelo processo metonímico: “o homem

nas mulheres”, representado respectivamente por “próstata” e “elas”. Assim, o enfoque em relação a essa questão segue a partir das seguintes descrições, para as quais apresentamos alguns trechos ilustrativos:

(i) Descrição da fisiologia masculina:

(9) Nos homens, a próstata é uma pequena glândula formada de tecidos mais densos que tem como função produzir parte do esperma [...].

(ii) Descrição da fisiologia feminina:

(10) Nas mulheres não há qualquer necessidade de algo parecido, mas algumas parecem apresentar um adensamento de tecidos extremamente sensível na parte interna da vagina [...].

(iii) Transposição da fisiologia masculina para a feminina:

(11) Alguns especialistas acreditam que ela seria o mítico ponto G, a área mais sensível da vagina, que levaria a orgasmos mais intensos e que seria responsável também por outro grande mito sexual: a ejaculação feminina.

(iv) Descrição da fisiologia humana:

(12) Temos “rabo” – ao menos a julgar pela presença do cóccix, osso no fim da coluna.

Para descrever as estratégias divulgativas a partir das quais se estrutura a reportagem, passamos a identificar os procedimentos linguístico-discursivos que ocorreram no texto.

6.1.3.1. Procedimentos linguístico-discursivos de *expansão*, *variação* e *redução*

a) Procedimento de *expansão*

O procedimento linguístico-discursivo de *expansão*, utilizado para a ampliação do conhecimento, próprio do discurso divulgativo, ocorre no texto SUPER 253a-03 basicamente por meio de duas estratégias divulgativas: a definição e a exemplificação.

a1) Definição

No texto, a jornalista enfoca as diferenças entre homem e mulher como uma consequência do desenvolvimento da espécie que acarreta a existência efetiva de órgãos

funcionais ou de “resquícios ‘desativados’”. Portanto, grande parte das *definições* apresentadas evidenciam *características funcionais*, conforme os trechos a seguir:

(13) As mamas são essenciais no corpo feminino: são elas as responsáveis pela alimentação dos bebês em seus anos de formação mais importantes. Além disso, os peitos também têm uma função sexual para lá de relevante. Seios fartos são um poderoso fator de atração da atenção masculina, e a sensibilidade da região faz das mamas uma das principais zonas erógenas do corpo da mulher.

Não obstante a predominância do verbo de ligação “ser”, típico de *definição*, podemos constatar que em (13) priorizam-se questões associadas à funcionalidade biológica das mamas. O mesmo ocorre em (14), entretanto, para a definição de “próstata”:

(14) Nos homens, a próstata é uma pequena glândula formada de tecidos mais densos que tem como função produzir parte do esperma (a outra parte é produzida nos testículos. Depois, o conjunto é reunido na vesícula seminal, que expelle tudo para fora pela ação dos músculos na hora da ejaculação).

Uma vez que o parágrafo subsequente ao que foi exposto em (14) estabelece uma relação entre a produção de “um líquido viscoso” em certo “adensamento na parte interna da vagina”, podemos observar que a jornalista concentra-se em expor questões relativas à produção de esperma pela próstata, afinal, o subtópico é intitulado “A próstata delas”. Assim, outras áreas onde também acontece a produção de esperma ficam relegadas aos parênteses.

Em (15), destacamos uma definição ponderada sobre a polêmica em torno da “próstata feminina”, em que a jornalista deixa claro que essa demarcação é uma opinião restrita a um grupo de cientistas:

(15) Nas mulheres não há qualquer necessidade de algo parecido, mas algumas parecem apresentar um adensamento de tecidos extremamente sensível na parte interna da vagina que, em alguns casos e em algumas mulheres, pode até produzir um líquido viscoso. Para alguns cientistas, isso seria uma forma de próstata feminina.

Reconsiderando o exposto em (15) e analisando (16), podemos perceber que algumas definições apresentadas deixam patente a tentativa de isenção por parte da jornalista de expressar qualquer representação sobre os assuntos considerados tabu:

(16) Alguns especialistas acreditam que ela seria o mítico ponto G, a área mais sensível da vagina, que levaria a orgasmos mais intensos e que seria responsável também por outro grande mito sexual: a ejaculação feminina.

Em (15), a jornalista define o que seria a “próstata feminina”. Entretanto, deixa claro que essa caracterização se restringe a “alguns cientistas”. Indo além, em (16), destaca que a mesma região poderia ser chamada de “ponto G”. Para tanto, fornece subsequentemente uma definição sobre a região. Vale a pena ressaltar que, nessa definição, a jornalista utiliza-se de verbos condicionais no futuro do pretérito do modo indicativo, tais como “levaria” e “seria”, deixando claro seu posicionamento descrente em relação à existência do “ponto G” e à ejaculação feminina, inclusive, intitulado-os de “mito”.

Vale a pena ressaltar que, para efeitos divulgativos, alguns procedimentos de expansão pouco ajudam para tornar a informação acessível, como em (17):

(17) A mulher também possui órgãos sem função, que se originam das mesmas fontes (basicamente os mesmos conjuntos de células, cooptados para funções diferentes) [...].

A informação entre parênteses, cuja finalidade seria uma definição explicativa, portanto, esclarecedora, traz uma palavra nada corriqueira, “cooptados”, que, na verdade, dificulta a compreensão do conhecimento em questão.

a2) Explicação

Na esteira da definição que analisamos em (15), nomeadamente a ponderação sobre a polêmica em torno da “próstata feminina”, em (18), ao explicar o que seriam os “peitos masculinos”, a jornalista evidencia uma questão não mais puramente biológica, fazendo uma ressalva social:

(18) [...] os peitos masculinos não passam de resquícios “desativados” das mamas femininas. Embora sejam formados pelo mesmo tecido, eles não têm função sexual alguma. A não ser que o homem tome hormônios femininos, o que estimula o desenvolvimento da mama – uma técnica freqüentemente usada por transexuais que querem ter seios parecidos com os de uma mulher “real”.

É importante destacar as aspas no adjetivo “real” em “mulher ‘real’”. Nesse caso, embora se sinalize que há uma diferença entre uma mulher biológica e outra transexual, a jornalista não entra em uma discussão sobre o assunto.

a3) Exemplificação

Ao relacionar algumas semelhanças fisiológicas entre mulheres e homens, a jornalista vale-se de uma série de *exemplos*, os quais destacamos a seguir:

(19) É o caso do clitóris, nascido das mesmas estruturas e com o mesmo comportamento de ereção do pênis.

(20) Os tecidos que formam o saco escrotal no homem são encontrados também nos pequenos lábios que recobrem a vagina.

(21) Há algumas mulheres que até parecem apresentar uma estrutura parecida com o que é a próstata nos homens.

Essas *exemplificações* aparecem para fomentar a discussão sobre as semelhanças fisiológicas que em um sexo funcionam e, em outro, perdem a função, mas podem se manter com algumas modificações.

b) Procedimento discursivo de *variação*

A *variação* que mais chama atenção é, evidentemente, referente ao termo em pauta da discussão: “peitos”. Vale lembrar que, em nossa cultura, o peito é um atributo relacionado tanto às mulheres quanto aos homens. Diferentemente de expressões como “seios” e “mama” que, embora possam designar a mesma região, são associadas exclusivamente às mulheres.

Partindo dessa representação em nossa sociedade, identificamos alguns dados numéricos acerca das variações que ocorrem no texto: “peitos” aparece três vezes; “mama”, e sua flexão no plural, ao todo em cinco; “peitos”, três; “seios” duas; e “mamilo” apenas uma. Houve um caso em que a palavra “região” foi utilizada como hiperônimo de “peitos”, referindo-se ao universo masculino:

(22) Quando é um menino, nada acontece, e a região costuma permanecer inalterada durante toda a vida.

O que chama atenção em relação aos dados coletados é que as *variações* identificadas ocorreram rigorosamente em número igual para ambos os sexos. Embora, para homem, a expressão mais recorrente tenha sido “peitos” e, para mulheres, “mamas”. A única ocorrência de “mama” para o universo masculino refere-se à ressalva

de “desenvolvimento da mama” a partir da utilização de “hormônios femininos”. O caso é nomeadamente relativo aos transexuais, que ganham a substantivação “seios”, por fazerem referência à “mulher real”, conforme exposto em (16).

Assim, podemos dizer que as *variações* utilizadas no texto refletem as representações sociais cotidianas, ou reproduzindo o discurso do senso comum, ou se apropriando dele para aumentar a adesão do público.

c) Procedimento discursivo de *redução*

O procedimento linguístico-discursivo de *redução* sintetiza as informações de caráter científico para o público leigo.

Na expressão “dando de mamar”, a jornalista pretende evocar uma das funções dos peitos, representando, de forma metonímica, a finalidade que eles possuem e que, todavia, não se aplica aos homens.

No único argumento de autoridade presente no texto, observa-se a utilização do clichê “variações do mesmo tema” – afinal, a expressão não é peculiar de um perito, mas sim uma estratégia utilizada pelo próprio pesquisador para tornar sua informação mais acessível. Mais acessível e mais sintética. A expressão sintetiza toda a discussão arrolada ao longo da reportagem.

A expressão “mulher ‘real’” faz referência à complexidade que envolve a representação social acerca do homossexualismo, ou mais especificamente, do transexualismo, embutido na construção: “quererem ter seios parecidos com os de uma mulher ‘real’”. As aspas tentam justificar o sentido “distorcido” através do qual se empregou o adjetivo “real”: nem como antônimo de “imaginário”, nem como antônimo de “falso”, ou “artificial”, já que, nesse último caso, a jornalista poderia arriscar-se a provocar polêmicas. Para fugir desse conflito, por meio das aspas, a jornalista sinaliza que confia em um acordo tácito entre locutor e leitor acerca do entendimento sobre essa questão, que entra como informação complementar por não constituir o foco de sua discussão.

A informação “Temos rabo”, numa constatação que lembra a tradicional anúncio de novos papas, *habemos papam*, cujo significado é “temos papa”, sintetiza as informações divulgadas ao longo do texto, estabelecendo-se uma comparação do tipo: os homens têm peitos assim como o ser humano tem rabo. Em um silogismo que levaria a outras conclusões tais como as mulheres terem próstata, escroto etc.

Para finalizar, constatamos que as *reduções* identificadas nesse texto não só foram utilizadas como uma estratégia linguística para minimizar discussões irrelevantes para a compreensão do texto, mas também como um procedimento linguístico-discursivo de síntese de conhecimentos complexos e, ainda, como refúgio contra polêmicas inerentes a discussões abstrusas.

Síntese da análise

De forma geral, essa reportagem de Marília Juste reflete os traços típicos da divulgação científica para o público em geral: o didatismo na exposição de informações, as exemplificações e as expressões populares.

Em termos de procedimentos linguístico-discursivos, podemos observar que a *expansão* foi empregada para definições e exemplificações. As *variações* sobre os termos, inerentes ao conhecimento divulgado, aparecem matizadas conforme a sua referência: universos masculino e feminino. Em relação às *reduções*, observamos que sua aplicação auxilia não só na simplificação do conteúdo de caráter científico a ser divulgado, mas também no distanciamento de discussões mais complexas que não constituem o foco da reportagem.

6.1.4. SUPER 255-05: *Sexo no laboratório*

No texto SUPER 255-07 do *corpus*, cuja reportagem é intitulada “Sexo no laboratório”, constante da seção *Ciência*, a jornalista Camilla Costa traça um percurso histórico acerca das pesquisas científicas que se referem ao ato sexual.

No título da reportagem, a expressão “no laboratório” é uma referência metafórica que sinaliza sobre a exposição arrolada no texto: questões sobre sexo enfocadas sob a perspectiva científica.

O subtítulo explicita que o foco da reportagem está atrelado ao percurso histórico de pesquisas científicas relacionadas ao sexo, conforme em (1):

(1) A surpreendente história das pesquisas científicas sobre aquilo que muita gente faz, mas poucos sabem como funciona

Podemos observar que a intenção de despertar a curiosidade dos leitores é expressa, de início, na adjetivação “A surpreendente”. Nesse sentido, o tema “sexo” não aparece explicitamente no subtítulo, sendo subentendido e substituído pelo termo genérico “aquilo”. Mais do que uma interdição puramente para se evitar a expressão “sexo”, já que esta veio expressa no título da reportagem, a jornalista parece reproduzir o discurso do senso comum, em que se encontram com frequência referências a “sexo” como “aquilo”, já que essa expressão genérica serve aos propósitos de uma sociedade em que sexo pode não ser tema apropriado em qualquer contexto. Isso remete a uma noção básica de tabu, em que, se o ato é interdito, a expressão que a ele se refere também o é. Se sexo não é a explicitado em qualquer situação, a expressão também não ocorre em qualquer situação comunicativa, sendo substituída, muitas vezes, por termos gerais que não se designam diretamente o ato sexual.

A expressão “aquilo que muita gente faz”, pressupõe a ativação do conhecimento prévio do leitor sobre o que de fato está em questão, ou seja, “aquilo que muita gente faz” e, portanto, muita gente sabe o que é. O fato de se mencionar o paradoxo de que “poucos sabem como funciona” abre precedente para que o leitor conclua que a reportagem se prestaria a esclarecer sobre o funcionamento do sexo. Entretanto, o enfoque é mais voltado às motivações e aos procedimentos metodológicos curiosos e burlescos utilizados em pesquisas ao longo da história, do que, de fato, à explicação acerca do que ocorre no corpo humano durante o ato sexual.

O *lead* dessa reportagem apresenta uma narrativa de cunho factual duvidoso:

(2) Um cientista aperta o botão start, e uma radiação fortíssima, 30 mil vezes maior que o campo magnético da Terra, atravessa duas pessoas deitadas na sala ao lado. Nos átomos delas, alguma coisa acontece: empurrados pela força, os prótons mudam de alinhamento e emitem sinais eletromagnéticos, captados por sensores ligados a um computador. Alguns minutos depois, as cobaias recebem a ordem final: “Ok, podem gozar”. Um homem e uma mulher acabam de transar, pela primeira vez na história, dentro de um aparelho de ressonância magnética (como ele é muito apertado, foi preciso recrutar um casal de acrobatas).

Pode-se dizer que a história apresentada é revestida de características típicas da “ficção científica”, o que gera dúvida sobre se, de fato, a narrativa corresponde à realidade.

A quebra da formalidade pode fomentar o ambiente de incerteza proposto na narrativa do *lead*. Característico da linha editorial da revista, designadamente buscar-se a adesão do público jovem, é frequente a utilização de chistes. Destacamos do *lead* comentários da jornalista que provocam humor, tal como:

(3) [...] (como ele [o aparelho] é muito apertado, foi preciso recrutar um casal de acrobatas).

Comentários como esse podem comprometer o caráter verossímil da narração. Contudo, aumentam a aproximação entre o texto e os leitores. No *lead*, a introdução para a leitura do texto é elaborada a partir do registro em linguagem informal. Juízos de valor como “descobertas ‘geniais’” ou “estapafúrdias” expressam a opinião da jornalista que considera parte das pesquisas sobre sexo desprovidas de procedimentos metodológicos:

(4) Os cientistas do sexo nem sempre sabem direito o que estão procurando, mas às vezes encontram coisas incríveis: a última descoberta da ciência sexual é uma máquina que promete orgasmos infinitos, e praticamente instantâneos, ao toque de um botão. Gostou?

Essa proposta constante do *lead* é desenvolvida ao longo do texto que tem como foco as pesquisas pautadas em questões que nem sempre chegam às respostas esperadas. Entretanto, renderam, e rendem, discussões sobre métodos e motivações inusitadas, com efeitos e descobertas igualmente curiosos.

Em relação ao que é exposto acerca da “máquina de orgasmos”, evidencia-se um “romanceamento” sobre o funcionamento do aparelho, ou seja, uma visão fantasiosa da invenção. Considerando-se que o *lead* sintetiza as informações que serão desenvolvidas ao longo do texto, identificamos que o fato que remete a “máquina que promete orgasmos infinitos” aparece apenas ao final da reportagem. Assim como afirmado no *lead*, não estaríamos diante de uma descoberta concluída, mas sim de uma “promessa”, como se observa em (5):

(5) Meloy espera que, daqui a no máximo dois anos, o Nasf [máquina de orgasmos] já esteja disponível no mercado para uso terapêutico. Pode ser o começo do sexo puramente digital: com orgasmos rápidos, e quase ilimitados, sem mão naquilo nem aquilo na mão. Bastaria apertar um botão.

Observa-se em (5) a utilização de verbos modalizadores que marcam uma situação hipotética em relação à existência da “máquina de orgasmos”. Construções do tipo “[o cientista] Maloy espera”, “Pode ser o começo”, e o modo subjuntivo do verbo “estar” em “o Nasf já esteja” demonstram o caráter ainda não conclusivo da pesquisa. Vale ainda destacar que, ao contrário do que fora exposto no *lead*, “uma máquina que promete orgasmos infinitos”, na conclusão do texto, a afirmação vem modalizada pelo advérbio “quase”, indicando-se que a máquina poderia oferecer “orgasmos [...] quase ilimitados”.

A construção “sem mão naquilo nem aquilo na mão” remete ao mote popular “mão naquilo e aquilo na mão”, em que o pronome “aquilo” faz referência a genitálias, masculinas e femininas, ou a qualquer outra parte do corpo convencionalmente encarada como obscena. A intenção de não se explicitar o que é “aquilo” demonstra o caráter tabu da expressão, empregada pela jornalista no sentido de (i) ou interditar expressões relacionadas a partes íntimas, por sua carga obscena, (ii) ou reproduzir o discurso do senso comum. Essa última leitura é a mais provável, haja vista o caráter divulgativo da revista, em que se busca certa aproximação com o público geral. Dessa forma, considera-se a utilização de expressões frequentemente empregadas pelo senso comum como uma estratégia da revista para promover uma maior aproximação com os leitores.

Ainda em (4), a pergunta retórica “Gostou?”, no final da informação, tem como “resposta” uma construção constituída através de uma gradação crescente que não se encerra no clímax, mas sim prepara o leitor para o início do texto propriamente dito:

(6) Então relaxe, fique à vontade, e vamos começar as preliminares.

Em (6), observa-se a relação intertextual do período com a expressão popular “relaxe e goze”⁵⁰, comumente utilizada em situações em que não há soluções previstas. Por outro lado, não se pode deixar de mencionar o campo semântico a que a expressão no sentido mais básico se refere, nomeadamente, ao campo do “sexo”. No que se refere ao termo “preliminares”, destacamos a ambiguidade atribuída ao contexto temático da reportagem, já que, em um campo semântico relacionado ao sexo, as relações sexuais são precedidas pelo que se chama de “preliminares”. Não obstante, na configuração global do texto, “preliminares” é uma referência textual à efetiva abertura das discussões apresentadas na reportagem.

⁵⁰ O mote integral da expressão remonta à seguinte máxima: “se o estupro é inevitável, relaxa e goza”. A origem do dito popular é duvidosa. Há relatos de que a frase tenha sido proferida pelo apresentador de uma TV americana, Tex Antoine, o qual fora despedido por tal ato. Em nossa sociedade, o ditado já fora retomado em momentos emblemáticos da nossa história: Marta Suplicy, quando ministra do turismo, ao tentar minimizar o problema da crise aérea no país e incentivar o turismo, disse aos usuários “relaxem e gozem”.

6.1.4.1. Procedimentos linguístico-discursivos de *expansão*, *variação* e *redução*

a) Procedimento discursivo de *expansão*

a1) Narrativização: marcadores temporais

Em relação à estrutura divulgativa global do texto, ou melhor, ao conhecimento que a jornalista se propõe a expor – um histórico sobre as pesquisas relacionadas ao ato sexual – podemos sistematizar as marcações históricas através de apontamentos que remetem a dado contexto em que uma pesquisa é desenvolvida, com sua respectiva (in)eficácia e/ou reflexo na sociedade e em outras pesquisas. Em muitos desses momentos históricos, a jornalista destaca as representações sociais da época e, por diversas vezes, deixa transparecer a representação de nossa sociedade. As pesquisas e suas motivações são apresentadas como fatos curiosos a partir de “experiências radicais” que corroboram para a interpretação do tema como algo interessante pelo seu caráter considerado tabu em diversos momentos da história e em nosso próprio contexto, como afirma a jornalista:

(7) Não é de hoje que a ciência faz experiências radicais para entender melhor o ato sexual.

Destacamos, a partir de agora, as marcas linguísticas da exposição cronológica (embora não linear) da reportagem:

(8) O pioneiro da sexologia moderna foi o médico americano Robert Latou Dickinson. Em 1890, uma época extremamente puritana (os ginecologistas evitavam olhar para a vagina das pacientes), ele deu um show de ousadia: usando tubos de ensaio e uma lanterna, foi o primeiro a medir com precisão todos os ângulos e tamanhos do órgão sexual feminino.

Em (8), a jornalista destaca o pioneirismo do médico Dickinson, chamando atenção para o fato de, à época, as concepções sobre a anatomia feminina serem concebidas como tabu, já que até mesmo os ginecologistas “evitavam olhar para a vagina das pacientes”. Nesse sentido, a jornalista considera a pesquisa de Dickinson um “show de ousadia”.

Em (9), segundo a reportagem, os relatórios do biólogo Kinsey são considerados “uma bomba” para a sociedade norteamericana dos anos 40 e 50:

(9) O trabalho dele [Dickinson] inspirou o biólogo Alfred Kinsey, que entre 1947 e 1953 entrevistou 18 mil pessoas para escrever dois livros, os Relatórios Kinsey, que são considerados um marco da sexologia. [...] As revelações caíram como uma bomba nos EUA.

Em seguida, a jornalista alude aos anos 90, mencionando o marco histórico apresentado em (9) que se refere à pesquisa de Kinsey. O trabalho do cientista teve como consequência descobertas importantes que foram confirmadas apenas quatro décadas depois:

(10) A idéia foi confirmada nos anos 90, quando cientistas holandeses constataram forte desaceleração no córtex orbitofrontal (ligado ao raciocínio e à ansiedade) e nos lobos temporais (que controlam a memória e a fala) quando as pessoas estão transando.

Retomando a importância do trabalho de Kinsey, bem como seu impacto à sociedade da época, a jornalista revela o “grande problema” de suas pesquisas, através de uma gradação crescente – “deixaram os questionários de lado e partiram para a ação” – gerada pela “empolgação” do biólogo:

(11) O grande problema é que, empolgado com suas pesquisas, Kinsey e equipe deixaram os questionários de lado e partiram para a ação: eles começaram a promover, no porão da casa do biólogo, sessões de masturbação, sexo hetero e homossexual, masoquismo e surubas em geral, tudo filmado para posterior análise. Foi demais para a sociedade da época, que já achava os sexólogos pervertidos e imorais.

Pode-se destacar do momento histórico exposto em (11) que a jornalista ressalta o impacto causado à época: “Foi demais para a sociedade da época” haja vista o fato de o biólogo promover no porão de sua casa sessões de masturbação, de sexo hetero e homossexual e de masoquismo. Nesse sentido, a jornalista deixa transparecer que, em sua concepção, para o contexto de nossa sociedade, uma pesquisa pautada nesses princípios metodológicos não seria tão excêntrica – o que não parece ser ponto pacífico de discussão.

Em uma concepção mais moderna, peculiar à nossa sociedade, chamamos atenção para o termo brasileiríssimo, utilizado pela jornalista, “suruba”, como referência a ações libidinosas diversas relacionadas ao ato sexual. Essa expressão popular revela a tentativa de aproximação com um público geral.

Ainda na esteira de pesquisas científicas, em (12), a jornalista passa a discorrer sobre experimentos em relação ao ato sexual realizados por um casal de cientistas, marcando cronologicamente a década de 60:

(12) Para driblar o preconceito, nos anos 60 os pesquisadores William Masters e Virginia Johnson mudaram o foco da sexologia. Eles adotaram uma terminologia mais sóbria – um casal transando

era chamado de “unidade reagente”, e atingir o orgasmo era “completar o ciclo de resposta sexual” – e levaram o sexo para o laboratório, cercando-o de tecnologia.

Em (12), apresenta-se a mudança de ordem léxica pela qual a sexologia teve de passar, na década de 60, para “driblar o preconceito”. A tentativa de se aumentar a credibilidade da sexologia passa por uma reforma terminológica que, segundo a jornalista, tendia a ser mais “sóbria”. No que se refere a essa mudança de paradigma para a sexologia, faz-se a primeira menção à pesquisa sobre sexo de caráter científico, notabilizado na construção que remete ao título da reportagem: “levaram o sexo para o laboratório, cercando-o de tecnologia”.

Mais uma vez, quebrando a ordem cronológica linear, aparecem no texto alusões sobre a década de 50, ilustrado em (13) e, posteriormente, à data de 1840, conforme (14):

(13) As tentativas de medir cientificamente a excitação também foram motivadas, algumas vezes, pelo preconceito. Veja o caso do pletismógrafo peniano, inventado nos anos 50 pelo cientista checo Kurt Freund.

Em (13), a função fática aparece como forma de ilustrar como o preconceito contribuiu, mais uma vez, para motivar o desenvolvimento científico. Não obstante, dessa vez, o objetivo era a medição científica da excitação. Segundo a jornalista, o aparelho inventado para tal finalidade foi desenvolvido para um “objetivo polêmico”: descobrir os homossexuais que compunham o Exército checo.

Ainda na perspectiva da análise de contextos bélicos, faz-se referência, no texto, à criação do “Fruit Machine”, um aparelho dedicado a medir a dilatação da pupila dos policiais. Aproveitando-se da consideração sobre os resultados adversos a que o aparelho criado pelo governo canadense poderia chegar, por exemplo, que “os homens da Polícia Montada Canadense eram tarados por... cavalos”, a jornalista inicia uma discussão sobre a importância dos animais nas pesquisas sobre sexo no século XIX:

(14) Em 1840, ele [o fisiologista alemão Hausmann] matou e dissecou uma cadela que tinha acabado de cruzar, e descobriu que os espermatozoides do macho tinham chegado muito depressa ao óvulo da fêmea. E teorizou que o orgasmo deveria ter sido responsável por isso.

Essa teorização fora comprovada no século XX:

(15) No século 20, a ciência moderna confirmou a idéia: o orgasmo realmente libera um hormônio, a ocitocina, que gera contrações no útero.

A partir disso, o texto encerra as discussões atreladas ao século XX e à cultura contemporânea:

(16) No começo do século 20, a princesa Marie Bonaparte queria descobrir por que não conseguia chegar ao orgasmo. Ela encomendou um estudo no qual médicos mediram a vagina de 243 mulheres, que foram entrevistadas sobre suas vidas sexuais. Com base nisso, concluiu que as mulheres baixinhas, de seios pequenos ou com clitoris mais perto da uretra eram capazes de ter mais orgasmos. Até hoje, essa teoria não foi comprovada pela ciência.

Por fim, a última pontuação histórica está relacionada à divulgação apresentada desde o *lead* sobre a “máquina que promete orgasmos infinitos”. A jornalista explicita o estágio atual da pesquisa de Meloy, conforme (17) e as previsões para sua disponibilidade no mercado, conforme (18):

(17) Agora o dr. Meloy está começando a testar o Nasf em homens.

(18) Meloy espera que, daqui a no máximo dois anos, o Nasf já esteja disponível no mercado para uso terapêutico.

a2) Descrição de motivações, procedimentos e descobertas científicas

A exposição do conhecimento, através das marcações históricas, segue basicamente dois esquemas de *expansão* dos fatos divulgados: (i) um primeiro esquema, no qual são apresentados os *procedimentos* metodológicos utilizados nas pesquisas que acarretam, ou por acaso, ou de forma previamente definida, a *descoberta* científica – destacando-se que, em um caso, visualiza-se uma construção alternativa em que a *descoberta* antecede o *procedimento*; e (ii) um segundo esquema, no qual são apresentados a *motivação*, o *experimento*, ou *procedimento* realizado e, finalmente, a *descoberta* propriamente dita.

Em relação ao primeiro arranjo textual proposto para análise, podemos sistematizá-lo, segundo o seguinte esquema:

Procedimento metodológico → Descoberta (por acaso ou prevista)

Figura 1: esquema no texto SUPER 255-05 da divulgação de *descoberta científica*, antecidida pelo *procedimento metodológico*.

Seguem os exemplos ilustrativos desse primeiro esquema:

Exemplo 1:

Procedimento:

[...] usando tubos de ensaio e uma lanterna, foi o primeiro a medir com precisão todos os ângulos e tamanhos do órgão sexual feminino. Com os dados, criou um acervo de 102 modelos que representam a vagina e seus componentes nas mais variadas formas e estados. Pode parecer coisa de tarado, mas também é ciência.

Descoberta:

Dickinson criou uma teoria anatômica do orgasmo, defendendo cientificamente a posição em que a mulher poderia obter mais prazer durante o ato sexual (resposta: sentada por cima do homem).

Chama-se atenção para o primeiro exemplo, para cuja exposição é criado um sub-tópico intitulado “O colecionador de vaginas”, em uma intertextualidade que remete ao filme norte-americano de 1999, dirigido por Phillip Noyce, “O colecionador de ossos”. Nesse sentido, destaca-se a reapresentação por parte da jornalista de que um estudo bizarro como este poderia ser comparado à funesta trama do filme policial.

Essa representação social sobre a pesquisa é confirmada na expressão que conclui o *procedimento*: “Pode parecer coisa de tarado, mas também é ciência”, cuja inferência está atrelada à ideia de que por mais que essa pesquisa pareça algo inusitado, foi realizada com uma finalidade científica. A figura feminina, representada pelo termo “vagina”, fomenta a ideia da pesquisa como “coisa de tarado”, haja vista a “ousadia” do médico em criar um acervo de modelos vaginais em “uma época extramente puritana”. Será que o puritanismo é *sui generis* do século XIX? O que podemos observar é que essa atitude conservadora não ficou relegada a apenas esse século, uma vez que a representação “Pode parecer coisa de tarado” revela o comportamento arraigado de “puritanismo” ainda no século XXI.

Exemplo 2:

Procedimento:

Eles [dois livros do biólogo Alfred Kinsey] descrevem, com um grau de detalhes inédito, os hábitos e as preferências das pessoas na cama. As revelações caíram como uma bomba nos EUA, mas a grande descoberta de Kinsey foi outra.

Descoberta:

Examinando gagos, amputados e pessoas com paralisia cerebral, ele [Kinsey] percebeu que, durante o sexo, as deficiências motoras podem ser temporariamente ignoradas pelo cérebro: gagos perdem a gagueira, amputados deixam de sentir os membros fantasmas e cessam os espasmos musculares que atormentam as pessoas com paralisia cerebral.

No segundo exemplo, evidencia-se que a *descoberta* destoa dos objetivos a que se propunha o pesquisador. Podemos perceber que, da exposição da jornalista, apreendemos a visão de mundo da sociedade dos EUA entre as décadas de 40 e 50 do século XX. O *procedimento* científico e o grau de detalhes oferecido por Kinsey não foi encarado com naturalidade à época. Entretanto, desse *procedimento* resultou uma *descoberta* no mínimo curiosa: pessoas com determinados tipos de deficiência tinham alguns de seus problemas amenizados pelo sexo. A relação entre gogos, amputados, pessoas com paralisia cerebral e sexo configura-se como uma discussão tabu, inclusive, em nossa sociedade contemporânea.

Exemplo 3:

Procedimento:

Enquanto [os pesquisadores William Masters e Virginia Johnson] observavam casais, prostitutas e prostitutas durante a atividade sexual, eles mediam a pressão, os batimentos cardíacos e as secreções das coxias.

Descoberta:

O casal de pesquisadores [William Masters e Virginia Johnson] também inventou um pênis-câmera, que gravava imagens de dentro da vagina. Com essa engenhoca, eles fizeram algumas descobertas curiosas. Por exemplo: durante o ato sexual, a cor dos órgãos sexuais femininos permite saber se uma mulher já teve filhos (parte da vagina fica cor de vinho). A evolução do pênis-câmera veio com a sonda vaginal fotopletismográfica.

No exemplo 3, a princípio, as descobertas não estavam fixadas em objetivos preestabelecidos. Ressalta-se do discurso divulgativo da jornalista a expressão “descobertas curiosas” que revela a conduta editorial da revista, bem como o papel discursivo do texto em análise: provocar a curiosidade dos leitores. Esse caráter atrelado ao insólito é ratificado pela expressão “engenhoca” em “Com essa engenhoca, eles fizeram algumas descobertas curiosas”, que demonstra explicitamente a intenção da revista em divulgar informações inusitadas.

Exemplo 4:

Procedimento:

A médica Cindy Meston, do Laboratório de Fisiologia Sexual, no Texas, fez o principal estudo com esse aparelho [sonda vaginal fotopletismográfica]. As voluntárias deveriam colocar a sonda enquanto assistiam a cliques pornográficos e indicar (com o polegar para cima ou para baixo) se gostavam do que viam.

Descoberta:

O experimento mostra como é complicada a relação entre corpo e mente: mesmo que a maioria das mulheres não aprovasse cliques com cenas de sexo entre gays, lésbicas e animais, a sonda indicava o contrário.

O exemplo exposto em 4 pela jornalista poderia levá-la a conclusão de que o ser humano é capaz de não explicitar seus verdadeiros desejos. Entretanto, esse apontamento, que provocaria os leitores em relação ao comportamento humano, não fica explícito, isentando a jornalista de quaisquer discussões polêmicas.

Exemplo 5:

Procedimento:

Graças aos bichos, o fisiologista alemão Hausmann fez uma descoberta crucial para entender o papel do orgasmo na reprodução humana.

Em 1840, ele [o fisiologista alemão Hausmann] matou e dissecou uma cadela que tinha acabado de cruzar [...].

Descoberta:

[...] e descobriu que os espermatozoides do macho tinham chegado muito depressa ao óvulo da fêmea. E teorizou que o orgasmo deveria ter sido responsável por isso.

No exemplo 5, vale ressaltar que *procedimento* e *descoberta* aparecem textualmente imbricados em mesmo parágrafo, embora sigam, ainda, a mesma estrutura “procedimentos → descoberta”. Com relação ao *procedimento* destacado pela jornalista, o que chama a atenção é que, conforme o universo animal, explícito em “Graças aos bichos”, a expressão “orgasmo” deixa de ser um elemento próprio do “sexo humano”, e passa ser parte integrante da “reprodução humana”. O ser humano oscila nessa visão entre o ser social e o ser animal.

Exemplo 6:

Procedimento:

Ele [o médico egípcio Ahmed Shafik] testou 75 ratos de laboratório, que foram obrigados a usar “cuequinhas” durante um ano.

Descoberta:

Os ratinhos que vestiam cuecas de poliéster fizeram menos sexo do que aqueles vestidos com lã ou algodão. Tudo porque o atrito do poliéster com a pele deixava o pênis dos ratos carregado de eletricidade estática. Quando os pobrezinhos queriam transar e encostavam nas fêmeas, elas levavam choque e se afastavam.

No exemplo 6, destacamos não só o termo “cueca”, absolutamente associado ao universo humano, como também a expressão “cuequinha”. Observa-se que a expressão mais chamativa pelo grau de afetividade “cuequinha”, aparece primeiro no texto, por meio do *procedimento*. A hipótese é a de que o termo afetivo chame a atenção do leitor

e o aproxime da revista, sobretudo pela excentricidade da informação: ratos de “cuequinhas”.

Na linha dessa estratégia de exposição, podemos encontrar o esquema invertido, conforme a figura 2, para a abstração do exemplo 7:

Descoberta (por acaso) → Procedimento metodológico

Figura 2: esquema no texto SUPER 255-05 da divulgação de *descoberta científica*, seguida do *procedimento metodológico*.

Exemplo 7:

Descoberta:

Mas o médico americano Stuart Meloy pode ter descoberto a cura definitiva para quem não tem orgasmos – e criado um novo tipo de divertimento para as pessoas em geral.

Procedimento:

Ele estava operando uma paciente que sofria dores crônicas nas costas e resolveu implantar eletrodos na espinha dorsal dela. A idéia era enviar impulsos elétricos para o cérebro, bloqueando os sinais de dor. Só que Meloy descobriu um efeito bem diferente. Quando ligou a corrente elétrica pela primeira vez, a paciente soltou um gemido, ficou muito excitada e disse: “Você vai ter que ensinar ao meu marido como fazer isso”. Acabava de ser inventada a primeira “máquina de orgasmos” da história.

No exemplo 7, a *descoberta* é apresentada como uma conclusão casual do pesquisador. A divulgação do fato científico é realizada pela jornalista através de uma narrativa. Entretanto, o caráter de anedota, sob o qual essa narração está configurada, pode levar a incredibilidade da verossimilhança da história. Não se sabe, portanto, se o chiste é real e nem se, conseqüentemente, a descoberta tenha ocorrido de fato.

Em relação ao segundo esquema textual proposto para a análise, podemos sistematizá-lo da seguinte forma:

Motivação → Procedimento metodológico → Descoberta

Figura 3: esquema no texto SUPER 255-05 da divulgação de *descoberta científica*, antecedida pela *motivação* e pelo *procedimento metodológico*.

Exemplo 8:

Motivação:

No começo do século 20, a princesa Marie Bonaparte queria descobrir por que não conseguia chegar ao orgasmo.

Procedimento:

Ela encomendou um estudo no qual médicos mediram a vagina de 243 mulheres, que foram entrevistadas sobre suas vidas sexuais.

Descoberta:

Com base nisso, concluiu que as mulheres baixinhas, de seios pequenos ou com clitóris mais perto da uretra eram capazes de ter mais orgasmos. Até hoje, essa teoria não foi comprovada pela ciência.

Nesse exemplo, 8, assim como no exemplo 9, que apresentaremos a seguir, a descoberta não é confirmada pela ciência moderna. Para a introdução desses dois exemplos, no texto, encontra-se o sub-título “A medida do prazer”⁵¹, como referência às tentativas da ciência, ainda que frustradas, em mensurar o prazer sexual. Ou seja, estabelecer medidas rígidas para o prazer sexual. Fato esse que é confirmado pelas conclusões mal-sucedidas dos estudos expostos pela jornalista.

O que chama atenção da *motivação* exposta no exemplo 8 é a encomenda ter partido de uma princesa. Haja vista que o fracasso sexual não está ligado à classe ou à posição social, como representante da nobreza e do poder econômico, Marie Bonaparte pode, ao menos, encomendar uma pesquisa, simplesmente para que se tentasse solucionar seu problema pessoal.

Em relação à essa fórmula “motivação → procedimento metodológico → descoberta”, encontramos um exemplo de exposição da *motivação*, seguida de um *invento* que auxilia em um *procedimento*, em vista de um *objetivo*. Entretanto, nesse caso, a *descoberta* não se demonstra conclusa, conforme o exemplo 9:

Exemplo 9

Motivação:

As tentativas de medir cientificamente a excitação também foram motivadas, algumas vezes, pelo preconceito.

Procedimento:

Veja o caso do pletismógrafo peniano, inventado nos anos 50 pelo cientista checo Kurt Freund. O aparelho é composto por uma câmara de plástico e um anel de borracha, que são colocados no pênis para medir o fluxo de sangue e as mudanças de tamanho no órgão.

Objetivo:

Só que a maquininha foi desenvolvida com um objetivo polêmico: identificar os gays “infiltrados” no Exército checo.

⁵¹ Essa expressão remete a máximas popularmente conhecidas, mesmo que o senso comum não saiba sua origem. Sobre o conceito de felicidade, o filósofo grego Demócrito, por exemplo, a definia como “a medida do prazer e a proporção da vida”. O iluminista Montesquieu definiu o “gosto” como “nada mais [...] senão a vantagem de descobrir com sutileza e presteza a medida do prazer que cada coisa deve dar às pessoas”. Assim, mesmo que não reconhecidamente atribuída a grandes pensadores, “a medida do prazer” é um lugar-comum em nossa cultura e isso remete diretamente ao caráter popular e ao mesmo tempo *cult* da revista, ou seja, voltado para um leitor disposto a absorver informações sobre as quais tenham condições de discorrer em seu dia-a-dia em interações sociais, a fim de ostentar um *status* de pessoa informada.

Nesse exemplo, a jornalista demonstra a representação social de determinado contexto histórico acerca da homossexualidade, enfocada como um preconceito social. Nesse sentido, ela apresenta dois exemplos de *descobertas* mal-sucedidas. A primeira, em relação ao Exército checo, em que os soldados homossexuais que apresentassem o “mínimo de sangue-frio” conseguiriam sair ilesos da triagem. E a segunda, fazendo-se referência ao governo canadense, acerca de um aparelho criado para medir a dilatação das pupilas. No caso desse aparelho, “as medições saíram todas erradas”, conforme podemos visualizar em (19):

(19) Determinado a ir além, o governo canadense criou um aparelho ainda mais sofisticado, apelidado de Fruit Machine (“máquina da fruta”, em inglês), que media a dilatação das pupilas de policiais enquanto eles assistiam a filmes eróticos.

Nesse momento da análise, podemos observar que a divulgação das pesquisas foram realizadas pela jornalista através da exposição de supostas descobertas. Essas descobertas nem sempre são validadas posteriormente pela ciência moderna, ou, ainda, nem sempre são conclusas à época em que foram realizadas. Entretanto, o foco de nossa sistematização esteve relacionado ao modo através do qual as descobertas são apresentadas: por meio de *procedimentos* que levaram à *descoberta* idealizada na hipótese, ou por meio de *procedimentos* que, através do acaso durante a busca por outro objetivo, levaram a *descobertas* diferentes do que propuseram inicialmente os cientistas.

a3) Explicação

Buscando-se a *expansão* do nível de conhecimento em relação às informações divulgadas, a jornalista utiliza-se da estratégia de *explicação*. Em (20), essa *explicação* está associada a termos técnicos que podem não fazer parte do repertório do leitor da revista, designadamente um leitor geral. Para tanto, as informações entre parênteses explicam pontualmente certos termos possivelmente desconhecidos para esse leitor:

(20) A idéia foi confirmada nos anos 90, quando cientistas holandeses constataram forte desaceleração no córtex orbitofrontal (ligado ao raciocínio e à ansiedade) e nos lobos temporais (que controlam a memória e a fala) quando as pessoas estão transando.

Outro caso de *explicação* de termos refere-se às expressões atreladas ao conhecimento em pauta na divulgação da reportagem. Por constituírem a nova

informação a ser divulgada, a jornalista, ao introduzir expressões até então desconhecidas pelo leitor, explica-as por meio de estratégias diversas:

(21) A evolução do pênis-câmera veio com a sonda vaginal fotopletismográfica. É um palitinho, parecido com um absorvente higiênico do tipo Tampax, que emite uma luz infravermelha no interior da vagina.

(22) Veja o caso do pletismógrafo peniano, inventado nos anos 50 pelo cientista checo Kurt Freund. O aparelho é composto por uma câmara de plástico e um anel de borracha, que são colocados no pênis para medir o fluxo de sangue e as mudanças de tamanho no órgão.

(23) Determinado a ir além, o governo canadense criou um aparelho ainda mais sofisticado, apelidado de Fruit Machine (“máquina da fruta”, em inglês), que media a dilatação das pupilas de policiais enquanto eles assistiam a filmes eróticos.

Em (21), a jornalista vale-se da seguinte analogia “É um palitinho, parecido com um absorvente higiênico do tipo Tampax [...]”. Partindo-se do conhecimento prévio do leitor, compara-se esse conhecimento à nova informação introduzida, explicando-se o que seria a sonda “fotopletismográfica”. Em (22), para a compreensão do aparelho “pletismógrafo peniano”, a jornalista indica para o leitor as partes que o compõem, bem como a sua finalidade. Em (23), a explicação entre parênteses é tradução do termo “Fruit Machine”, mas a efetiva explicação do termo dá-se através da oração adjetiva que indica a funcionalidade do aparelho. Embora traduza literalmente a expressão, talvez por contar com o conhecimento prévio dos leitores, a jornalista não explicita a associação entre “fruta” e o universo *gay*.

Outras formas de *explicação* aparecem sem necessariamente estarem relacionadas ao esclarecimento de algum termo ou expressão específicos. Como procedimentos linguístico-discursivos, destacamos recursos que vão desde a utilização de parênteses, dois pontos, travessões, até operadores discursivos explicativos, tais como “pois”, “ou seja” e “isso porque”.

Em (24) e (25), a *explicação* entre parênteses contribui para complementar a informação divulgada:

(24) O fisiologista Pek van Andel constatou que o pênis é cerca de 6 centímetros mais comprido do que parece (pois parte dele fica escondida dentro do corpo) e que, ao penetrar a mulher, ele fica com formato de bumerangue.

(25) [...] a cor dos órgãos sexuais femininos permite saber se uma mulher já teve filhos (parte da vagina fica cor de vinho).

O mesmo processo de complementação de informação através da *explicação* ocorre por meio do uso dos dois pontos, conforme os casos expostos subsequentemente:

(26) [...] Kinsey arriscou uma explicação evolutiva: durante o sexo, várias regiões do cérebro são desativadas para eliminar as “distrações” cognitivas e aumentar as chances de uma transa bem-sucedida, que vai até o fim e cumpre sua missão na Terra – produzir descendentes.

(27) O experimento mostra como é complicada a relação entre corpo e mente: mesmo que a maioria das mulheres não aprovasse cliques com cenas de sexo entre gays, lésbicas e animais, a sonda indicava o contrário. Isso porque, quando uma pessoa se interessa por algo que vê, suas pupilas se dilatam.

(28) Mas os cientistas não contaram com outro truque do corpo: as pupilas também se dilatam para deixar entrar mais luz nos olhos quando a iluminação no ambiente é pouca.

(29) No século 20, a ciência moderna confirmou a idéia: o orgasmo realmente libera um hormônio, a ocitocina, que gera contrações no útero. Essas contrações puxam os espermatozoides para dentro, ajudando-os a chegar ao óvulo. Ou seja: além de estimular as pessoas a fazer sexo, o orgasmo também aumenta as chances de reprodução.

Em (26), a “explicação evolutiva” é propriamente atribuída ao biólogo Kinsey, entretanto, a estratégia divulgativa, de fato, situa-se na expressão “cumprir sua missão na Terra”, associada à Teoria Evolucionista. Vale a pena ressaltar a modalização através do verbo “arriscar” que remete ao fato de a teoria de Kinsey só ter sido confirmada posteriormente pela ciência moderna. Em (27), os dois pontos detalham o procedimento metodológico que foi capaz de comprovar a “complicada relação entre corpo e mente”. Em (28), a informação explicativa refere-se a noções técnicas que podem não ser de conhecimento geral. Em (29), os dois pontos remetem a um conceito já mencionado anteriormente no texto, porém, nesse momento, é acrescentado um termo técnico, nomeadamente o hormônio “ocitocina”, que explica sua função: “[hormônio] que gera contrações no útero”.

Podemos ainda destacar em (27) e (29) os operadores discursivos “isso porque” e “ou seja”, respectivamente, cuja função é eminentemente explicativa. Em (27), o operador “isso porque” oferece subsídio cognitivo para a compreensão de um dado referente à dilatação das pupilas. Já em (29), “ou seja” reconstrói noções que mantém ainda algum tipo de léxico técnico (contrações puxam os espermatozoides para dentro, ajudando-os a chegar ao óvulo) em um discurso mais acessível e resumido (o orgasmo também aumenta as chances de reprodução).

Operadores discursivos explicativos como esses aparecem também nos seguintes exemplos:

(30) A luz refletida pelos vasos capilares da região mostra se eles estão mais ou menos cheios de sangue, ou seja, se a mulher está mais ou menos excitada.

(31) Falando em animais, eles têm um papel importante na sexologia, pois se prestam a experiências que seriam constrangedoras ou perigosas demais para nós.

Podemos observar que a explicação foi recorrente no texto em análise. Isso nos leva a hipótese de que o propósito comunicativo do texto é “explicar” ao leitor as várias experiências inusitadas realizadas sobre sexo, ao longo da história da humanidade.

a4) Definição

Na *expansão* do conhecimento sobre as pesquisas atreladas ao sexo, uma ocorrência de *definição* foi registrada. Em (32), podemos identificar a caracterização da “máquina de orgasmos”:

(32) Acabava de ser inventada a primeira “máquina de orgasmos” da história. Ela se chama Nasf (Neurally Augmented Sexual Function, ou “função sexual neurologicamente aumentada”), e consiste em um par de eletrodos implantados na espinha dorsal e conectados a um pequeno gerador que produz impulsos elétricos – ele é implantado sob a pele, na base da coluna. O dispositivo tem um controle remoto, que permite escolher as variações de intensidade dos choquinhos.

Vale destacar que a *definição* do que seria a “máquina de orgasmos”, ou a “Nasf”, é introduzida pelo operador “consiste em”.

Ressaltamos que, em vista do propósito mais explicativo do texto em torno das pesquisas sobre sexo, identificamos apenas uma definição no texto em análise.

a5) Perguntas retóricas

Como estratégia para a *expansão* da informação, a jornalista formula uma *pergunta* que, em seguida, é respondida. Através desse recurso é possível garantir a progressão de informações do texto, auxiliando a compreensão do leitor:

(33) Como é possível? Sem acesso às técnicas de mapeamento do cérebro que existem hoje em dia, Kinsey arriscou uma explicação evolutiva: durante o sexo, várias regiões do cérebro são desativadas para eliminar as “distrações” cognitivas e aumentar as chances de uma transa bem-sucedida, que vai até o fim e cumpre sua missão na Terra – produzir descendentes.

Há no texto outro caso de interatividade com o leitor. Em (34), não se encontra, de fato, uma pergunta retórica, entretanto, pode-se identificar uma resposta, conformada entre parênteses:

(34) Com os dados, criou um acervo de 102 modelos que representam a vagina e seus componentes nas mais variadas formas e estados. Pode parecer coisa de tarado, mas também é ciência. Dickinson criou uma teoria anatômica do orgasmo, defendendo cientificamente a posição em que a mulher poderia obter mais prazer durante o ato sexual (resposta: sentada por cima do homem).

Embora não haja efetivamente um pergunta, a jornalista antecipa uma resposta às supostas indagações do público leitor: seria o tipo de pergunta em cuja resposta os leitores provavelmente estariam interessados.

a6) Exemplificação

A *exemplificação* se configura como uma importante estratégia divulgativa, uma vez que possibilita que o leitor associe o conhecimento divulgado às possibilidades práticas de sua ocorrência.

Podemos observar tal estratégia de *exemplificação* no excerto (35), em que se ilustra o grau de “puritanismo” do século XIX:

(35) Em 1890, uma época extremamente puritana (os ginecologistas evitavam olhar para a vagina das pacientes), ele deu um show de ousadia: usando tubos de ensaio e uma lanterna, foi o primeiro a medir com precisão todos os ângulos e tamanhos do órgão sexual feminino.

Outras *exemplificações* podem ser encontradas nos fragmentos abaixo:

(36) Examinando gogos, amputados e pessoas com paralisia cerebral, ele percebeu que, durante o sexo, as deficiências motoras podem ser temporariamente ignoradas pelo cérebro: gogos perdem a gagueira, amputados deixam de sentir os membros fantasmas e cessam os espasmos musculares que atormentam as pessoas com paralisia cerebral.

(37) O casal de pesquisadores também inventou um pênis-câmera, que gravava imagens de dentro da vagina. Com essa engenhoca, eles fizeram algumas descobertas curiosas. Por exemplo: durante o ato sexual, a cor dos órgãos sexuais femininos permite saber se uma mulher já teve filhos [...].

(38) As tentativas de medir cientificamente a excitação também foram motivadas, algumas vezes, pelo preconceito. Veja o caso do pletismógrafo peniano, inventado nos anos 50 pelo cientista checo Kurt Freund.

(39) Como os vídeos exibidos eram escuros e desfocados, as medições saíram todas erradas. Se levados ao pé da letra, os resultados do projeto teriam mostrado, por exemplo, que os homens da Polícia Montada Canadense eram tarados por... cavalos.

Em (36), a exemplificação aparece na enumeração de casos que ilustram a “grande descoberta” de Kinsey. Em (37), a jornalista exemplifica uma descoberta curiosa realizada pelo casal de pesquisadores, explicitado no operador discursivo “Por

exemplo”. Em (38), “o caso do pletismógrafo peniano” é um exemplo de tentativa “de medir cientificamente a excitação” motivada pelo preconceito. Em (39), o exemplo em torno do fato de que “os homens da Polícia Montada Canadense” poderiam ser “tarados por... cavalos” demonstra o funcionamento insatisfatório do aparelho criado pelo governo canadense.

Constata-se que a estratégia de *exemplificação* é um eficiente mecanismo de *expansão* do conhecimento, uma vez que sua utilização possibilita uma maior acessibilidade à informação que, exposta de forma meramente conceitual, torna-se abstrata ao leitor geral.

b) Procedimento de *variação*

Embora não ocorra de forma frequente no texto em questão, é possível destacar do texto uma série de casos de *variação*. A jornalista opta mais pela reiteração de termos do que pelo procedimento linguístico-discursivo de *variação*. Assim, encontram-se mais exemplos de palavras de fácil compreensão.

De forma geral, para o sentido de “(fazer) sentir desejo sexual”, duas ocorrências aparecem sob a *variação* “prazer” e seis ocorrências são registradas em torno da palavra “excitação”. A derivação adjetiva “excitada” ocorre em um exemplo, conforme em (40):

(40) Quando ligou a corrente elétrica pela primeira vez, a paciente soltou um gemido, ficou muito excitada [...].

Em termos divulgativos, há uma troca de registro entre a construção “vasos capilares [...] cheios de sangue” e a construção “mulher excitada”, conforme (41):

(41) A luz refletida pelos vasos capilares da região mostra se eles estão mais ou menos cheios de sangue, ou seja, se a mulher está mais ou menos excitada.

A extensão “sexual” aparece em duas ocorrências, conforme (42) e (43):

(42) Todo mundo sabe que a lingerie é um forte instrumento de excitação sexual [...]

(43) Quando chegam ao cérebro, esses impulsos provocam excitação sexual e orgasmo.

Vale a pena destacar o termo “prazer” que ocorre no mesmo sentido em (44), (45) e (46):

(44) Dickinson criou uma teoria anatômica do orgasmo, defendendo cientificamente a posição em que a mulher poderia obter mais prazer durante o ato sexual [...].

(45) A medida do prazer

(46) [...] mais prazer mesmo sem o uso do aparelho.

Tanto em (44) quanto em (46), o advérbio “mais” intensifica o sentido do termo “prazer”, já que as pesquisas apresentadas no texto revelam um interesse na busca desse “prazer” sexual. Em (45), o subtítulo faz menção direta às invenções cuja finalidade era identificar o grau de desejo sexual que o indivíduo pudesse sentir.

Sobre os animais, a expressão “bolinar” aparece marcada com aspas, conforme (47):

(47) [...] existem funcionários especializados em “bolinar” as fêmeas antes da inseminação – para que elas engravidem mais facilmente.

Em (47), as aspas sinalizam que a expressão “bolinar” não seria propriamente o termo adequado no que se refere à relação entre homem e animal, ou animal sendo excitado por homem. Entretanto, ao invés de simplesmente sinalizar essa inadequação vocabular, a escolha da expressão não parece ser aleatória, ou seja, por falta de outro termo específico, já que a situação caracteriza-se como algo cômico quando encarado dessa forma: o ser humano excitando um animal, na acepção de “bolinar”⁵².

As *variações* apresentadas no texto para o “ato sexual”, de forma geral, giram em torno das expressões “ato sexual” (quatro ocorrências), “sexo” (seis ocorrências) e “transar” (quatro ocorrências) e suas derivações.

Outras *variações* mais específicas para “ato sexual” podem ser observadas nas construções abaixo, realizadas linguisticamente a partir das expressões: “na cama”, “atividade sexual” e “vidas sexuais”:

(48) Eles descrevem, com um grau de detalhes inédito, os hábitos e as preferências das pessoas na cama.

(49) Enquanto observavam casais, prostitutas e prostitutos durante a atividade sexual, eles mediam a pressão, os batimentos cardíacos e as secreções das cobaias.

(50) Ela encomendou um estudo no qual médicos mediram a vagina de 243 mulheres, que foram entrevistadas sobre suas vidas sexuais.

⁵² Vale a pena destacar do dicionário Houaiss (2004, p. 106) uma das definições para “bolinar”: “tocar ou encostar-se com fins libidinosos, disfarçadamente e ger. em lugares públicos”. Dessa forma, a escolha lexical da jornalista induz o leitor a imaginar uma situação burlesca.

Em uma referência ao ato sexual que fugisse aos moldes mais tradicionais, registramos a *variação* “suruba” em um contexto de promiscuidade sexual:

(51) [...] sessões de masturbação, sexo hetero e homossexual, masoquismo e surubas em geral [...].

Vale destacar que a expressão “preliminares”, pertencente ao campo semântico de sexo, aparece no texto como *variação* de algo que equivale textualmente à “introdução”. Sua utilização está associada à tentativa de gerar humor, conforme demonstramos em (52):

(52) Então relaxe, fique à vontade, e vamos começar as preliminares.

Na construção “Levar o sexo para o laboratório”, evidencia-se que, embora a expressão remeta literalmente ao ato sexual dentro do laboratório, a ambiguidade – possibilitada pelo contexto – habilita a inferência de que o sexo tenha se tornado pauta de pesquisas científicas.

A expressão “orgasmo” aparece doze vezes ao longo do texto. As únicas *variações* encontradas foram “gozar”, conforme (53), e a expressão “transa bem sucedida, que vai até o fim”, conforme (54):

(53) Alguns minutos depois, as cobaias recebem a ordem final: “Ok, podem gozar”.

(54) [...] durante o sexo, várias regiões do cérebro são desativadas para eliminar as “distrações” cognitivas e aumentar as chances de uma transa bem-sucedida, que vai até o fim e cumpre sua missão na Terra – produzir descendentes.

Vale a pena observar que, em (53), a expressão pode não estar necessariamente referindo-se ao orgasmo, mas à consumação do ato sexual de forma geral.

É importante também destacar que as *variações* “unidade reagente” para “casal transando” e “completar o ciclo de resposta sexual” para “atingir o orgasmo” não são estratégias divulgativas, mas sim fatos divulgados, já que, em certo momento do texto, a jornalista discorre sobre a mudança de foco da sexologia. Para tanto, segundo a jornalista, os pesquisadores William Masters e Virginia Johnson adotaram “uma terminologia mais sóbria”. Nesse sentido, destaca-se uma questão de cunho metalinguístico, ou seja, a divulgação de um tema atrelado a uma questão de vocabulário que creditasse às pesquisas um cunho efetivamente científico.

Para os órgãos sexuais, foi encontrada a referência exofórica “aquilo”, conforme (55) e (56):

(55) A surpreendente história das pesquisas científicas sobre aquilo que muita gente faz, mas poucos sabem como funciona

(56) [...] com orgasmos rápidos, e quase ilimitados, sem mão naquilo nem aquilo na mão.

Em (56), destaca-se o jogo de palavras que remonta motes do senso comum, tais como: “mão naquilo, aquilo na mão”, “mão na coisa, coisa na mão”, etc.

Para a genitália masculina, as *variações* registradas oscilaram entre “pênis” (duas vezes) e “órgão” (uma vez). Já para a genitália feminina, o termo “vagina” aparece (cinco vezes) e, quando a *variação* é “órgão”, vem seguida da extensão “sexual feminina” (por duas vezes), conforme (57) e (58):

(57) [...] foi o primeiro a medir com precisão todos os ângulos e tamanhos do órgão sexual feminino.

(58) Por exemplo: durante o ato sexual, a cor dos órgãos sexuais femininos permite saber se uma mulher já teve filhos [...]

No subtítulo “O colecionador de vaginas”, o termo “vagina” não se configura como *variação* de “genitália feminina”, na realidade, o termo refere-se aos modelos que representavam as vaginas.

No texto analisado, a divulgação do conhecimento científico, acerca das pesquisas relacionadas ao sexo, menciona a invenção de algumas “máquinas”. Sistematizamos, pois, as *variações* que fazem referência a elas.

No quadro abaixo, destacam-se as *variações* para o termo “pênis-câmera” registradas no texto:

Pênis-câmera
<i>engenhoca</i>
<i>sonda vaginal fotopletismográfica</i>
<i>palitinho</i>
<i>aparelho</i>

Quadro 6: *variações* encontradas no texto SUPER 255-05 para “pênis-câmera”.

Em relação ao “pletismógrafo peniano”, duas *variações* foram registradas: “aparelho” e “maquininha”.

Para “Fruit Machine” registra-se, além da *variação* “aparelho”, a tradução do termo para o português: “Máquina da fruta”. O mesmo ocorre para “Máquina de orgasmos”. Além de duas ocorrências do termo “aparelho”, registram-se, em duas outras ocorrências, a sigla a qual intitula a máquina (“Nasf”); em uma ocorrência, o significado da sigla (“Neurally Augmented Sexual Function”); e, em outra, sua tradução em português (“função sexual neurologicamente aumentada”).

Registramos, assim, um modesto aparecimento de *variações* para expressões relacionadas diretamente ao sexo. E no que tange às genitálias masculinas e femininas, não há construções eufêmicas a fim de se evitar os termos. Entretanto, a utilização de palavras genéricas remete à reprodução do senso comum, possivelmente para se aumentar a adesão do público geral, já que essas utilizações foram realizadas a partir da intertextualidade com motes populares. Nesse sentido, a troca de registro busca, antes, aspectos que remetam ao burlesco do que a tentativa de suavizar os termos considerados tabu.

c) Procedimento de *redução*

O procedimento linguístico-discursivo de *redução* foi utilizado na reportagem para condensar discussões que são apenas mencionadas no texto. Ou ainda, podemos perceber o uso desse recurso em casos de simplificação do conhecimento científico (tais como pressupostos teóricos, metodologia e discussões dos resultados) não necessariamente desenvolvido na reportagem.

No subtítulo “O colecionador de vaginas”, o pioneirismo do médico americano Dickinson em criar um acervo de modelos de vagina é sumarizado através da referência intertextual com o filme “O colecionador de ossos”.

Da mesma forma, construções tais como “Acabava de ser inventada a primeira “máquina de orgasmos” da história” em (59) e “Bastaria apertar um botão” em (60) reduzem a complexidade das pesquisas que extrapolam a simplicidade sintetizada nas construções:

(59) Ele estava operando uma paciente que sofria dores crônicas nas costas e resolveu implantar eletrodos na espinha dorsal dela. A idéia era enviar impulsos elétricos para o cérebro, bloqueando os sinais de dor. Só que Meloy descobriu um efeito bem diferente. Quando ligou a corrente elétrica pela

primeira vez, a paciente soltou um gemido, ficou muito excitada e disse: “Você vai ter que ensinar ao meu marido como fazer isso”. Acabava de ser inventada a primeira “máquina de orgasmos” da história.

(60) Quando chegam ao cérebro, esses impulsos provocam excitação sexual e orgasmo. Noventa e um por cento das mulheres que participaram do primeiro teste aprovaram o aparelho. Agora o dr. Meloy está começando a testar o Nasf em homens. Ele acredita que, com o uso prolongado, o implante poderia fortalecer as ligações elétricas entre os órgãos sexuais e o cérebro, gerando um benefício permanente: mais prazer mesmo sem o uso do aparelho. Meloy espera que, daqui a no máximo dois anos, o Nasf já esteja disponível no mercado para uso terapêutico. Pode ser o começo do sexo puramente digital: com orgasmos rápidos, e quase ilimitados, sem mão naquilo nem aquilo na mão. Bastaria apertar um botão.

Em (59), observa-se a lacuna⁵³ que há entre a operação realizada pelo médico Meloy e o resultado final: a “máquina de orgasmos”. Em (60), as expectativas em relação à máquina (basta apenas apertar um botão) estão além do que de fato se verifica no estágio atual da pesquisa.

Outro exemplo de *redução* é o que se verifica em torno da teoria evolucionista de Darwin: “produzir descendentes” na Terra, consoante (61):

(61) [...] Kinsey arriscou uma *explicação evolutiva*: durante o sexo, várias regiões do cérebro são desativadas para eliminar as “distrações” cognitivas e aumentar as chances de uma transa bem-sucedida, que vai até o fim e cumpre sua missão na Terra – produzir descendentes.

Síntese da análise

Em linhas gerais, o texto apresenta um registro, em relação às pesquisas sobre o ato sexual, que tende ao informal, embora mantenha expressões associadas às denominações específicas e, portanto, menos informal, como é o caso de “pênis” e “vagina”. É importante ressaltar que a reportagem está permeada de referências intertextuais com ditos populares, clichês, ou com nome de filme, por exemplo. As expressões do senso comum revelam a reprodução desse tipo de discurso.

Na busca por um vocabulário informal, para melhor interagir com seu público leitor, observa-se a marcação de aspas em palavras como “distrações”, em “distrações cognitivas”, “bolinar” e “cuequinhas”, que, a princípio, têm a finalidade de justificar a troca de registro para uma melhor adequação ao texto divulgativo.

Em relação ao procedimento *expansão*, as explicações são compostas por analogias que aproximam a nova informação às experiências cotidianas do leitor.

⁵³ Um procedimento que se inicia a partir de uma cirurgia com vistas à solução de um problema crônico nas costas, poderia resultar em um veículo de excitação sexual.

Destacamos também a estratégia da exposição didática de *descobertas*, por meio de *motivações e procedimentos*.

A respeito da forma como são apresentadas as descobertas na reportagem, podemos levantar a hipótese de que a jornalista assume o ponto de vista de as pesquisas sobre o ato sexual nem sempre serem garantidas pelos moldes rígidos da metodologia científica tradicional. Essa tese polemiza a discussão sobre sexo, considerada, ainda, tabu em nossa cultura.

O procedimento linguístico-discursivo de *variação* não aparece com tanta frequência no que se refere às expressões relacionadas diretamente ao sexo. Não houve a intenção de interditar em grandes proporções as referências às genitálias femininas ou masculinas, talvez justamente pelo fato de as expressões que aparecem no texto terem sido as padrões: “pênis” e “vagina”. Vale lembrar o uso de palavras genéricas e sem a marcação de gênero que representaram sentidos considerados tabu em construções como “aquilo que todo mundo faz” e “mão naquilo”, de modo a reproduzir o discurso do senso comum. As *variações* mais evidentes foram as que estiveram atreladas aos aparelhos que surgiram como consequência de descobertas científicas.

Em relação ao procedimento linguístico-discursivo de *redução*, sua utilização basicamente se restringiu a questões pontuadas no texto que, para facilitar a compreensão, não foram desenvolvidas e caracterizadas desde a perspectiva científica.

6.1.5. SUPER 249-01: A ciência do palavrão

No texto SUPER 249-01 do *corpus*, cuja reportagem é intitulada “A ciência do palavrão”, constante da seção *Ciência*, os jornalistas Alexandre Versignassi e Pedro Burgos constroem um texto expositivo-argumentativo acerca do *palavrão*, demonstrando algumas questões envolvidas quando da sua utilização. O texto toca em questões que vão desde aspectos biológicos, como a participação do cérebro na produção do palavrão, até reflexões do âmbito da linguística e as relações desse tipo de léxico com as representações sociais de dadas sociedades em certas épocas. Dessa forma, justifica-se a inclusão desse texto ao final de nossa análise, haja vista sua relação intertextual com nosso trabalho, nomeadamente a abordagem acerca de palavras consideradas tabu por seu caráter interdito em nossa sociedade, bem como as representações sociais as quais elas podem revelar.

Embora, a princípio, o conhecimento a ser divulgado esteja atrelado ao âmbito das ciências humanas, observa-se que, em grande parte do texto, expõem-se questões

ligadas a ciências naturais, tais como patologias cerebrais e funcionamento orgânico quando da produção do palavrão.

A partir do subtítulo da reportagem “Os xingamentos mostram a evolução da linguagem, das sociedades e, de quebra, ajudam a desvendar o cérebro”, espera-se que o texto apresente “os xingamentos” pelo viés da “evolução da linguagem” e “das sociedades” e também a partir dos aspectos biológicos envolvidos no cérebro. Isso poderia indicar um texto que discorresse sobre (i) discussões linguísticas atreladas às representações sociais e, ainda, (ii) algumas questões sobre o funcionamento do cérebro no que diz respeito ao uso do palavrão. Explícito na expressão “de quebra”, poder-se-ia inferir que a discussão biológica não seria o foco do texto.

Não obstante, o que se verifica – desde o primeiro parágrafo depois do *lead*, que responde às suas perguntas retóricas – é que a discussão introdutória do texto tange às ciências naturais, já que os jornalistas abrem as discussões acerca do palavrão evocando pesquisas que demonstram o “nascimento” do palavrão em determinada região cerebral.

No *lead*, duas perguntas retóricas, conforme em (1) e (2), e uma situação evocada do cotidiano, como em (3), provocam a interatividade com o leitor. Em (4), o marcador discursivo “Pois é”, acende as discussões que se iniciam desde o segundo parágrafo e que serão abordadas ao longo do texto:

(1) Por que diabos “merda” é palavrão?

(2) Aliás, por que a palavra “diabos”, indizível décadas atrás, deixou de ser um?

(3) Outra: você já deve ter tropeçado numa pedra e, para revidar, xingou-a de algo como “filha-da-puta”, mesmo sabendo que a dita nem mãe tem.

(4) Pois é: há mais mistérios no universo dos palavrões do que o senso comum imagina.

Em uma perspectiva metalinguística, proposta pela própria reportagem, (1) leva à reflexão da segunda pergunta retórica em (2). Em (3), a ponderação vai da metalinguagem à cumplicidade com o leitor, buscando seu conhecimento de mundo para as possíveis explicações posteriores. É o caso de (4), que, através do marcador discursivo “Pois é”, dá início às discussões, sintetizadas em forma de paráfrase da consagrada máxima de Shakespeare, em sua peça *Hamlet*: “Há mais mistérios entre o céu e a Terra do que supõe a nossa vã filosofia”.

Segundo os jornalistas, a solução – explicação – para “os mistérios no universo dos palavrões” estaria na ciência: “Mas a ciência ajuda a desvendá-los”.

Sobre essa ciência, a referência inicial é a ciência natural (5) e prossegue-se nesse âmbito, recrutando-se mais validações da esfera científica biológica (6). Sendo que é somente a partir desses primeiros argumentos que insurgem discussões atreladas à psicologia (7):

(5) “Pesquisas recentes mostram que as palavras sujas nascem em um mundo à parte dentro do cérebro”.

(6) A medicina ajuda a entender isso.

(7) É o que pensa o psicólogo cognitivo Steven Pinker, da Universidade Harvard.

Outra perspectiva latente no texto refere-se às reflexões que giram em torno dos palavrões relacionados às representações sociais (8), a partir disso, começa-se a estabelecer relações com aspectos linguísticos (9), nomeadamente a representação social atrelada a uma expressão, por força de um possível significado negativo que ela poderia abarcar:

(8) Pegar mulheres à força permitia que um macho fizesse dezenas, centenas de filhos, coisa que contou pontos no jogo da evolução. Já para as mulheres isso é o inferno.

(9) Daí foi natural que a expressão “foder alguém” virasse sinônimo de “fazer um grande mal”.

Destaca-se em (8) a utilização pelos jornalistas do termo “macho”, ao invés da palavra “homem”, para oposição ao termo “mulheres”. Essa opção lexical revela a nuance de virilidade impregnada no ato de “pegar à força” uma parceira sexual. Dessa forma, podemos perceber o caráter conservador da revista, que, através dessa denominação, reproduz o estereótipo de masculinidade comum em nossa sociedade. Outros exemplos ilustram o elo entre as representações sociais e a questão linguística, como podemos visualizar em (10), (11), (12), (13) e (14):

(10) A coisa é tão arraigada que até uma palavra inocente hoje, como “coitado” ou “tadinho”, sua variante mais fofa, significa “aquele que sofreu o coito”.

(11) “Que se dane!”, “diabos” ou “vá para o inferno” já foi algo mais impactante. Claro: até décadas atrás não havia prognóstico pior que não ir para o céu quando morresse.

(12) Outra: quando “câncer” era sinônimo de morte, também não podia ser dita livremente. Nos obi-tuários, a pessoa não morria de câncer, mas de “uma longa enfermidade”.

(13) “Que a peste invada as casas de ambos!” Uma baita ofensa no século 16, quando a peste bubônica ainda era uma ameaça na Europa. Mas agora, no mundo limpo e cheio de antibióticos que a gente conhece, o xingamento shakespeariano parece inócuo.

(14) Mais uma mostra de como os palavrões flutuam com o espírito do tempo são as expressões que são tabu num lugar e não têm nada de mais em outro.

Em (10), observa-se a relação intertextual com a análise de nossa dissertação, nomeadamente as representações sociais sobre sexo em nossa cultura. Na metalinguagem exposta sobre o significado da expressão “coitado”, “sofrer o coito” abarcou apenas o significado negativo da ambivalente concepção sobre sexo. Não obstante, tanto em (11), quanto em (12) e (13), as noções sobre tabu são mais gerais, ou seja, extrapolam compreensões relacionadas apenas ao sexo para demonstrar o valor social que certas questões poderiam representar, quando concebidas como “desgraça” em determinada época. Em (14), a informação divulgada conclui as relações que existem entre uma “desgraça” e a representação de um termo ou expressão como tabu.

Finalmente, partindo dessa perspectiva das representações sociais, os jornalistas atingem, em definitivo, o âmbito linguístico, à guisa de uma conclusão para o texto, como se procede em (15):

(15) “Isso depende dos mecanismos de conservação da língua, que são o ensino, os meios de comunicação e os dicionários. As palavras relacionadas a sexo que não são palavrões são quase todas da literatura científica, como pênis e ânus”, explica a lingüista Wânia de Aragão, da Universidade de Brasília.

Em (15), observa-se a seleção lexical estreitamente associada à Linguística nas expressões “mecanismos de conservação da língua”, “ensino” e “meios de comunicação e os dicionários”, validadas pelo argumento de autoridade de uma linguista. No discurso direto de Wânia de Aragão, chama-se atenção para o fato de que as palavras que designam questões associadas ao sexo, e não são palavrões, pertencem à literatura científica.

Como se supõe em um texto de finalidade divulgativa, quer seja na área das ciências humanas, quer seja na área das ciências naturais, sobretudo em um veículo de conformação almanaquista, parte do conhecimento exposto advém como consequência de perguntas retóricas, assim como já expusemos nos exemplos em (1) e (2).

Na esteira dessa retórica, a maioria das perguntas realizadas no texto simulam uma interatividade com o leitor. Como se observa em (16), (17), (18), (19) e (20), as perguntas realizadas são, em seguida, respondidas pelo próprio locutor, ou na voz de uma autoridade:

(16) Os palavrões, por esse ponto de vista, são poesia no sentido mais profundo da palavra. Duvida?

(17) Coincidência? “Não. Não é por acaso que as substâncias que mais dão nojo também sejam vetores de doenças. [...].

(18) Afinal, sexo é bom, não? Não necessariamente.

(19) Mas espera aí: como algo tão barra-pesada vira uma palavra até bonitinha? É o que vamos ver.

(20) Mas quem decide o que é palavrão e o que não é? “Isso depende dos mecanismos de conservação da língua, que são o ensino, os meios de comunicação e os dicionários. As palavras relacionadas a sexo que não são palavrões são quase todas da literatura científica, como pênis e ânus”, explica a lingüista Wânia de Aragão, da Universidade de Brasília.

Em (20) a “resposta” à pergunta é apresentada a partir de um argumento de autoridade validado na voz de uma professora da Universidade de Brasília. As perguntas retóricas, nesse texto, cumprem a finalidade de introduzirem as novas informações a serem divulgadas, em um esquema que garante a progressão do texto. Especificamente em (16), a pergunta “Duvida?” é o intróito de um exercício interativo de reflexão proposto pelos jornalistas em (21):

(21) Então pense em uma palavra forte. “Paixão”, por exemplo. Ela tem substância, sim, mas está longe de transmitir toda a carga emocional da paixão propriamente dita.

Na mesma expectativa divulgativa, a interatividade e a inclusão do leitor no texto, mesmo que de forma simulada, remetem a construções que se assemelham a interações face a face, observáveis através de marcadores discursivos típicos da oralidade, como nos exemplos seguintes:

(22) Duvida?

(23) Coincidência?

(24) Mas espera aí: como algo tão barra-pesada vira uma palavra até bonitinha? É o que vamos ver.

(25) Veja só.

Nesse sentido, em (25), observa-se que gramaticalmente o verbo “ver” é apresentado no modo imperativo. É sabido que sua função textual ultrapassa a questão puramente gramatical do verbo, exercendo um papel discursivo de interatividade com o leitor, a partir da expressão “Veja só”. Buscando-se essa interação, a função fática da linguagem pode ser expressa através da utilização dos verbos em modo imperativo, que

ora prepara o leitor para a inserção de uma informação nova como em (26), ora incita-o à realização de algum exercício de reflexão como exposto em (21) e ainda observável em (27) e (28):

(26) Veja o caso da síndrome de Tourette.

(27) Para entender isso melhor, complete a frase “João ___ Maria” [...].

(28) Note que a origem de “fodido” e seus equivalente não envolve o sexo [...].

Em (27) e (28), a reflexão sobre um aspecto linguístico parte de um didatismo dos jornalistas a fim de que se compreenda a relação das representações que se fazem sobre sexo e o desenvolvimento de um palavrão.

Outro recurso é a evocação da cumplicidade do leitor, expressa ainda na função apelativa da linguagem, concretizada através do procedimento de inclusão do leitor, como em (29) e (30), de pergunta retórica, como em (31), ou representação de indeterminação do sujeito, por meio de termo nominal, como em (32):

(29) Mas você não precisa ter lesão nenhuma para se descontrolar de vez em quando, claro.

(30) E colocou em números cientificamente rigorosos [...] aquilo que você já sabia [...]

(31) Afinal, sexo é bom, não?

(32) Mas agora, no mundo limpo e cheio de antibióticos que a gente conhece [...]

A cumplicidade com o leitor aliada à tentativa de levá-lo a uma reflexão para que o conhecimento em questão se torne mais inteligível, aparece no texto por meio de uma estratégia divulgativa que se refere à utilização de analogias com fatos corriqueiros. Dessa maneira, uma situação hipotética é levantada, para que o leitor possa compreender o conhecimento enfocado, por meio de um exemplo mais próximo de seu cotidiano:

(33) [...] você já deve ter tropeçado numa pedra e, para revidar, xingou-a de algo como “filhanda -puta”, mesmo sabendo que a dita nem mãe tem.

(34) Se você xingar alguém gratuitamente e o sujeito não ficar bravo, significa que ele é seu amigo.

(35) Se você fosse excretar alguma dessas coisas na rua, essa também seria a ordem de impacto nas outras pessoas [...]

(36) [...] você pode dizer que João fez amor com Maria, dormiu com, fez sexo com, transou com...

(37) Se você for a Portugal, vai ver que eles preferem cu e rabo para referirem-se às nádegas [...]

O texto como um todo é revestido do registro informal, remetendo à já mencionada interação face a face e quebrando a rigidez peculiar do discurso científico. Em vista desse processo de divulgação do conhecimento, destacam-se construções que tangem a conversas descontraídas de caráter informal, tais como:

(38) Isso mostra que, sem o gânglio basal para tomar conta, o sistema límbico se solta todo.

(39) Timothy Jay sabe do que está falando. É um expert em palavrões.

Em (39) observa-se que, como estratégia divulgativa, os jornalistas recontextualizam um argumento de autoridade na forma de uma construção popular para validação do discurso. Estratégia semelhante é utilizada em forma de analogia com “jogos” para explicação da teoria darwiniana:

(40) Pegar mulheres à força permitia que um macho fizesse dezenas, centenas de filhos, coisa que contou pontos no jogo da evolução.

Outros exemplos da utilização do registro informal podem ser observados nos trechos a seguir:

(41) Com os palavrões, a história é outra.

(42) [...] a coisa mudou de figura, e câncer, apesar de ainda dar calafrios, virou uma palavra bem mais corriqueira.

(43) E também há o inverso: palavras normais que viram tabu. Em algum momento da história do português um sujeito chamou pênis de “pau”. E uma palavra originalmente “pura” enveredava para o mau caminho.

(44) A palavra “esquizofrênico”, por exemplo, nasceu na ciência, mas agora, com o aumento dos diagnósticos de doenças mentais, caiu na boca do povo.

(45) Mas saber quais serão os palavrões do futuro é tão impossível quanto prever o futuro [...] do Corinthians.

Em (45), a iniciativa de levar o conhecimento mais abstrato ao domínio mais corriqueiro fica patente no chiste com um dos mais populares times de futebol do Brasil, tradicionalmente criticado pelos torcedores de outras equipes.

Uma vez que estamos tratando de aspectos do texto que tangem à oralidade, não poderíamos deixar de mencionar marcadores discursivos tais como “daí”, que aparece

em (46) e (47), e expressões de forma geral que simulam a interação face a face, como em (48) (49) (50) (51) (52) e (53):

(46) Daí que grupos de homens adoram usar cumprimentos como “Fala, cuzão!”

(47) Daí foi natural que a expressão “foder alguém” virasse sinônimo de “fazer um grande mal”.

(48) Não é à toa.

(49) Veja só.

(50) Coincidência? “Não. [...]”.

(51) Mas com um grande e gordo “puta que o pariu” a história é outra.

(52) Mas espera aí: como algo tão barra-pesada vira uma palavra até bonitinha? É o que vamos ver.

(53) Outra: quando “câncer” era sinônimo de morte, também não podia ser dita livremente.

Outros recursos importantes para a quebra da formalidade são a adjetivação (54) (55) (56) (57) (58) (59) (60), expressão com valor de adjetivo (61), a intensificação por alguma expressão de valor adjetivo, como exposto em (14), ou valor adverbial, visualizável em (61), (62) e (63), ou mesmo o uso de verbo (64) que, embora pareçam construções que remetam a algum tipo de juízo de valor, na verdade são estratégias para tornar a informação mais acessível, como se observa nos excertos a seguir:

(54) Mas o sistema límbico é burro. Burro e sincero.

(55) Mas com um grande e gordo “puta que o pariu” a história é outra.

(56) Traduzindo: palavrões são f*ck.

(57) Tão f*ck que nem os usamos só para xingar.

(58) Já para as mulheres isso é o inferno.

(59) [...] a violência sexual dentro dos presídios está aí para provar. A coisa é tão arraigada que até uma palavra inocente hoje, como “coitado” ou “tadinho”, sua variante mais fofa, significa “aquele que sofreu o coito”.

(60) Mas espera aí: como algo tão barra-pesada vira uma palavra até bonitinha? É o que vamos ver.

(14) Mais uma mostra de como os palavrões flutuam com o espírito do tempo são as expressões que são tabu num lugar e não têm nada de mais em outro.

(61) Então, quando a idéia era insultar para valer, nada melhor que mandar alguém para o inferno.

(62) O papel delas é ter poucos, e bons, filhos. Então selecionar o pai é fundamental, e engravidar de alguém que a violentou, um baita prejuízo.

(63) Uma baita ofensa no século 16 [...]

(64) Se você for a Portugal, vai ver que eles preferem cu e rabo para referirem-se às nádegas, e que coram quando alguém fala “broche” (o termo sujo para sexo oral).

No que se refere aos adjetivos empregados em (56) e (57), destaca-se a utilização de uma gíria (“foda”), cuja base é o próprio palavrão. O exercício metalinguístico provoca humor, uma vez que o uso da expressão pelos jornalistas exemplifica como a expressão é rotineiramente aplicada. Curiosamente, há uma “censura” à expressão através da utilização do asterisco. Entretanto, a palavra – e suas derivações gramaticais – que, em seu sentido mais básico, ainda que considerado chulo, remete à relação sexual, aparece no texto mais três vezes e sem nenhum tipo de interdição:

(65) [...] “foda” e “merda” (ou “fuck” e “shit”) correspondem à metade de todos os palavrões ditos – sem contar suas variantes.

(66) Daí foi natural que a expressão “foder alguém” virasse sinônimo de “fazer um grande mal”.

(67) Note que a origem de “fodido” e seus equivalente não envolve o sexo apenas como uma ferramenta de submissão de homens contra mulheres.

A diferença do emprego em (56) e (57) para (65) (66) e (67) reside no fato de que, nestes últimos, a aplicação é metalinguística, ou seja, usam-se as expressões com a cabível “licença científica”, por elas constituírem *corpus* da exposição e exemplificação da pesquisa. Em (56) e (57), o emprego das expressões fica a cargo dos jornalistas, não mais sendo objeto de estudo, mas parte integrante da linguagem do texto. Nesse sentido, um texto que, por um lado, tenta abordar cientificamente uma questão considerada tabu, por outro, ratifica a representação social do palavrão como algo impronunciável, ou agente desestabilizador dos bons costumes.

Para finalizar essa análise linguística geral do texto, é importante destacar os trechos em que os jornalistas tecem considerações sobre o caráter “tabu” de certas palavras, como exposto em:

(14) Mais uma mostra de como os palavrões flutuam com o espírito do tempo são as expressões que são tabu num lugar e não têm nada de mais em outro.

(43) E também há o inverso: palavras normais que viram tabu. Em algum momento da história do português um sujeito chamou pênis de “pau”. E uma palavra originalmente “pura” enveredava para o mau caminho.

Em (14), destacam-se as variações temporais e regionais como condição *sine qua non* para dada sociedade considerar uma palavra “normal” como tabu. O acaso da constituição do palavrão é sinalizado pela história hipotética em (43). Assim, nesses trechos, podemos observar que os jornalistas chamam a atenção para o caráter estritamente atrelado à representação de cada época para a concepção de uma expressão como tabu.

6.1.5.1. Procedimentos linguístico-discursivos de *expansão*, *variação* e *redução*

a) Procedimento discursivo de *expansão*

a1) Exemplificação⁵⁴

Como estratégia divulgativa dos jornalistas, podemos observar a inserção, ao longo do texto, de *explicações*, a partir das quais se desenvolvem algumas *exemplificações*. Destacamos algumas dessas *explicações* – divididas e nomeadas por nós de (A) a (I).

A primeira *explicação* que aparece no texto, a *explicação* (A), tem como função principal apresentar o “lugar” do palavrão no cérebro:

(A) [...] as palavras sujas nascem em um mundo à parte dentro do cérebro. Enquanto a linguagem comum e o pensamento consciente ficam a cargo da parte mais sofisticada da massa cinzenta, o neocórtex, os palavrões “moram” nos porões da cabeça.

Explica-se também a “síndrome de Tourette”, conforme exposto em (B), que desencadeia a especificação dos sintomas da doença (68) e um contra-exemplo (69):

(B) Essa doença [síndrome de Tourette] acomete pessoas que sofreram danos no gânglio basal [...].

⁵⁴ A categoria nomeada por nós é a *exemplificação*, entretanto, foram identificadas informações que relacionam a *explicação* à *exemplificação*. Ou seja, para facilitar a compreensão do leitor, os jornalistas explicam um certo conhecimento e, logo em seguida, apresentam *exemplos* sobre ele. Indissociavelmente, como estratégia divulgativa, observa-se a presença de *explicações*, para as quais se apresentam *exemplos*.

(68) Elas passam a ter tiques nervosos o tempo todo. E, às vezes, mais do que isso. De 10 a 20% dos pacientes ficam com uma característica inusitada: não param de falar palavrão.

(69) Mas você não precisa ter lesão nenhuma para se descontrolar de vez em quando, claro. Como dissemos, basta tropeçar numa pedra para que ela corra o sério risco de ouvir um desaforo.

Em (C), observa-se a *explicação* pelo viés linguístico-cognitivo, demonstrando através de um argumento de autoridade (70), que este tipo de linguagem requer mais de nossas faculdades de expressão do que a linguagem comum:

(C) “Mais do que qualquer outra forma de linguagem, xingar recruta nossas faculdades de expressão ao máximo: o poder de combinação da sintaxe; a força evocativa da metáfora e a carga emocional das nossas atitudes, tanto as pensadas quanto impensadas”.

(70) É o que pensa o psicólogo cognitivo Steven Pinker, da Universidade Harvard. Em seu livro mais recente, *Stuff of Thought*.

Para ilustrar a *explicação* (C), os jornalistas expandem a informação sobre a utilização emotiva e social do palavrão, conforme (71) e, em seguida, demonstram através de *exemplos* de situações hipotéticas a aplicação desse conceito, como em (72) e (73):

(71) [Os palavrões são] Tão f* que nem os usamos só para xingar. Eles expressam qualquer emoção indizível, seja ruim, seja boa.

(72) Então, se um jogador de futebol grita palavrões depois de marcar um gol, ele não o faz por ser mal-educado, mas porque só uma palavra saída direto do sistema límbico consegue transmitir o que ele está sentindo.

(73) Outra prova de eficácia é que eles estreitam nossos laços sociais. Se você xingar alguém gratuitamente e o sujeito não ficar bravo, significa que ele é seu amigo. Daí que grupos de homens adoram usar cumprimentos como “Fala, cuzão!” Isso deixa claro que todos ali são íntimos.

Para o exemplo (73), uma *explicação* complementar é apresentada e desenvolvida, ancorada em um discurso de autoridade (74):

(74) “Perceber o xingamento como agressão ou ferramenta social depende do contexto”, disse o psicólogo Timothy Jay, da Faculdade de Artes Liberais de Massachusetts, para a revista americana *New Scientist*. “Num vestiário masculino, por exemplo, quem não xinga é o ‘panaca’”.

O ponto central do texto argumentativo ocorre no momento em que os jornalistas situam duas questões básicas da existência humana. Segundo eles, “sexo” e “excrementos” são inerentes à vida e, também, aos palavrões. A *explicação* (D) mostra o porquê da relação dos palavrões com os excrementos:

(D) [...] as substâncias que mais dão nojo também sejam vetores de doenças. A reação de repulsa à palavra é o desejo de não tocar ou comer a coisa” [...].

No caso da *explicação* (D), assim como em (F), a exemplificação antecede a *explicação*. No *exemplo* constam, de forma escalonada, as matizes potenciais de um palavrão (75):

(75) “Merda” é um palavrão mais ofensivo que “mijo”, por sua vez mais pesado que “cuspe”, que nem palavrão é.

Na tentativa de justificar o porquê de sexo ser considerado como algo básico para a formação de palavrões, haja vista que a relação sexual poderia na verdade evocar sentimentos agradáveis e não o contrário, os autores conceituam o contraponto sobre a questão, na voz do psicólogo da Universidade de Harvard, já citado no exemplo (70):

(E) “Ele [sexo] traz altos riscos, incluindo doenças, exploração, pedofilia e estupro. Esses males deixaram marcas nos nossos costumes e emoções”, diz Pinker.

Na perspectiva exposta em (E), pode-se evidenciar a apresentação de representações negativas acerca do sexo. Dessa forma, destaca-se o caráter tabu associado ao sexo, haja vista a ambivalência inerente ao ato sexual: embora seja algo positivo para a evolução da espécie, ou mesmo para a obtenção de prazer, traz consigo uma série de patologias físicas e psíquicas que auxiliam na composição na concepção de expressões relacionadas ao sexo como palavrões.

Na esteira dessa *explicação*, dois *exemplos* são demonstrados, um primeiro de caráter reflexivo, através de um exercício interativo (76), e outro (77) de caráter expositivo, que conta com o conhecimento de mundo do leitor, para preencher as lacunas de informação:

(76) Daí foi natural que a expressão “foder alguém” virasse sinônimo de “fazer um grande mal”. Para entender isso melhor, complete a frase “João ___ Maria” para mostrar que eles transaram, usando apenas uma palavra. Quase todas as opções para preencher a lacuna são palavrões. Já os termos leves para relação sexual sempre carregam a preposição “com”: você pode dizer que João fez amor com Maria, dormiu com, fez sexo com, transou com...

(77) O estupro homossexual sempre foi, e segue sendo, uma forma eficaz de deixar claro num bando de machos quem é o chefe – a violência sexual dentro dos presídios está aí para provar.

Em (77), a informação é tratada como acordada entre locutor e interlocutor. Para tanto, não há maiores explicações.

Antecedente à *explicação* (F), acerca da oscilação da carga de um tabu ao longo da história, a exemplificação ilustrativa em (78) abre espaço para outros exemplos que tangem à “morte de um palavrão”, conforme (79) e (80):

(F) “A perda de eficácia das palavras tabus relacionadas à religião é uma óbvia consequência da secularização da cultura ocidental”, afirma Pinker.

(78) [...] até décadas atrás não havia prognóstico pior que não ir para o céu quando morresse. Então, quando a idéia era insultar para valer, nada melhor que mandar alguém para o inferno.

(79) Outra: quando “câncer” era sinônimo de morte, também não podia ser dita livremente. Nos obituários, a pessoa não morria de câncer, mas de “uma longa enfermidade”.

(80) Em *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, por exemplo, há uma passagem dizendo: “Que a peste invada as casas de ambos!” Uma baita ofensa no século 16, quando a peste bubônica ainda era uma ameaça na Europa.

Em (F), o argumento de autoridade elucida a atual representação social da cultura ocidental em relação à religião: numa sociedade eminentemente antropocêntrica, o maniqueísmo apregoadado pelo culto à espiritualidade não surte grande efeito nefasto.

Nessa mesma linha de discussão, outra questão é levantada, agora, entretanto, acerca do nascimento de um palavrão, conforme a *explicação* (G), ilustrada no *exemplo* (81) e ratificada pela afirmação de autoridade em (82):

(G) E também há o inverso: palavras normais que viram tabu.

(81) Em algum momento da história do português um sujeito chamou pênis de “pau”. E uma palavra originalmente “pura” enveredava para o mau caminho.

(82) “A palavra vira tabu quando ganha um sentido simbólico”, afirma o etimólogo Deonísio da Silva, da Universidade Estácio de Sá.

Explícito na expressão antônima “palavras normais”, destacamos em (G) o claro posicionamento dos jornalistas em relação ao que se considera tabu: algo anômalo em relação aos costumes de uma sociedade. Ressaltamos, pois, a concepção preconizadora de preceitos morais, no que tange aos palavrões, expressa no discurso dos jornalistas.

Acerca da afirmação de autoridade em (82), os jornalistas recorrem a uma situação hipotética para ilustrá-la em (83):

(83) Se você for a Portugal, vai ver que eles preferem cu e rabo para referirem-se às nádegas, e que coram quando alguém fala “broche” (o termo sujo para sexo oral).

Em relação às representações sociais que cada cultura pode ter acerca dos palavrões, os jornalistas valem-se da *explicação* (H) de uma linguista, seguida de um contra-exemplo (84):

(H) “[...]. As palavras relacionadas a sexo que não são palavrões são quase todas da literatura científica, como pênis e ânus”, explica a linguista Wânia de Aragão, da Universidade de Brasília.

(84) A palavra “esquizofrênico”, por exemplo, nasceu na ciência, mas agora, com o aumento dos diagnósticos de doenças mentais, caiu na boca do povo. E está virando xingamento.

Por fim, na esteira do procedimento de *expansão*, através das estratégias divulgativas de *explicação* e *exemplificação*, os jornalistas evidenciam a dificuldade de se prever um fenômeno linguístico como “a vida e a morte de um palavrão”. Para tanto, promove-se uma analogia com o universo do futebol (I), levando-se a cabo a imprevisibilidade do processo, através de um exemplo hiperbólico do livro de um comediante (85):

(I) Mas saber quais serão os palavrões do futuro é tão impossível quanto prever o futuro da tecnologia, da humanidade ou do Corinthians.

(85) O livro [O Guia do Mochileiro das Galáxias de Douglas Adams] diz que o palavrão mais sujo entre os habitantes dos outros planetas da Via Láctea é uma expressão bem conhecida dos terráqueos: “bélgica”.

A estratégia divulgativa utilizada pelos jornalistas, sistematizada por nós a partir dos trechos selecionados, demonstra que o discurso de divulgação científica é permeado por uma série de *explicações*. Podemos evidenciar que, no texto em questão, essas *explicações* funcionam como núcleos cognitivos para que se desenvolvam uma série de *exemplos* e, até mesmo, outras *explicações*, permitindo uma maior compreensão e consequente interação com o leitor da *Superinteressante*.

a2) Definição

Outra questão importante em relação ao procedimento de *expansão* são alguns trechos que ilustram a intenção de *definir* alguns termos técnicos, a fim de que o conhecimento em questão se torne mais acessível.

Pode-se observar esse recurso através da inserção de informações, entrecortadas por vírgulas explicativas, como ocorre em (86) para definição de “neocórtex”, em (87) para “sistema límbico” e em (88) para “gânglio basal”:

(86) Enquanto a linguagem comum e o pensamento consciente ficam a cargo da parte mais sofisticada da massa cinzenta, o neocórtex, os palavrões “moram” nos porões da cabeça.

(87) [...] os palavrões “moram” nos porões da cabeça. Mais exatamente no sistema límbico. É o fundo do cérebro, a parte que controla nossas emoções. Trata-se de uma zona primitiva: se o nosso neocórtex é mais avantajado que o dos outros mamíferos, o sistema límbico é bem parecido. Nossa parte animal fica lá.

(88) [...] gânglio basal, a parte do cérebro cuja função é manter o sistema límbico comportado [...].

Em (86), a *definição* de “neocórtex” é anterior a sua *denominação* isolada entre vírgulas. Em (87), os jornalistas valem-se de uma metáfora, “morar”, sinalizada entre aspas, para definir o “sistema límbico” como a região onde se localizam os palavrões. A enunciação das características funcionais do “sistema límbico” é expressa através de verbos prototípicos da *definição*, tais como o verbo “ser” e o pronominal “tratar-se”. Em (88), determina-se a função do “gânglio basal” através de uma personificação, a qual se configura como uma importante estratégia divulgativa, já que apresenta-se numa linguagem acessível aos leitores, realizada na expressão “manter [...] comportado”. Evidencia-se, nesse último caso, a representação em nossa cultura de que falar palavrão é “comportar-se mal”.

Com relação às retomadas coesivas, para definição de “síndrome de Tourette”, um período independente, exposto em (89), também é dedicado à definição, assim como ocorre em (87):

(89) [...] síndrome de Tourette. Essa doença acomete pessoas que sofreram danos no gânglio basal [...].

A hipótese para a utilização de períodos curtos é a de que, para o texto de caráter divulgativo, a sintaxe mais simples auxilia na compreensão das informações, tornando-as mais didáticas e, conseqüentemente, mas acessíveis ao leitor desse tipo de texto.

A consideração de “zona primitiva” para sistema límbico, em (87), vem especificada pela utilização de dois pontos. Esse procedimento é recorrente em textos divulgativos, cujo intuito é fornecer subsídio teórico para que o leitor possa compreender o texto como um todo, aumentando o grau de fluência da reportagem.

Em relação ao procedimento de *expansão* do conhecimento, informações complementares podem aparecer entre parênteses, conforme (90) e através do verbo “ser”, idiossincrático de definições, visualizável em (91) e (92):

(90) [...] “broche” (o termo sujo para sexo oral).

(91) Os palavrões, por esse ponto de vista, são poesia no sentido mais profundo da palavra.

(92) “As palavras relacionadas a sexo que não são palavrões são quase todas da literatura científica, como pênis e ânus”, explica a linguísta Wânia de Aragão, da Universidade de Brasília.

Em (91), a *definição* por meio de analogia recorre a uma crença do senso comum de que a poesia está sempre atrelada às emoções. Em (92), a reflexão sobre as palavras intituladas como “normais” pelo texto, no que se referem aos termos associados ao sexo, ou são consideradas palavrões, ou são pertencentes à linguagem científica, não havendo, portanto, a categoria “linguagem comum” para esse tipo de termo. Essa expansão de informação vem validada pelo argumento de autoridade de uma linguísta.

Ainda sobre os aspectos linguísticos, uma exemplificação trazida pelos jornalistas culmina na *definição* de dois termos considerados palavrões (93):

(93) [...] hoje ninguém se lembra mais de “caralho” como sendo a cestinha que ficava no alto do mastro dos navios, ou “boceta” como uma caixa pequena e redonda.

Os jornalistas remontam à etimologia das palavras, cujas acepções originais eram “puras”, conforme considerações apresentadas no texto. Nesse sentido, podemos destacar a ideologia dos produtores do texto, que concebem as palavras referentes popularmente às genitálias masculinas e femininas como impuras, ou ainda, que seguiram o “mau caminho”. Isso é um reflexo, patente na revista, das concepções de nossa cultura acerca dos palavrões: configuram-se como expressões consideradas tabu, ou seja, que devem ser evitadas para não atentar contra a moral da sociedade.

b) Procedimento de *variação*

Levando em consideração a função metalinguística do texto em questão, os jornalistas argumentam sobre o papel dos palavrões atrelados ao contexto em que são empregados. Assim, a maioria das *variações* que registramos na análise ocorre não como estratégia divulgativa propriamente dita, no sentido de se buscar uma expressão que melhor se ajustasse ao registro informal do texto, mas sim, como exemplo de ocorrências alternativas para os termos que constituem o próprio conhecimento divulgado, nesse caso, o palavrão.

Para tanto, serão identificados esses casos de metalinguagem nos excertos a seguir.

Os jornalistas apresentam *variações* do ato de usar palavrões, através de matizes de modalização, por exemplo, em (94), (95) e (96), em que as condições do contexto não implicam uma intencionalidade de ofensa por parte do locutor, mas evidenciam toda uma lógica cognitiva e comunicativa por parte dos falantes:

(94) [...] se um jogador de futebol grita palavrões depois de marcar um gol, ele não o faz por ser mal-educado [...].

(95) Se você xingar alguém gratuitamente e o sujeito não ficar bravo, significa que ele é seu amigo.

(96) [...] homens adoram usar cumprimentos como “Fala, cuzão!”

Nesses exemplos, *variações* como “gritar palavrões”, “xingar gratuitamente”, ou ainda “usar cumprimentos” levam à compreensão do ato de utilizar palavrão não como ofensa. Esse tipo de estratégia no texto marca a função metalinguística da exposição, levando-nos a considerar uma gama de exemplos de *variações* como exemplificação metalinguística dos termos considerados palavrão, ou melhor, do conhecimento divulgado.

Nessa linha de metalinguagem, observamos o procedimento de *variação* como “foder alguém” para “ato sexual” numa acepção de “fazer mal a alguém”, observável em (97):

(97) Daí foi natural que a expressão “foder alguém” virasse sinônimo de “fazer um grande mal”.

A “resposta” ao exercício de reflexão de linguagem (27) – “Para entender isso melhor, complete a frase ‘João ___ Maria’” – é também referente ao ato sexual. Entretanto, ao ressaltarem o tipo de relação em que há a participação “de igual para igual” entre os parceiros, os jornalistas expõem uma gama de *variações*: “fez amor com”, “dormiu com”, “fez sexo com”, “transou com”. Os jornalistas ainda destacam que, nesses exemplos, há a presença da preposição “com”, que marcaria a reciprocidade da ação. Para referência a esse ato sexual em específico, ou seja, o ato sexual de igual para igual, registra-se no texto a expressão “Participaram do sexo”.

Ainda sobre a questão sexual, os jornalistas explicam a origem do termo “coitado” e sua variação, “tadinho”, como “aquele que sofreu coito”. A partir disso,

torna-se mais evidente a exemplificação do ato sexual sem “igualdade” entre parceiros como algo nefasto para a parte submissa.

Para o termo “pênis”, os autores utilizam uma *variação denominativa*, através de uma suposição da origem do termo “pau” como referente à genitália masculina, observável em (98):

(98) Em algum momento da história do português um sujeito chamou pênis de “pau”.

Denominando o termo “pau” como expressão que designa popularmente a genitália masculina, a origem hipotética facilita a compreensão do surgimento do palavrão como algo à mercê da imprevisibilidade.

Na mesma perspectiva, acerca da exploração linguística dos termos, encontramos a *variação* regionalista para o português de Portugal sobre a expressão “nádegas”, nomeadamente os termos “cu” e “rabo”, considerados chulos no português do Brasil.

De forma geral, descartando-se a intenção metalinguística do texto, podemos sistematizar os procedimentos de *variação* para as seguintes ideias: a oposição entre palavrão e não-palavrão; a utilização do palavrão; o palavrão em si; e o estupro.

Em uma tentativa de criar oposição ao que é considerado palavrão, as palavras que não são palavrões aparecem como “linguagem comum” em dois excertos:

(99) Enquanto a linguagem comum e o pensamento consciente ficam a cargo da parte mais sofisticada da massa cinzenta, o neocórtex, os palavrões “moram” nos porões da cabeça.

(100) Por isso mesmo, alguns pesquisadores consideram o palavrão até mais sofisticado que a linguagem comum.

Outras variações para a mesma designação são: “expressões que não têm nada de mais”, “palavras normais”, “termos leves” e “palavra pura”.

Para a exposição de um caso de mudança linguística, em que uma palavra se torna palavrão, a expressão utilizada foi “enveredar para o mau caminho”. Podemos perceber que o discurso dos jornalistas reforça a noção de palavrão como tabu, o que nos permite compreender o tipo de representação que se tem das palavras consideradas chulas, particularmente atreladas a aspectos sexuais.

Para o ato de utilização do palavrão, foram encontradas as seguintes variações: “xingar”, “se descontrolar”, “ofender” e “insultar”.

Já no que se refere aos palavrões propriamente ditos, encontramos dois exemplos em que aparecem a referência “palavra suja”, tal como em (101) e (102):

(101) Pesquisas recentes mostram que as palavras sujas nascem em um mundo à parte dentro do cérebro.

(102) Não que isso impeça termos científicos de hoje, como “pedófilo”, de virar palavra suja um dia.

Ressaltamos, mais uma vez, a concepção dos jornalistas sobre os palavrões, que reproduz o discurso do senso comum: o caráter “impuro” dessas expressões e que, por isso mesmo, devem ser evitadas. Um discurso que põe em evidência apenas o sentido negativo das ambivalentes palavras que, em sua etimologia, não designariam propriamente uma ofensa.

Outros casos de *variação* podem ser visualizados na tabela abaixo:

Palavrões
<i>desaforo</i>
<i>algo tão barra-pesada</i>
<i>ofensa</i>
<i>xingamento</i>
<i>as sujeiras</i>

Quadro 7: *variações* encontradas no texto SUPER 249-01 para “palavrões”

Para “estupro”, foram encontradas, além da própria expressão, duas construções equivalentes, como “pegar à força” (103) e “violência sexual” (104):

(103) Pegar mulheres à força permitia que um macho fizesse dezenas, centenas de filhos, coisa que contou pontos no jogo da evolução. Já para as mulheres isso é o inferno.

(104) [...] a violência sexual dentro dos presídios está aí para provar.

Em termos gerais, evidencia-se que a maior parte das *variações* nesse texto esteve associada à tentativa dos jornalistas em ilustrar termos alternativos às expressões julgadas palavrões. Entretanto, vale lembrar que a utilização dessas ocorrências pode demonstrar concepções da nossa cultura em relação a essas palavras, designadamente que os palavrões pertencem à ordem do que deve ser evitado e, portanto, são considerados como tabu.

c) Procedimento de *redução*

O procedimento linguístico-discursivo de *redução* aparece através de poucos exemplos no texto. De forma geral, construções tais como “expressões que não tem nada de mais”, “palavras normais”, “termos leves” e “palavra pura” podem ser consideradas um tipo de *redução*, já que, nesses casos, questões de caráter linguístico complexas são *reduzidas* a considerações sintéticas que, embora não conceituem de fato o conjunto das expressões que não são consideradas tabu, são capazes de efetuar o significado necessário para o desenrolar do texto.

Outro procedimento de redução pode ser identificado em (105), quando da cumplicidade evocada pelos jornalistas, isentando-se de maiores explicações:

(105) Mas agora, no mundo limpo e cheio de antibióticos que a gente conhece [...].

Uma estratégia divulgativa que ocorre em dois exemplos análogos é o *resumo*, em forma de construção coloquial, da informação exposta. Nesses exemplos, a *redução* ora ocorre anteriormente à informação mais desenvolvida consoante (106), ora ocorre posteriormente ao conhecimento exposto de forma mais complexa e técnica consoante (107):

(106) Mas o sistema límbico é burro. Burro e sincero. Justamente por não pensar, quando essa parte animal do cérebro “fala”, ela consegue traduzir certas emoções com uma intensidade inigualável.

(107) “Mais do que qualquer outra forma de linguagem, xingar recruta nossas faculdades de expressão ao máximo: o poder de combinação da sintaxe; a força evocativa da metáfora e a carga emocional das nossas atitudes, tanto as pensadas quanto impensadas”. Traduzindo: palavrões são f*.

Podemos observar que, tanto em (106) quanto em (107), as expressões de valor adjetivo reduzem a complexidade da informação, através de termos corriqueiros, coloquiais e até mesmo considerados chulos.

Síntese da análise

Em relação ao texto analisado, podemos perceber que ele divulga dados científicos de um conhecimento corriqueiro em nossa cultura – o palavrão. Entretanto, esse conhecimento é concebido em forma de tabu, expressando a representação social

sobre os palavrões – tanto através do julgamento dos jornalistas, quanto através de discursos científicos atribuídos a especialistas.

Como estratégia divulgativa, nessa reportagem, os jornalistas valem-se de um registro informal, buscando-se certa interatividade com o leitor. Para isso, aproveitam-se do que o próprio tema pode-lhes oferecer: uma maior proximidade entre os locutores peculiar à linguagem considerada como palavrão.

No que se refere aos procedimentos linguístico-discursivos de divulgação, o recurso mais recorrente é a *expansão*. Notabiliza-se que esse recurso, além de trazer informações para a divulgação do tema, contribui cognitivamente para que o leitor possa realizar uma leitura global do texto, reduzindo as lacunas de conhecimento e efetivando a progressão textual. Os conceitos são didaticamente divididos e incrustados de exemplos.

Já em relação ao procedimento de *variação*, foram encontrados poucos exemplos, haja vista que o próprio texto, de forma metalinguística, aborda uma questão referente ao léxico, embora a temática em grande parte esteja voltada para questões biológicas de funcionamento do cérebro e das representações sociais que esse tipo de linguagem reflete. Para tanto, diversas abordagens histórico-sociais são realizadas a fim de que se evidencie o desenvolvimento do palavrão em diversas culturas. Nesse sentido, destacamos que, uma vez que o texto divulga um conhecimento, cuja área de interesse é a linguística, o tratamento do léxico sob *variação* é o próprio foco de divulgação e não uma estratégia divulgativa geral.

O procedimento de *redução* ocorre apenas em casos de compartilhamento de informação dada como tácita entre locutor e interlocutor. Isso revela que os jornalistas não abrem mão de expor questões técnicas sobre o assunto, mesmo que, para isso, tenham que gerenciar os dois procedimentos linguísticos, ou seja, *expandir* o conhecimento para depois *reduzi-lo* a um nível cognitivo mais acessível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos o processo que caracteriza a divulgação científica em relação às estratégias linguístico-discursivas utilizadas na difusão de temas relacionados ao tabu na mídia impressa brasileira, estabelecemos como *corpus* os textos publicados acerca de tópicos temáticos referentes aos tabus sexuais, no decorrer do ano de 2008, na revista *Superinteressante*.

A partir da análise que realizamos em torno do processo de recontextualização do discurso sobre ciência na *Superinteressante*, pudemos identificar, no tratamento linguístico-discursivo de informações sobre temas considerados tabu, as estratégias linguístico-discursivas através das quais a revista reelabora seu discurso destinado ao público geral e jovem. Ainda, foi possível depreender de seu discurso, através dos temas relacionados a questões sexuais que representam o homem e a mulher, o tratamento expresso pela revista: a constituição de textos que consideram o eixo de comparação acerca do universo masculino a partir do universo feminino e vice-versa.

Além disso, esse eixo comparativo estende-se aos procedimentos metodológicos da ciência, ou melhor, do modo de se fazer ciência arrolado ao longo da história, destacando-se na revista discussões contrapostas entre ciência antiga e ciência atual, ou, ainda, senso comum e conhecimento científico. Nessa última instância, podemos evidenciar que a intenção da *Superinteressante* aparentemente seria a de não assumir a concepção do senso comum ou de ciência “atrasada”, mas sim trazer à tona as representações sociais feitas ao longo da história da ciência ou mesmo aquelas que modernamente caracterizam nossa sociedade.

Pode-se perceber, entretanto, que, embora os textos analisados se revistam da intenção de desmitificar o senso comum, a *Superinteressante* (re)produz representações sociais, em nossa sociedade contemporânea ocidental. Isso ocorre quer seja por uma questão mercadológica, no intuito de atrair o público consumidor – os jovens –, quer seja por mera dificuldade de desvinculação do senso comum; a *Superinteressante*, dessa forma, aproxima-se do discurso geral e, mais especificamente, do universo jovem.

Podemos constatar que a revista promove a aproximação entre a informação técnica-científica e as concepções típicas das relações sociais habituais, divulgando e, ao mesmo tempo, fomentando a curiosidade em relação ao conhecimento que envolve os aspectos sexuais humanos.

Nesse sentido, observamos que os temas considerados tabus, relativos a questões sexuais, são concebidos no espaço ideológico da revista por meio de matizes jocosas.

Ou seja, os temas que comumente são encarados sob o viés do interdito, na revista *Superinteressante*, refletem as características de seu público leitor: a subversão dos valores tidos como tabu, frequentemente abordado com finalidade chistosa no grupo social dos jovens.

Fatos comuns do cotidiano adolescente, ou mesmo questões e dúvidas importantes ligadas ao universo jovem, que em geral não são claramente discutidas por seu caráter tabu, são recriadas a partir de uma linguagem em que prevalece o humor, a criatividade, as associações inusitadas e a coloquialidade.

Diversas outras estratégias para que as informações específicas do campo científico atinjam um interlocutor inscrito no quadro do público geral foram recrutadas, de modo que não só a acessibilidade da informação fosse promovida, como também o público leitor pudesse ter seu interesse despertado pela revista.

A partir de um vocabulário informal, utilizado para melhor interagir com seu público leitor, a revista *Superinteressante* promoveu uma série de referências intertextuais com ditos populares, clichês e nomes de filme, demonstrando sua forte associação à (re)produção do senso comum. Nesse sentido, os textos intentaram atrair a curiosidade do leitor, buscando uma relativa adequação à situação comunicativa: divulgar o conhecimento em questão através da aproximação entre interlocutores e do viés da curiosidade de construções cômicas.

As estratégias de reelaboração tecidas pela revista tangem desde o intercâmbio de registro, até a modalização e a adaptação do discurso, mesmo que isso não tenha a finalidade de ponderar acerca dos impactos que poderiam causar uma informação de caráter interdito em determinadas convenções sociais, mas sim de propiciar um efeito perturbador contrário.

Desse modo, no que se refere à linguagem da revista, o registro é, em grande parte, informal, comportando traços típicos da oralidade, evidenciado através dos marcadores discursivos que exercem importante função interativa, amarrando o texto no plano cognitivo e também na relação entre a revista e público leitor.

Em relação ao propósito comunicativo dos textos selecionados, observamos que houve um predomínio do gênero jornalístico reportagem, pois os textos pressupõem uma abordagem mais detalhada sobre o tema em questão. O único texto do *corpus* que destoou desse gênero foi a notícia *O ponto G existe?*. Mesmo assim, as informações nele “noticiadas” não chegavam a uma resposta consensual, reforçando o caráter mítico do tema discutido. Outra questão relevante é que os textos analisados apareceram apenas em duas seções da revista: *Ciência* ou *Saúde*, com predominância da primeira,

em três, dos cinco textos. Provavelmente, com essa locação dos textos nessas seções específicas, a *Superinteressante* busca atribuir um estatuto de seriedade científica aos temas tabus abordados, embora no plano da linguagem, essa característica fosse claramente subvertida, ou melhor, adequada ao público jovem cujo comportamento seja eminentemente subversivo.

Evidenciam-se da estrutura global dos textos os títulos ambíguos que remetem a uma relação do real com o imaginário, destacando-se questões sexuais. Os *leads* não têm conformações muito típicas. Ora são demasiadamente grandes, extrapolando a mera função de sintetizar a reportagem, ora são simples respostas a perguntas retóricas propostas nos títulos.

Com relação aos procedimentos linguístico-discursivos, em uma proposta de adequação da linguagem da revista de divulgação de curiosidades ao seu público geral e jovem, o procedimento mais identificado foi a *expansão*. Esse recurso notabiliza-se pela exposição de informações para a efetiva divulgação do conhecimento. Além disso, contribui cognitivamente para que o leitor possa realizar a leitura do texto como um todo, reduzindo as lacunas de conhecimento e garantindo a progressão textual. Diversas estratégias divulgativas são utilizadas para a realização desse procedimento linguístico-discursivo, tais como o didatismo na exposição das informações, a narrativização, a descrição, os argumentos de autoridade, as explicações, as analogias, as exemplificações, as definições e as denominações. Assim, destacamos o caráter eminentemente explicativo da revista, impregnada de recursos divulgativos que, atrelados a um universo jovem, tematizam questões curiosas que remetem a chistes contextualizados. Por isso mesmo, na tentativa de se aumentar a adesão do público, envolvendo uma gama de anedotas e recursos que remetem ao cotidiano do leitor, o recurso da *expansão* torna-se mais produtivo que outros procedimentos.

Também foram identificadas diversas ocorrências do procedimento de *variação* cujo emprego esteve relacionado à tentativa de se promover uma maior aproximação com o leitor. Embora a temática abordada tenha sido relativa a questões sexuais consideradas como tabu, a maior parte das *variações* não se dá em vista da modalização eufêmica da linguagem. Ao contrário, são mais provocações de difemismos para gerar humor, através de trocadilhos, ambiguidades e paródias.

Esses tons jocosos somente são possíveis uma vez que a temática em questão é o próprio tabu. Debochar do tabu é mais cômico e mais transgressivo. Dessa forma, a linha editorial da revista entra em sintonia com o público leitor, a qual busca uma

conduta de transgressão de paradigmas, através de piadas com assuntos interditos e da abordagem de temas curiosos a essa faixa etária.

Destarte, o procedimento discursivo de *variação* evidencia a representação social do tema abordado pela *Superinteressante* a partir da seleção lexical que revela as nuances de sentido de cada palavra e/ou expressão utilizada num enfoque mais irônico e sarcástico, voltado para o público geral. Nesse sentido, a revista *Superinteressante* não se configura como um veículo de difusão de conhecimento cujo único escopo seja tornar a informação mais acessível, mas sim, tem também como propósito ironizar temas de caráter científico considerados tabu, em vista de uma maior identificação com seu público leitor. Ou seja, a linguagem da revista não é simplesmente constituída de um registro divulgativo destinado ao público geral, mas de uma linguagem chistosa que (in)forma o leitor sobre certos conhecimentos de caráter científico, por meio de anedotas e jogos de linguagem jocosos.

Registramos, em geral, poucos exemplos do procedimento de *redução* e, mesmo assim, muitas vezes, os que foram identificados apareciam ou antecedidos de estratégias de *expansão*, ou subsequentes a elas. Ou seja, além de se apresentarem em poucos casos, são recursos de troca de registro: divulga-se um conhecimento e esse conhecimento é sintetizado em um registro mais simples. Evidentemente, pelo fato de a *redução* ser um procedimento característico do texto de divulgação, já que pressupõe a supressão de referencial teórico, metodologia e discussão de resultados, a sua identificação no texto seria incomum. Levando-nos à conclusão de que a revista centra-se não tanto no processo do “fazer ciência”, mas sim, no produto desse processo, exceto quando esse processo é mais inusitado do que os resultados da pesquisa. O que se pode visualizar, em casos específicos, foi a ocorrência da *redução* atrelada ao compartilhamento de informação entre locutor e interlocutor. Vale ainda ressaltar que, em alguns casos, a aplicação das *reduções* ocorreu como fator de distanciamento de discussões mais complexas e polêmicas que não constituíam o foco da reportagem.

Assim, a revista *Superinteressante* caracteriza-se como um campo fértil para a análise das estratégias divulgativas, já que atrai, inclusive pelas escolhas temáticas, a curiosidade dos leitores. Imbuída de temas excêntricos, tais como tabus relacionados a questões sexuais – foco de nosso trabalho – a revista consegue angariar um público jovem interessado em discussões polêmicas relacionadas ao seu universo.

Nesse sentido, a revista evidencia-se como um importante veículo de (in)formação para o público jovem e, ao mesmo tempo, de identificação com ele por reproduzir seu comportamento linguístico, ou melhor, reproduzir sua prática discursiva,

muitas vezes inusitada, em suas reportagens. Se o jovem se comporta de forma excêntrica, a *Superinteressante* empenha-se em despertar o interesse desse público através de textos bem-humorados, criativos e com engraçadas associações ao cotidiano do leitor, abordando a temática tabu de modo a subvertê-la, ou simplesmente de modo a corroborar, embora não de maneira ortodoxa, com sua mitificação nesse eminente veículo midiático.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, A. **Teoria das representações sociais e teorias de gênero**. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), Campinas, SP, v. 117, p. 127-147, 2003.

AUGRAS, M. **O que é tabu**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**. A teoria do romance. São Paulo: Hucitec: UNESP, 1998.

BUENO, W. Jornalismo científico: conceito e funções. *Ciência e cultura*, São Paulo, SBPC, vol. 37, n 9, p. 1420-1427, 1985.

BUENO, M. **A origem curiosa das palavras**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

CALSAMIGLIA, H. Divulgar: itinerarios discursivos del saber: una necesidad, un problema, un hecho. **Quark**, Barcelona: Observatorio de la Comunicación Científica, Universitat Pompeu Fabra, n. 7, p. 9-18, 1997.

CALSAMIGLIA, H.; CASSANY, D. Voces y conceptos en la divulgación científica. **Revista Argentina de Lingüística**, Argentina, v. 11-15, p. 173-208, 1999.

CALSAMIGLIA, H. La comunicación social de la ciencia con a pràtica discursiva. Presentació d'un projecte In: BRUMME, J. (Ed.). **La historia de los lenguajes iberorrománicos de especialidad**. La divulgación de la ciencia. UFP (Barcelona)/Vervuert (Frankfurt)/ Iberoamericana (Madrid): Institut Universitari de Lingüística Aplicada, p. 273-281, 2001.

CALSAMIGLIA, H. (Ed.). La comunicación Popularization discourse. **Discourse Studies** v. 5, n. 2, p. 139-146, 2003.

CASSANY, D.; MARTÍ, J. Estrategias divulgativas del concepto príon. **Quark**, Barcelona: Observatorio de la Comunicación Científica, Universitat Pompeu Fabra, n. 12, p. 56-66, 1998.

CATALDI, C. **Los transgénicos en la prensa española**: una propuesta de análisis discursivo. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2003. 409p. (Tese de Doutorado).

CATALDI, C. A divulgação da ciência na mídia: um enfoque discursivo. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. S.; CATALDI, C. **Gênero discursivo, mídia e identidade**. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2007a, p. 155-164.

CATALDI, C. Análise discursiva da denominação utilizada na mídia impressa para representar e divulgar o conhecimento sobre planta transgênica. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. S.; CATALDI, C. **Gênero discursivo, mídia e identidade**. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2007b, p. 193-209.

CATALDI, C. A definição utilizada como estratégia divulgativa sobre transgênico na mídia impressa. **Vertentes**, São João Del-Rei: UFSJ, n. 32, p. 256-265, 2008.

CATALDI, C. A ciência na mídia impressa: a divulgação debate sobre transgênico. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. S.; CATALDI, C. **Práticas discursivas: construindo identidades na diversidade**. Viçosa, MG: UFV, Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLet, 2009, p. 43-63.

CIAPUSCIO, G. Lingüística y divulgación de ciência. **Quark**, Barcelona: Observatorio de la Comunicación Científica, Universitat Pompeu Fabra, n. 7, p.19-28, 1997.

CORREA, T. S. Uma breve história das grandes revistas. Curso Abril de Jornalismo, 2007. Disponível em: <http://cursoabril.abril.com.br/materia_84318.shtml>. Acesso em 18 jan. 2009.

DORIA, P. A SUPER faz 20 anos. Vai fazer 30? **Superarquivo**. 2007. Disponível em: <[http://www.superinteressante.com.br/superarquivo/\\${ano}/conteudo_534599.shtml](http://www.superinteressante.com.br/superarquivo/${ano}/conteudo_534599.shtml)>. Acesso em: 12 dez. 2009.

DUQUE, P. H. Teoria dos protótipos: categoria e sentido lexical. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(22\)13.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(22)13.htm)>. Acesso em: 12 nov. 2009.

FRAZER, J. **O ramo de ouro**. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

FREUD. **Totem e tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

GÊNESIS. In: **Bíblia sagrada**. 50. ed. Edição da família. Petrópolis: Vozes, 2005.

GOMES, I. M. A. M. O texto e o discurso na revista Ciência Hoje. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. S.; CATALDI, C. **Gênero discursivo, mídia e identidade**. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2007, p. 165-191.

GOMES, M. C. A. Considerações sobre os estudos discursivos críticos: o projeto social discursivo de Norman Fairclough. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. S.; CATALDI, C. **Gênero discursivo, mídia e identidade**. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2007, p. 13-31.

GUÉRIOS, R. F. M. **Tabus linguísticos**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S; FRANCO, F. M. M. **Mini dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.17-44.

LAKOFF, G. (1987). **Women, fire and dangerous things**. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.

LIMA, W. **Da ciência ao pop**. In: Canal da imprensa. Disponível em: <<http://www.canaldaimprensa.com.br/canalant/foco/quarent5/foco2.htm>>. Acesso em: 9 dez. 2009.

- MARQUES de MELO, J. **Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo**. São Paulo: FTD, 1992.
- MELO, M. S. S. Pressupostos de uma teoria psicossocial do discurso: a semiolinguística. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. S.; CATALDI, C. **Gênero discursivo, mídia e identidade**. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2007. p. 105-124.
- MORAES, S. et. al. **Jornalismo em revista: o caso da Superinteressante**. Disponível em: <http://www.fag.edu.br/adverbio/artigos/artigo02%20-%20adv06.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2009.
- MOSCOVICI, S. **La psychanalyse, son image, son public**. Paris: PUF, 1961.
- MOSCOVICI, S. Le grand schisme. **Revue Internationale de Sciences Sociales**, v. 25, n. 4, p. 479-490, 1973.
- NOVAES, A. M. A crise da ciência: pós-modernidade e a prática do jornalismo científico em Superinteressante. **Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação**. Ano 1, n. 1, maio 2006.
Disponível em: <http://www.unimar.br/inovcom/artigo_01.pdf> Acesso em: 10 dez. 2009.
- PORTAL DO JORNALISMO CIENTÍFICO. **Jornalismo Científico**. Disponível em: <www.jornalismocientifico.com.br/conceitojornalismocientifico.htm>. Acesso em: 9 jan. 2011.
- PRETI, D. **A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.
- REDDY, M. J. A metáfora do conduto: um caso de conflito de enquadramento na nossa linguagem sobre a linguagem. **Cadernos de tradução**: Porto Alegre, n. 9, jan/mar, p. 1-72, 2000.
- RIBEIRO, C. J. **Sempre Alerta**. Condições e contradições do trabalho jornalístico. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- RIGOLIN, D. C. **Saliências visual e subjetiva como elementos norteadores na leitura de hipertextos jornalísticos**. Campinas, SP: Instituto de Estudos da Linguagem: Universidade Estadual de Campinas, 2002. (Dissertação de Mestrado).
- RODRIGUES, J. C. **Tabu do corpo**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- SANTOS, B. S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- TAYLOR, J. R. **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory**. 2. ed. Oxford: Clarendon Press (1st ed., 1989), 1995.
- ULLMANN, S. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1964.

VASCONCELLOS, Z. M. C. A influência da experiência cotidiana na linguagem. In: **VIII Fórum de Estudos Lingüísticos**. Caderno de Resumos do VIII Fórum de Estudos Lingüísticos. Rio de Janeiro: José Pereira da Silva, 2005.

VILAÇA, M. G. C. **Tabus linguísticos na publicidade brasileira**. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. 133p. (Dissertação de Mestrado).

A ciência do palavrão

Os xingamentos mostram a evolução da linguagem, das sociedades e, de quebra, ajudam a desvendar o cérebro

por Texto Alexandre Versignassi e Pedro Burgos

Por que diabos “merda” é palavrão? Aliás, por que a palavra “diabos”, indizível décadas atrás, deixou de ser um? Outra: você já deve ter tropeçado numa pedra e, para revidar, xingou-a de algo como “filha-da -puta”, mesmo sabendo que a dita nem mãe tem.

Pois é: há mais mistérios no universo dos palavrões do que o senso comum imagina. Mas a ciência ajuda a desvendá-los. Pesquisas recentes mostram que as palavras sujas nascem em um mundo à parte dentro do cérebro. Enquanto a linguagem comum e o pensamento consciente ficam a cargo da parte mais sofisticada da massa cinzenta, o neocórtex, os palavrões “moram” nos porões da cabeça. Mais exatamente no sistema límbico. É o fundo do cérebro, a parte que controla nossas emoções. Trata-se de uma zona primitiva: se o nosso neocórtex é mais avantajado que o dos outros mamíferos, o sistema límbico é bem parecido. Nossa parte animal fica lá.

E sai de vez em quando, na forma de palavrões. A medicina ajuda a entender isso. Veja o caso da síndrome de Tourette. Essa doença acomete pessoas que sofreram danos no gânglio basal, a parte do cérebro cuja função é manter o sistema límbico comportado. Elas passam a ter tiques nervosos o tempo todo. E, às vezes, mais do que isso. De 10 a 20% dos pacientes ficam com uma característica inusitada: não param de falar palavrão. Isso mostra que, sem o gânglio basal para tomar conta, o sistema límbico se solta todo. E os palavrões saem como se fossem tiques nervosos na forma de palavras.

Mas você não precisa ter lesão nenhuma para se descontrolar de vez em quando, claro. Como dissemos, basta tropeçar numa pedra para que ela corra o sério risco de ouvir um desaforo. Se dependesse do pensamento consciente, ninguém nunca ofenderia uma coisa inanimada. Mas o sistema límbico é burro. Burro e sincero. Justamente por não pensar, quando essa parte animal do cérebro “fala”, ela consegue traduzir certas

emoções com uma intensidade inigualável. Os palavrões, por esse ponto de vista, são poesia no sentido mais profundo da palavra. Duvida?

Então pense em uma palavra forte. “Paixão”, por exemplo. Ela tem substância, sim, mas está longe de transmitir toda a carga emocional da paixão propriamente dita. Mas com um grande e gordo “puta que o pariu” a história é outra. Ele vai direto ao ponto, transmite a emoção do sistema límbico de quem fala direto para o de quem ouve. Por isso mesmo, alguns pesquisadores consideram o palavrão até mais sofisticado que a linguagem comum.

É o que pensa o psicólogo cognitivo Steven Pinker, da Universidade Harvard. Em seu livro mais recente, *Stuff of Thought* (“Coisas do Pensamento”, inédito em português), ele escreveu: “Mais do que qualquer outra forma de linguagem, xingar recruta nossas faculdades de expressão ao máximo: o poder de combinação da sintaxe; a força evocativa da metáfora e a carga emocional das nossas atitudes, tanto as pensadas quanto impensadas”. Traduzindo: palavrões são f*.

Tão f* que nem os usamos só para xingar. Eles expressam qualquer emoção indizível, seja ruim, seja boa. Então, se um jogador de futebol grita palavrões depois de marcar um gol, ele não o faz por ser mal-educado, mas porque só uma palavra saída direto do sistema límbico consegue transmitir o que ele está sentindo. Outra prova de eficácia é que eles estreitam nossos laços sociais. Se você xingar alguém gratuitamente e o sujeito não ficar bravo, significa que ele é seu amigo. Daí que grupos de homens adoram usar cumprimentos como “Fala, cuzão!” Isso deixa claro que todos ali são íntimos. “Perceber o xingamento como agressão ou ferramenta social depende do contexto”, disse o psicólogo Timothy Jay, da Faculdade de Artes Liberais de Massachusetts, para a revista americana *New Scientist*. “Num vestiário masculino, por exemplo, quem não xinga é o ‘panaca’”.

Timothy Jay sabe do que está falando. É um expert em palavrões. Ele passou as últimas 3 décadas anotando as sujeiras que ouvia em lugares públicos. Juntou mais de 10 mil ocorrências. E colocou em números cientificamente rigorosos (na medida do possível) aquilo que você já sabia: “foda” e “merda” (ou “fuck” e “shit”) correspondem à metade de todos os palavrões ditos – sem contar suas variantes.

Não é à toa. Como os palavrões nascem na parte primitiva do cérebro, quase todos versam sobre as duas coisas mais básicas da existência:

Sexo e excrementos

Veja só. “Merda” é um palavrão mais ofensivo que “mijo”, por sua vez mais pesado que “cuspe”, que nem palavrão é. Se você fosse excretar alguma dessas coisas na rua, essa também seria a ordem de impacto nas outras pessoas – do mais para o menos chocante. Coincidência? “Não. Não é por acaso que as substâncias que mais dão nojo também sejam vetores de doenças. A reação de repulsa à palavra é o desejo de não tocar ou comer a coisa”, afirma o médico americano Val Curtis no livro *Is Hygiene in Our Genes?* (“A Higiene Está nos Nossos Genes?”, sem tradução para português).

Se é fácil entender por que excrescências são palavrões, não dá para dizer o mesmo sobre os termos ligados ao sexo. Afinal, sexo é bom, não? Não necessariamente. “Ele traz altos riscos, incluindo doenças, exploração, pedofilia e estupro. Esses males deixaram marcas nos nossos costumes e emoções”, diz Pinker. Foquemos em “estupro”. Do ponto de vista evolutivo, ele foi vantajoso para os homens. Pegar mulheres à força permitia que um macho fizesse dezenas, centenas de filhos, coisa que contou pontos no jogo da evolução. Já para as mulheres isso é o inferno. O papel delas é ter poucos, e bons, filhos. Então selecionar o pai é fundamental, e engravidar de alguém que a violentou, um baita prejuízo.

Daí foi natural que a expressão “foder alguém” virasse sinônimo de “fazer um grande mal”. Para entender isso melhor, complete a frase “João ___ Maria” para mostrar que eles transaram, usando apenas uma palavra. Quase todas as opções para preencher a lacuna são palavrões. Já os termos leves para relação sexual sempre carregam a preposição “com”: você pode dizer que João fez amor com Maria, dormiu com, fez sexo com, transou com... Todos os exemplos indicam que João e Maria participaram do sexo de igual para igual. Com os palavrões, a história é outra. Eles deixam claro: Maria está sempre numa posição inferior.

Note que a origem de “fodido” e seus equivalente não envolve o sexo apenas como uma ferramenta de submissão de homens contra mulheres. Mas de homens contra homens também. O estupro homossexual sempre foi, e segue sendo, uma forma eficaz de deixar claro num bando de machos quem é o chefe – a violência sexual dentro dos presídios está aí para provar. A coisa é tão arraigada que até uma palavra inocente hoje, como “coitado” ou “tadinho”, sua variante mais fofa, significa “aquele que sofreu o coito”.

Mas espera aí: como algo tão barra-pesada vira uma palavra até bonitinha? É o que vamos ver.

A vida e a morte de um palavrão

“Que se dane!”, “diabos” ou “vá para o inferno” já foi algo mais impactante. Claro: até décadas atrás não havia prognóstico pior que não ir para o céu quando morresse. Então, quando a idéia era insultar para valer, nada melhor que mandar alguém para o inferno. “A perda de eficácia das palavras tabus relacionadas à religião é uma óbvia conseqüência da secularização da cultura ocidental”, afirma Pinker.

Outra: quando “câncer” era sinônimo de morte, também não podia ser dita livremente. Nos obituários, a pessoa não morria de câncer, mas de “uma longa enfermidade”. Com os avanços no tratamento, a coisa mudou de figura, e câncer, apesar de ainda dar calafrios, virou uma palavra bem mais corriqueira. As doenças em geral, na verdade, passaram por um processo parecido. Em Romeu e Julieta, de Shakespeare, por exemplo, há uma passagem dizendo: “Que a peste invada as casas de ambos!” Uma baita ofensa no século 16, quando a peste bubônica ainda era uma ameaça na Europa. Mas agora, no mundo limpo e cheio de antibióticos que a gente conhece, o xingamento shakespeariano parece inócuo.

E também há o inverso: palavras normais que viram tabu. Em algum momento da história do português um sujeito chamou pênis de “pau”. E uma palavra originalmente “pura” enveredava para o mau caminho. Nada mais comum: hoje ninguém se lembra mais de “caralho” como sendo a cestinha que ficava no alto do mastro dos navios, ou “boceta” como uma caixa pequena e redonda. “A palavra vira tabu quando ganha um sentido simbólico”, afirma o etimólogo Deonísio da Silva, da Universidade Estácio de Sá.

Mais uma mostra de como os palavrões flutuam com o espírito do tempo são as expressões que são tabu num lugar e não têm nada de mais em outro. Se você for a Portugal, vai ver que eles preferem cu e rabo para referirem-se às nádegas, e que coram quando alguém fala “broche” (o termo sujo para sexo oral).

Mas quem decide o que é palavrão e o que não é? “Isso depende dos mecanismos de conservação da língua, que são o ensino, os meios de comunicação e os dicionários. As palavras relacionadas a sexo que não são palavrões são quase todas da literatura científica, como pênis e ânus”, explica a lingüista Wânia de Aragão, da Universidade de Brasília. Não que isso impeça termos científicos de hoje, como “pedófilo”, de virar palavra suja um dia. A palavra “esquizofrênico”, por exemplo, nasceu na ciência, mas agora, com o aumento dos diagnósticos de doenças mentais, caiu na boca do povo. E está virando xingamento.

Mas saber quais serão os palavrões do futuro é tão impossível quanto prever o futuro da tecnologia, da humanidade ou do Corinthians. O escritor e comediante inglês Douglas Adams, resumiu isso bem no clássico O Guia do Mochileiro das Galáxias. O livro diz que o palavrão mais sujo entre os habitantes dos outros planetas da Via Láctea é uma expressão bem conhecida dos terráqueos: “bélgica”.

Para saber mais

Dicionário de Palavrão e Correlatos

Glauco Mattoso, Record, 2005.

Quando a máquina dá pau

A história da impotência desde que o homem é homem.

por Texto Martha San Juan França

Era para ser apenas um problema no mecanismo de acúmulo e retenção de sangue no pênis. Mas a história da humanidade transformou a impotência em um enorme problema social. Viaje pelo lado mais mole da natureza masculina e confira por que o futuro promete ser bem menos broxante.

O mecanismo é simples. A lógica é linear. Tudo nasce com um estímulo – visual, tátil, olfativo, escolha o seu. Os neurônios do cérebro interpretam a mensagem e disparam uma resposta. Neurotransmissores pulam de sinapse em sinapse com a missão de contar ao pênis a boa-nova, às vezes nem tão boa, às vezes nem tão nova. Os cilindros esponjosos responsáveis pelo espetáculo do crescimento entendem o recado. Relaxam a musculatura e dilatam suas artérias. O sangue inunda as estruturas porosas, as veias ao redor são pressionadas, o líquido é retido no local. É a ereção.

Princípios de hidráulica e bioquímica explicam o, como diz o Aurélio, “levantamento do pênis em consequência de acúmulo de sangue em seu tecido erétil”. Coisa de máquina – e como todo maquinário, sujeito a falhas. Algumas físicas (endurecimento das artérias, problemas cardíacos ou colesterol elevado), outras psicológicas (como no dia em que a ansiedade bateu de frente e abreviou a festinha). Com uma big diferença: nenhum homem reage a uma broxada como se fosse uma falha mecânica. Bem longe disso: episódios de disfunção erétil costumam ser associados a noções culturais. Impotência. Fracasso. Falta de masculinidade. Pronto: a falha fisiológica virou um problema social, devastador não apenas para o gênero masculino – quantas vezes não são as mulheres que se culpam pelo sono em berço esplêndido do impávido colosso?

A broxada é pop. A indesejada flacidez do pênis na hora H foi debatida por todos os povos em todas as épocas. Mas nem sempre a falha foi considerada um estigma de incapacidade. No livro *Impotence: A Cultural History* (“Impotência: Uma História Cultural”, ainda sem tradução para o português), o canadense Angus McLaren, professor de história e especialista em sexualidade e medicina da Universidade de

Victoria, afirma que a definição de impotência é mais complexa do que se pensa. Trata-se de um conceito histórico – depende das circunstâncias, da cultura da época e dos padrões de desempenho masculino. Falar de broxada, portanto, é caminhar pela história humana.

O falo fala

Se pudéssemos voltar aos primórdios da civilização, desembarcaríamos em uma época em que a mortalidade infantil era alta e a expectativa de vida trombava nos 20 anos, quando muito. Ter uma penca de filhos era uma estratégia de sobrevivência familiar – representava uma chance maior de algum descendente alcançar a vida adulta e dar continuidade à família. O maior terror do homem não era broxar uma ou outra vez, mas ser estéril. Se um “velhinho” de 30 anos fosse incapaz de ter ereção depois de ter vários filhos, beleza, não tinha importância.

Um pulo à Antiguidade clássica revela uma situação bem diferente. Para os gregos, o casamento era apenas um contrato, e os filhos poderiam ser adotados se houvesse problema na reprodução. Quando a necessidade de uma descendência numerosa deixou de ser obrigação, o monstro mudou de cara. Foi provavelmente a partir do século 6 a.C. que o medo da disfunção erétil, como os médicos chamam o problema, virou o inimigo a ser combatido. Os gregos, liberais quando o assunto era sexo (eram comuns o adultério e a promiscuidade), costumavam rir de quem “navegasse sem remo”. Na Roma antiga, o poeta Catulo (84 - 54 a.C.) referia-se com carinho a seu “pardal morto”, o órgão hoje apelidado de pinto ou peru, para ficar no reino animal.

As metáforas da época deixam claro que o pênis estava associado ao poder. Para os povos guerreiros da Antiguidade, sexo significava penetração – no homem ou na mulher. Em sociedades como a grega e a romana, em que os membros da elite podiam usufruir de quem quisessem, o pênis era a viga de sustentação da transa. Não havia problema na cama desde que o homem dominasse seus parceiros. A mulher assumia um papel coadjuvante. O homem freqüentemente era bissexual – só importava que ele fosse ativo, com a espada pronta para lutar o bom combate.

Quem sentisse “fraquezas” podia se valer de afrodisíacos, palavra que remete à deusa grega do amor, Afrodite. O historiador romano Plínio (23-79 d.C.) chegou a enumerar as receitas mais populares para restaurar o apetite sexual: folhas de mandrágora, alho triturado com coentro fresco ou água da fervura do aspargo. Se esses

remédios falhassem, o jeito era apelar para pratos mais pesados: genitália de bodes e galos ou focinho e patas de lagarto com vinho branco, sementes de rúcula e satirião, uma orquídea. Hoje, sabe-se que os efeitos desse banquete são muito mais psicológicos do que físicos. O máximo que esse coquetel de estimulantes faz é acelerar a circulação, aumentando a intensidade de percepção das sensações físicas.

Culpa na cama

Novo salto no tempo, novas mudanças. No medievalismo cristão, o homem de verdade voltou a ser aquele que tinha muitos filhos. Sexo só era admitido para procriação e o autocontrole – algo inimaginável para os antigos gregos e romanos – era incentivado como uma qualidade do bom cristão. E assim, se na cultura antiga o falo ereto era um sinal de poder, no início da Idade Média virou um símbolo do pecado original. Quando o bichão se recusava a dar sinal de vida, a culpa era do Diabo. Acreditava-se que feiticeiras com pacto com o demônio tinham o poder de lançar maldições sobre a vítima: aparecer como uma amante fantasma, esfriar o desejo sexual, tornar a parceira repugnante e tampar o duto seminal para impedir a ejaculação. O antídoto era mandar diretamente para a fogueira a feiticeira que havia amaldiçoado o órgão. Também ajudava consumir iguarias que provocassem flatulência – acreditava-se que a ereção era impulsionada pelo gás abdominal.

Tudo isso vigorou até o século 18, quando se começou a falar de impotência como doença curável com o uso de tônicos e bálsamos. Outra possibilidade de cura era a aplicação de eletricidade (ai!) no órgão combalido. Era o começo, ainda incipiente, do que viria a ser o tratamento médico do problema. O front psicológico, porém, experimentava poucos avanços. Embora a Igreja não controlasse mais tanto a vida das pessoas, homens eram levados a acreditar que um pênis eternamente flácido era resultado de abusos na juventude. Era a época de um sucesso de vendas, o livro *Onania*, publicado em 1712 pelo cirurgião John Marten. O subtítulo da obra é tão vantajado quanto esclarecedor: *O Horrendo Pecado da Autopolução e Todas as Assustadoras Conseqüências em Ambos os Sexos, com Aconselhamento Espiritual e Físico para Aqueles Que Já Se Machucaram por Causa Dessa Prática Abominável*. A bola da vez passava a ser a masturbação, responsabilizada por toda a desgraça física e moral da humanidade, do câncer à esquizofrenia, da fadiga crônica à, é claro, impotência.

A coisa ficou mais dura (ok, mais mole) quando as concepções artísticas e filosóficas do romantismo ganharam espaço na Europa do século 19, associando a culpa pelo sexo solitário ao culto à santidade da mulher e à idealização do casamento. Provavelmente o exemplo mais pitoresco é o do escritor inglês John Ruskin (1819-1900), que teria proposto à esposa que esperassem 5 anos antes de ter relações. Ela acabou não aceitando, alegando que o marido ficou chocado porque o corpo feminino era diferente do que ele havia imaginado. Crítico de arte acostumado a admirar a beleza das estátuas gregas, Ruskin teria se escandalizado com o fato de a mulher real ter pêlos púbicos e aí... isso mesmo, broxava. O ideal romântico e a vida real se confundiam também na cabeça de um paciente impotente descrito por um médico americano. Segundo seu depoimento, “a esposa era muito boa, muito delicada para um mero animal como ele... era impossível dessacralizar seu lindo corpo com um ato tão vil”.

Freud excita

Veio o século 20 e com ele os estudos de Sigmund Freud (1856-1939), defendendo que a impotência resultava da inabilidade individual de conciliar os ímpetus primitivos (os desejos sexuais) com as convenções sociais e a realidade. Outros sexólogos deixaram como herança a certeza de que problemas como ansiedade e repressão eram as causas tanto da falha masculina quanto da frigidez feminina. Nem todos, entretanto, se renderam à “cura pela palavra” proposta pela psicanálise. O século 20 foi também palco de experiências que prometiam erguer o pênis na faca. O ícone dessa vertente foi o médico russo Serge Voronoff (1866-1951), para quem a baixa concentração de testosterona (o principal hormônio sexual masculino, produzido pelos testículos) poderia causar impotência ao diminuir a libido. Como solução, Serge propunha inserir uma fatia do testículo de um “doador” (um prisioneiro ou até mesmo um macaco) no escroto do receptor, com a esperança de que ocorreria uma fusão com o tecido preexistente.

Depois de centenas de operações frustradas, foi ficando claro que o tratamento não funcionava. Ao contrário: foram constatadas infecções, choques circulatórios e muitas complicações resultantes de rejeição imunológica. O ataque cirúrgico à impotência, porém, sobrevive até hoje na forma das próteses. Os modelos mais usados nada mais são do que hastes infláveis de silicone implantadas nos corpos cavernosos do pênis. Na hora H, elas são preenchidas ou por um líquido, que vem de um reservatório

no interior do abdome, ou pelo ar, por meio de uma bomba dentro do saco escrotal, que permite ao proprietário controlar a ereção.

Felizmente, a frente medicinal menos invasiva também avançou. Em 1998, o mundo recebeu com alívio o Viagra, a primeira pílula contra a impotência masculina. Ele reinou sozinho até 2001, quando foi lançado o Uprima, seguido pelo Cialis e pelo Levitra. Todos atuam potencializando o mecanismo que provoca o relaxamento da musculatura dos corpos cavernosos do pênis, aumentando o influxo de sangue e mantendo a ereção firme e prolongada. E pau na máquina!

Agora que estamos nos finalmentes, vale a pena lembrar uma frase do início do texto: “tudo nasce com um estímulo”. Só depois do incentivo erótico é que o cérebro envia para o pênis, por meio dos nervos da espinha dorsal, as mensagens químicas que possibilitam a ereção. Sobre o tal estímulo não há remédio que atue: ele vem da nossa relação com as pessoas que vivem no mundo. Isso quer dizer que a ereção pode até ser uma máquina – mas nós não somos. Mais complicado? Sem dúvida. Mas, se não fosse assim, provavelmente a vida seria, digamos, meio broxante.

Para saber mais

Impotence: A Cultural History

Angus McLaren, University of Chicago Press, 2007.

Acerte o Alvo

O ponto G existe?

por Texto Juan Torres

Sim. Pelo menos foi o que concluiu um estudo realizado por uma equipe da Universidade de L'Aquila, na Itália, e publicado em fevereiro no *Journal of Sexual Medicine*. Os pesquisadores, liderados pelo ginecologista Emmanuele Jannini, estudaram um grupo de 20 mulheres – 9 delas diziam já ter tido orgasmos vaginais, as outras 11 não.

Nas 9 primeiras, uma ultra-sonografia detectou um espessamento no tecido uretrovaginal (ver infográfico), imediatamente associado ao ponto G. Essa região, descrita na década de 1950, nunca havia sido visualizada com clareza. “É o fim das opiniões e o começo da ciência. Agora é possível estudar o assunto com um método muito simples”, disse Jannini, por e-mail, à SUPER. Para ele, o ponto G é uma estrutura congênita que determina a capacidade da mulher de ter orgasmos sem a estimulação do clitóris. Mas a comunidade científica é um pouco mais cautelosa. Beverly Whipple, neurofisiologista da Universidade de Rutgers, em Nova Jersey, e uma das responsáveis pelo estudo que deu o apelido à região, concorda que o ponto G existe, mas não acha que ele seja condição para o orgasmo vaginal. E mais: acredita que todas as mulheres tenham ponto G, mas que o espessamento do tecido possa ser consequência de estímulos sexuais mais frequentes ou eficientes. Para tirar a dúvida, seria preciso fazer o exame antes e depois de provocar esse estímulo. “Hoje, o que podemos afirmar com certeza é que há uma área sensível na parede frontal interna da vagina que incha e produz uma sensação analgésica quando estimulada”, diz Whipple.

Direto ao ponto

Encontrar a região não garante prazer, mas não custa tentar

1. O ponto G fica a cerca de 5 cm da entrada da vagina, mais exatamente entre a vagina e a uretra.
2. Você pode sentir com o dedo: é uma protuberância meio rugosa na parte superior da vagina (como se você estivesse indo ao encontro do abdômen).
3. O tecido se assemelha ao da vulva e do pênis e é cheio de glândulas e terminações nervosas. Segundo algumas teorias, se a mulher tivesse nascido homem, essa região evoluiria para a próstata.
4. O local libera a PDES, uma enzima que, nos homens, processa o óxido nítrico e estimula a ereção.

Por que os homens têm peitos?

Ninguém nunca viu macho dando de mamar, mas os mamilos continuam misteriosamente por lá. E a culpa pode ser do

por Texto Marília Juste

As mamas são essenciais no corpo feminino: são elas as responsáveis pela alimentação dos bebês em seus anos de formação mais importantes. Além disso, os peitos também têm uma função sexual para lá de relevante. Seios fartos são um poderoso fator de atração da atenção masculina, e a sensibilidade da região faz das mamas uma das principais zonas erógenas do corpo da mulher. Nos homens, no entanto, os peitos não servem para rigorosamente nada (talvez apenas para colocar um piercing ou dois naqueles mais rebeldes). Então, se não têm função, por que eles existem no corpo masculino? Somente porque são uma sobra do desenvolvimento.

“Homens e mulheres fazem parte da mesma espécie. Embora tenham órgãos diferentes, eles são, na prática, variações do mesmo tema”, explica Carlos C. Alberts, professor de zoologia e comportamento da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Assis (noroeste de SP).

A formação dos órgãos sexuais só começa no final do 2º mês de gestação. Logo, todos nós temos as mesmas estruturas, independentemente do sexo – elas só se desenvolvem de maneira diferente de acordo com o conjunto de cromossomos do futuro bebê. Quando o embrião é uma menina, o tecido das mamas se prepara para se transformar em seios na adolescência. Quando é um menino, nada acontece, e a região costuma permanecer inalterada durante toda a vida.

Ou seja, os peitos masculinos não passam de resquícios “desativados” das mamas femininas. Embora sejam formados pelo mesmo tecido, eles não têm função sexual alguma. A não ser que o homem tome hormônios femininos, o que estimula o desenvolvimento da mama – uma técnica frequentemente usada por transexuais que querem ter seios parecidos com os de uma mulher “real”.

A mulher também possui órgãos sem função, que se originam das mesmas fontes (basicamente os mesmos conjuntos de células, cooptados para funções diferentes) que vão formar partes importantes do organismo masculino. É o caso do clitóris, nascido das mesmas estruturas e com o mesmo comportamento de ereção do pênis. Os tecidos que formam o saco escrotal no homem são encontrados também nos pequenos lábios que

recobrem a vagina. Há algumas mulheres que até parecem apresentar uma estrutura parecida com o que é a próstata nos homens.

A PRÓSTATA DELAS?

Nos homens, a próstata é uma pequena glândula formada de tecidos mais densos que tem como função produzir parte do esperma (a outra parte é produzida nos testículos. Depois, o conjunto é reunido na vesícula seminal, que expelle tudo para fora pela ação dos músculos na hora da ejaculação).

Nas mulheres não há qualquer necessidade de algo parecido, mas algumas parecem apresentar um adensamento de tecidos extremamente sensível na parte interna da vagina que, em alguns casos e em algumas mulheres, pode até produzir um líquido viscoso. Para alguns cientistas, isso seria uma forma de próstata feminina.

Alguns especialistas acreditam que ela seria o mítico ponto G, a área mais sensível da vagina, que levaria a orgasmos mais intensos e que seria responsável também por outro grande mito sexual: a ejaculação feminina. Ainda não existe, no entanto, uma comprovação definitiva da presença, seja da próstata, seja do ponto G ou mesmo da ejaculação entre mulheres. O certo é que essas semelhanças aparentemente misteriosas entre os sexos não têm nada de impossível: considerando que nosso corpo é construído seguindo o mesmo padrão básico, é natural que elas surjam aqui e ali.

Temos “rabo” – ao menos a julgar pela presença do cóccix, osso no fim da coluna. Hoje, ele serve apenas para apoiar os músculos do nosso traseiro.

Sexo no laboratório

A surpreendente história das pesquisas científicas sobre aquilo que muita gente faz, mas poucos sabem como funciona

por Texto Camilla Costa

Um cientista aperta o botão start, e uma radiação fortíssima, 30 mil vezes maior que o campo magnético da Terra, atravessa duas pessoas deitadas na sala ao lado. Nos átomos delas, alguma coisa acontece: empurrados pela força, os prótons mudam de alinhamento e emitem sinais eletromagnéticos, captados por sensores ligados a um computador. Alguns minutos depois, as cobaias recebem a ordem final: “Ok, podem gozar”. Um homem e uma mulher acabam de transar, pela primeira vez na história, dentro de um aparelho de ressonância magnética (como ele é muito apertado, foi preciso recrutar um casal de acrobatas). E a ciência consegue ver, como jamais havia sido possível, o que realmente acontece no corpo humano durante o ato sexual. O fisiologista Pek van Andel constatou que o pênis é cerca de 6 centímetros mais comprido do que parece (pois parte dele fica escondida dentro do corpo) e que, ao penetrar a mulher, ele fica com formato de bumerangue. Por essas descobertas “geniais”, ganhou o Prêmio Ig Nobel – paródia do Prêmio Nobel que contempla as descobertas mais estapafúrdias da ciência. Os cientistas do sexo nem sempre sabem direito o que estão procurando, mas às vezes encontram coisas incríveis: a última descoberta da ciência sexual é uma máquina que promete orgasmos infinitos, e praticamente instantâneos, ao toque de um botão. Gostou? Então relaxe, fique à vontade, e vamos começar as preliminares.

O colecionador de vaginas

Não é de hoje que a ciência faz experiências radicais para entender melhor o ato sexual. O pioneiro da sexologia moderna foi o médico americano Robert Latou Dickinson. Em 1890, uma época extremamente puritana (os ginecologistas evitavam olhar para a vagina das pacientes), ele deu um show de ousadia: usando tubos de ensaio e uma lanterna, foi o primeiro a medir com precisão todos os ângulos e tamanhos do órgão sexual feminino. Com os dados, criou um acervo de 102 modelos que representam a vagina e seus componentes nas mais variadas formas e estados. Pode

parecer coisa de tarado, mas também é ciência. Dickinson criou uma teoria anatômica do orgasmo, defendendo cientificamente a posição em que a mulher poderia obter mais prazer durante o ato sexual (resposta: sentada por cima do homem).

O trabalho dele inspirou o biólogo Alfred Kinsey, que entre 1947 e 1953 entrevistou 18 mil pessoas para escrever dois livros, os Relatórios Kinsey, que são considerados um marco da sexologia. Eles descrevem, com um grau de detalhes inédito, os hábitos e as preferências das pessoas na cama. As revelações caíram como uma bomba nos EUA, mas a grande descoberta de Kinsey foi outra. Examinando gogos, amputados e pessoas com paralisia cerebral, ele percebeu que, durante o sexo, as deficiências motoras podem ser temporariamente ignoradas pelo cérebro: gogos perdem a gagueira, amputados deixam de sentir os membros fantasmas e cessam os espasmos musculares que atormentam as pessoas com paralisia cerebral. Como é possível? Sem acesso às técnicas de mapeamento do cérebro que existem hoje em dia, Kinsey arriscou uma explicação evolutiva: durante o sexo, várias regiões do cérebro são desativadas para eliminar as “distrações” cognitivas e aumentar as chances de uma transa bem-sucedida, que vai até o fim e cumpre sua missão na Terra – produzir descendentes.

A idéia foi confirmada nos anos 90, quando cientistas holandeses constataram forte desaceleração no córtex orbitofrontal (ligado ao raciocínio e à ansiedade) e nos lobos temporais (que controlam a memória e a fala) quando as pessoas estão transando.

O grande problema é que, empolgado com suas pesquisas, Kinsey e equipe deixaram os questionários de lado e partiram para a ação: eles começaram a promover, no porão da casa do biólogo, sessões de masturbação, sexo hetero e homossexual, masoquismo e surubas em geral, tudo filmado para posterior análise. Foi demais para a sociedade da época, que já achava os sexólogos pervertidos e imorais. Para driblar o preconceito, nos anos 60 os pesquisadores William Masters e Virginia Johnson mudaram o foco da sexologia. Eles adotaram uma terminologia mais sóbria – um casal transando era chamado de “unidade reagente”, e atingir o orgasmo era “completar o ciclo de resposta sexual” – e levaram o sexo para o laboratório, cercado de tecnologia.

Enquanto observavam casais, prostitutas e prostitutos durante a atividade sexual, eles mediam a pressão, os batimentos cardíacos e as secreções das cobaias. O casal de pesquisadores também inventou um pênis-câmera, que gravava imagens de dentro da vagina. Com essa engenhoca, eles fizeram algumas descobertas curiosas. Por exemplo: durante o ato sexual, a cor dos órgãos sexuais femininos permite saber se uma mulher já teve filhos (parte da vagina fica cor de vinho). A evolução do pênis-câmera veio com a

sonda vaginal fotopletismográfica. É um palitinho, parecido com um absorvente higiênico do tipo Tampax, que emite uma luz infravermelha no interior da vagina. A luz refletida pelos vasos capilares da região mostra se eles estão mais ou menos cheios de sangue, ou seja, se a mulher está mais ou menos excitada. A médica Cindy Meston, do Laboratório de Fisiologia Sexual, no Texas, fez o principal estudo com esse aparelho. As voluntárias deveriam colocar a sonda enquanto assistiam a cliques pornográficos e indicar (com o polegar para cima ou para baixo) se gostavam do que viam. O experimento mostra como é complicada a relação entre corpo e mente: mesmo que a maioria das mulheres não aprovasse cliques com cenas de sexo entre gays, lésbicas e animais, a sonda indicava o contrário.

As tentativas de medir cientificamente a excitação também foram motivadas, algumas vezes, pelo preconceito. Veja o caso do pletismógrafo peniano, inventado nos anos 50 pelo cientista checo Kurt Freund. O aparelho é composto por uma câmara de plástico e um anel de borracha, que são colocados no pênis para medir o fluxo de sangue e as mudanças de tamanho no órgão. Só que a maquininha foi desenvolvida com um objetivo polêmico: identificar os gays “infiltrados” no Exército checo. Não deu muito certo, e por um motivo simples: com um mínimo de sangue-frio, eles conseguiam disfarçar sua excitação. Determinado a ir além, o governo canadense criou um aparelho ainda mais sofisticado, apelidado de Fruit Machine (“máquina da fruta”, em inglês), que media a dilatação das pupilas de policiais enquanto eles assistiam a filmes eróticos. Isso porque, quando uma pessoa se interessa por algo que vê, suas pupilas se dilatam. Mas os cientistas não contaram com outro truque do corpo: as pupilas também se dilatam para deixar entrar mais luz nos olhos quando a iluminação no ambiente é pouca. Como os vídeos exibidos eram escuros e desfocados, as medições saíram todas erradas. Se levados ao pé da letra, os resultados do projeto teriam mostrado, por exemplo, que os homens da Polícia Montada Canadense eram tarados por... cavalos.

Falando em animais, eles têm um papel importante na sexologia, pois se prestam a experiências que seriam constrangedoras ou perigosas demais para nós. Graças aos bichos, o fisiologista alemão Hausmann fez uma descoberta crucial para entender o papel do orgasmo na reprodução humana. Em 1840, ele matou e dissecou uma cadela que tinha acabado de cruzar, e descobriu que os espermatozóides do macho tinham chegado muito depressa ao óvulo da fêmea. E teorizou que o orgasmo deveria ter sido responsável por isso. No século 20, a ciência moderna confirmou a idéia: o orgasmo realmente libera um hormônio, a ocitocina, que gera contrações no útero. Essas contrações puxam os espermatozóides para dentro, ajudando-os a chegar ao óvulo. Ou

seja: além de estimular as pessoas a fazer sexo, o orgasmo também aumenta as chances de reprodução. Hausmann matou muitos bichos, mas sua descoberta acabou sendo benéfica aos animais: hoje, em muitas fazendas de criação bovina e suína, existem funcionários especializados em “bolinar” as fêmeas antes da inseminação – para que elas engravidem mais facilmente.

Todo mundo sabe que a lingerie é um forte instrumento de excitação sexual, mas o médico egípcio Ahmed Shafik resolveu medir seu efeito. Ele testou 75 ratos de laboratório, que foram obrigados a usar “cuequinhas” durante um ano. Os ratinhos que vestiam cuecas de poliéster fizeram menos sexo do que aqueles vestidos com lã ou algodão. Tudo porque o atrito do poliéster com a pele deixava o pênis dos ratos carregado de eletricidade estática. Quando os pobrezinhos queriam transar e encostavam nas fêmeas, elas levavam choque e se afastavam.

A medida do prazer

Se o orgasmo move o mundo, a falta dele também. No começo do século 20, a princesa Marie Bonaparte queria descobrir por que não conseguia chegar ao orgasmo. Ela encomendou um estudo no qual médicos mediram a vagina de 243 mulheres, que foram entrevistadas sobre suas vidas sexuais. Com base nisso, concluiu que as mulheres baixinhas, de seios pequenos ou com clitóris mais perto da uretra eram capazes de ter mais orgasmos. Até hoje, essa teoria não foi comprovada pela ciência.

Mas o médico americano Stuart Meloy pode ter descoberto a cura definitiva para quem não tem orgasmos – e criado um novo tipo de divertimento para as pessoas em geral. Ele estava operando uma paciente que sofria dores crônicas nas costas e resolveu implantar eletrodos na espinha dorsal dela. A idéia era enviar impulsos elétricos para o cérebro, bloqueando os sinais de dor. Só que Meloy descobriu um efeito bem diferente. Quando ligou a corrente elétrica pela primeira vez, a paciente soltou um gemido, ficou muito excitada e disse: “Você vai ter que ensinar ao meu marido como fazer isso”. Acabava de ser inventada a primeira “máquina de orgasmos” da história. Ela se chama Nasf (Neurally Augmented Sexual Function, ou “função sexual neurologicamente aumentada”), e consiste em um par de eletrodos implantados na espinha dorsal e conectados a um pequeno gerador que produz impulsos elétricos – ele é implantado sob a pele, na base da coluna. O dispositivo tem um controle remoto, que permite escolher as variações de intensidade dos choquinhos.

Quando chegam ao cérebro, esses impulsos provocam excitação sexual e orgasmo. Noventa e um por cento das mulheres que participaram do primeiro teste aprovaram o aparelho. Agora o dr. Meloy está começando a testar o Nasf em homens. Ele acredita que, com o uso prolongado, o implante poderia fortalecer as ligações elétricas entre os órgãos sexuais e o cérebro, gerando um benefício permanente: mais prazer mesmo sem o uso do aparelho. Meloy espera que, daqui a no máximo dois anos, o Nasf já esteja disponível no mercado para uso terapêutico. Pode ser o começo do sexo puramente digital: com orgasmos rápidos, e quase ilimitados, sem mão naquilo nem aquilo na mão. Bastaria apertar um botão.

Para saber mais

Bonk: The Curious Coupling of Science and Sex

Mary Roach, W.W. Norton Publishers, 2008.